

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

ÉRIKA CRISTINA SILVA ALVES

**“MÃOZINHA TRABALHANDO E A BOQUINHA DESCANSANDO:”
O FENÔMENO DO CORPO/CORPOREIDADE NA SALA DE AULA**

UBERABA

2019

ÉRIKA CRISTINA SILVA ALVES

**“MÃOZINHA TRABALHANDO E A BOQUINHA DESCANSANDO:”
O FENÔMENO DO CORPO/CORPOREIDADE NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: Fundamentos Educacionais e Formação de Professores (Linha de pesquisa 1: Fundamentos e Práticas Educacionais), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof.vDr. Wagner Wey Moreira

UBERABA

2019

A478m Alves, Érika Cristina Silva
"Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando!" o fenômeno do corpo/corporeidade na sala de aula / Érika Cristina Silva Alves. -- 2019.
150 f. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação). -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019
Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

1. Aprendizagem. 2. Ensino fundamental. 3. Ambiente de sala de aula. 4. Corporeidade. 5. Fenomenologia I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 37.091.322.7

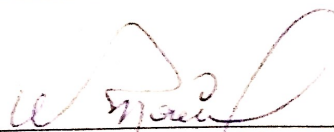
ERIKA CRISTINA SILVA ALVES

**“MÃOZINHA TRABALHANDO E A BOQUINHA DESCANSANDO”: O
FENÔMENO CORPO/CORPOREIDADE NA SALA DE AULA**

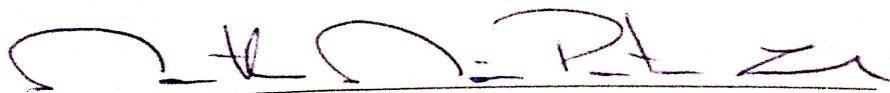
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em **Fundamentos Educacionais e Formação de Professores**, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Educação**.
Orientador: **Prof. Dr. Wagner Wey Moreira**

Uberaba, MG, 22 de fevereiro de 2019

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Wagner Wey Moreira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM



Profa. Dra. Martha Maria Prata Linhares
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM



Profa. Dra. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes
Universidade de Uberaba - UNIUBE

Dedico este trabalho à minha ancestralidade, em especial às mulheres. Honro a vocês os caminhos que percorreram para que eu pudesse estar aqui. E através destas linhas, transcendo-me.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é o sentimento mais nobre no ser humano, através dele reconhecemos o quão a vida nos presenteia diariamente com dádivas infinitas, a começar pela vida. Por isso agradeço antes de tudo a Deus, por esse dom concedido, pela vida, sinto a presença de Deus em meu ser e rendo à Ele todo o louvor, principalmente pelos inúmeros caminhos que percorri e que me trouxeram até o presente momento.

Agradeço também aos meus pais, o senhor **Francisco Roberto da Silva** e a dona **Conceição da Silva** (in memorian), que ensinaram valores e preceitos que me ajudaram a formar o meu caráter e conduta para passar pelas estações da vida. Aos meus irmãos, **Everton Roberto da Silva** e **Emerson Cândido da Silva**, por sempre estarem ao meu lado. E a toda a família, que com palavras e gestos, deram o apoio de que eu necessitava.

Ao meu esposo **Ailton Dimas Alves**, meu grande amigo e companheiro de todas as horas, agradeço pela compreensão e paciência. E ao nosso filho **José Gabriel**, pela grandeza de seus sete anos. Iluminou os meus dias com o seu sorriso. A sua existência impulsiona a querer ser melhor do que eu sou, e é por isso que estou aqui.

Ao meu querido orientador **Wagner Wey Moreira**, ser humano que em sua essência carrega dentro de si virtudes que iluminam a existência dos que se aproximam dele. Minha eterna gratidão pelos ensinamentos, por permitir que eu visse além do que os meus olhos estavam acostumados a ver, pois como disse o poeta, “eu sou do tamanho do que vejo”. Terminei esta etapa um pouquinho “maior” do que quando iniciei.

Ao grupo de pesquisa **NUCORPO**, pelas palavras de apoio e atenção. Ensinaram-me a importância da coletividade para o crescimento. Quero continuar fazendo parte dessa família.

Estendo os meus agradecimentos ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**) pela contribuição significativa para a realização desta pesquisa.

Aos meus amigos de caminhada que de forma indireta me auxiliaram com palavras amigas de incentivo, principalmente aos **professores e companheiros do Mestrado**.

Às escolas onde realizei a pesquisa, que desde o primeiro contato foram solícitas e contribuíram para a compreensão da dimensão do processo educativo.

Aos professores que compuseram a Banca Examinadora na Qualificação e nesse momento da Defesa também, pois permitiram aprimorar ainda mais o trabalho com os seus apontamentos.

Gratidão a todos!

Ela tem tal composição
e bem entramada sintaxe
que só se pode apreendê-la
em conjunto, nunca em detalhe.

Não se vê nenhum termo, nela,
em que a atenção mais se retarde,
e que, por mais significante,
possua, exclusivo, sua chave.

Nem é possível dividi-la,
como a uma sentença, em partes;
menos, do que nela é sentido,
se conseguir uma paráfrase.

E assim como, apenas completa,
ela é capaz de revelar-se,
apenas um corpo completo
tem, de apreendê-la, faculdade.

Apenas um corpo completo
e sem dividir-se em análise
será capaz do corpo a corpo
necessário a que, sem desfalque,

queira prender todos os temas
que pode haver no corpo frase:
que ela, ainda sem se decompor,
revela então, em intensidade.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

A educação é uma experiência humana que busca constantemente a (re) construção de conhecimentos relacionados às vivências do ser consigo mesmo, com os outros e com o mundo. A escola, nesse contexto, representa a sociedade e os paradigmas vigentes que norteiam o sistema educacional. A criança, ao fazer parte do ambiente escolar, interage com outras crianças e professores, passando a compreender as regras e normas vigentes no sistema. Na sala de aula aprendem a escrever, contar, relacionar com os seus pares e aos poucos constroem e ampliam a noção de mundo, descobrindo sentido à sua existência. A Fenomenologia, como base epistemológica e em especial em Maurice Merleau-Ponty, traz para as nossas reflexões o humano sob o enfoque da corporeidade. A criança, ao estudar, vivencia a sua essência na sala de aula, tornando-se corpo-criança em sua totalidade. Ao ingressar no Ensino Fundamental com seis anos em média, o aluno sai de um contexto da Educação Infantil para essa nova etapa de escolarização, a qual é diferente em sua dinâmica e proposta pedagógica. Pensando nessa questão, a presente pesquisa tem como objetivo investigar como o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental expressa o corpo/corporeidade na sala de aula. A investigação é de cunho descritivo numa abordagem qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada em três escolas da rede estadual de Uberaba-MG, com 63 alunos. A coleta de dados sucedeu-se através da observação e pelo material registrado em diários de bordo. Utilizando a técnica de abordagem qualitativa denominada Análise do Fenômeno Situado, proposta por Martins e Bicudo (1994) e Giorgi (1978) adaptada por Moreira (1992), os registros foram analisados. Nossa argumentação desenvolveu-se nas seções: O ser criança e a motricidade; O ser criança e a escola; O ser criança – corporeidade aprendente. Os resultados evidenciaram o corpo-criança na sala de aula dialogando com outras corporeidades por palavras, gestos, carinho, solidariedade, hostilidade e agressões. O corpo-criança, nesse contexto, foi eloquente, sobretudo através das brincadeiras, durante a aula. O aluno do 1º ano do Ensino Fundamental expressou-se genuinamente na linguagem infantil, ludicamente, como forma de estabelecer diálogos com o mundo à sua volta.

Palavras-chave: Corpo/corporeidade. Criança. Ensino Fundamental. Escola. Fenomenologia.

ABSTRACT

Education is a human experience that constantly seeks the (re) construction of knowledge related to the experiences of being with oneself, with others and with the world. The school, in this context, represents the society and the current paradigms that guide the educational system. The child, when being part of the school environment, interacts with other children and teachers, beginning to understand the rules and norms prevailing in the system. In the classroom they learn to write, to tell, to relate to their peers and gradually build and broaden the notion of the world, discovering meaning to their existence. Phenomenology, as epistemological basis and especially in Maurice Merleau-Ponty, brings to our reflections the human under the focus of corporeity. The child, when studying, experiences its essence in the classroom, becoming a child-body in its entirety. Upon entering primary school with an average of six years, the student leaves a context of Early Childhood Education for this new stage of schooling, which is different in its dynamics and pedagogical proposal. Thinking about this issue, the present research aims to investigate how the elementary school student expresses the body / body in the classroom. Research is descriptive in a qualitative approach. Field research was carried out in three schools of the Uberaba-MG state network, with 63 students. Data collection was achieved through observation and material recorded in logbooks. Using the technique of qualitative approach called the Phenomenon Analysis, proposed by Martins and Bicudo (1994) and Giorgi (1978) adapted by Moreira (1992), the records were analyzed. Our argument has developed in the sections: Being child and motor; Being a child and school; Being a child - learning body. The results showed the body-child in the classroom dialoguing with other corporeities by words, gestures, affection, solidarity, hostility and aggression. The body-child, in this context, was eloquent, especially through the jokes, during the lesson. The elementary school student expressed himself genuinely in children's language, ludically, as a way of establishing dialogues with the world around him.

Keywords: Body /corporeity. Kid. Elementary School. School. Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Brincadeiras.....	17
Figura 2 -Sala de aula.....	28
Figura 3 – Alfabetização.....	37
Quadro 1 - Matriz Nomotética das turmas A, B e C – Alunos.....	81
Quadro 2 - Matriz Nomotética dos Professores A, B e C.....	81

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CBC - Conteúdo Básico Comum

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PNE - Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O SER CRIANÇA E A MOTRICIDADE	17
2.1	VYGOTSKY - O COMPONENTE SOCIAL PARA A APRENDIZAGEM	18
2.2	PIAGET - FATOR BIOLÓGICO E SOCIAL INTERAGINDO	21
2.3	MOTRICIDADE – O MOVIMENTO INTENCIONAL SIGNIFICANTE	25
3	O SER CRIANÇA E A ESCOLA	28
4	O SER CRIANÇA - CORPOREIDADE APRENDENTE	37
5	ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO	44
5.1	O FENÔMENO SALA DE AULA E A ABORDAGEM METODOLÓGICA	46
5.2	UNIDADES DE SIGNIFICADO E ANÁLISES IDEOGRÁFICAS	47
5.2.1	Escola 1, Sujeitos Turma A	48
5.2.2	ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS – TURMA A	52
5.2.3	Escola 2 - Sujeitos Turma B	54
5.2.4	ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS - TURMA B	60
5.2.4.1	Escola 3 - Sujeitos Turma C	62
5.2.4.2	ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS TURMA C	68
5.2.4.3	Escola 1 - Professor Turma A	70
5.2.4.4	ANÁLISE IDEOGRÁFICA – PROFESSOR TURMA A	74
5.2.4.5	Escola 2 - Professor Turma B	74
5.2.4.6	ANÁLISE IDEOGRÁFICA, PROFESSOR TURMA B	76
5.2.4.7	Escola 3 - Professor Turma C	77
5.2.4.8	ANÁLISE IDEOGRÁFICA, PROFESSOR TURMA C	80
5.3	Análise Nomotética	80
5.4	Construção de Resultados	81
5.4.1	Questões sobre a postura e didática do professor.	81
5.4.2	Questões sobre corpo-criança na sala de aula	84
6	CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	88
	REFERÊNCIAS	90
	APÊNDICE A – Descrição das aulas	95
	ANEXO A – Horário Semanal das aulas	143
	ANEXO B - Carta de Autorização para Realização de Pesquisa	144

ANEXO C - Autorização para a Realização de Pesquisa	145
ANEXO D - Termo de consentimento livre esclarecido	146
ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP	147

1 INTRODUÇÃO

[...]
Sentir tudo de todas as maneiras, viver tudo de todos os lados.
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.
[...]
(Fernando Pessoa).

A família é a primeira instituição da qual a criança faz parte quando nasce. É na família que ela vai adquirir habilidades, valores e conhecimento de mundo, ingredientes básicos para viver na sociedade.

O segundo ambiente institucionalizado que esse ser aprendiz vai frequentar será a escola. E na escola estruturará a aprendizagem adquirida anteriormente na família, como também construirá novos recursos sociais e cognitivos ao longo de sua vida. Portanto, a escola é um importante espaço enquanto instituição socialmente organizada, onde o ser criança engendrará habilidades variadas que o ajudarão a constituir-se como cidadão autônomo, capaz de intervir no ambiente à sua volta.

Sendo a escola a principal instituição a oferecer diferentes níveis de educação formal, regulamentada pelo Estado, não se pode negar o relevante papel que ela cumpre na formação do indivíduo e muito menos deixar de pensar na relação dos principais envolvidos nesse cenário: professor e aluno.

Ainda nesse contexto, no Brasil, assim como em outras nações, a escola, como parte da sociedade, é regida por um sistema econômico, político e ideológico estruturado historicamente pelo pensamento racionalista cartesiano. Bem, se essa mesma lógica de estar e interpretar o mundo orienta a vida em sociedade, é imperioso admitir que esse mesmo pensamento também “modele” as concepções de ensino do sistema educacional do país.

E foi nesse importante espaço institucionalizado, nas relações entre os professores e colegas ao longo da vida escolar, que aprendi aos poucos estabelecer sentidos entre o meu mundo e o mundo “lá fora”. Muitas coisas que eu vivenciava, ainda em tenra idade, mostravam-se incoerentes, principalmente porque não coincidiam com a minha essência. Embora com pouca idade, já era sabedora do sentimento de deslocamento quando não vivenciamos aquilo que o seu âmago tem

necessidade. A minha infância se deu na periferia, onde eu vivia com os meus pais e seis irmãos.

A minha mãe era lavadeira e o meu pai engraxate de sapatos (o melhor da cidade), não tínhamos muitos recursos financeiros e o ambiente familiar era bastante hostil devido ao alcoolismo do meu pai. Como estudei em muitas escolas em razão do orçamento que era insuficiente para as despesas com aluguel, acabei por conhecer diversos ambientes escolares e professores. Embora tenha convivido com vários colegas, resultante das constantes mudanças ocorridas em minha história, não criei grandes vínculos afetivos com eles. Enquanto aluna, sempre fui estudiosa, no entanto, em virtude da acentuada timidez, raramente conversava, tanto dentro da sala quanto fora dela. Via-me como um corpo invisível na sala de aula. Como as aulas seguiam sempre a mesma dinâmica de copiar as atividades do quadro e resolver exercícios, essa característica de introspecção foi relegada a um segundo plano no ambiente escolar.

Os anos se passaram. Após o Ensino Médio, trabalhei por dez anos em uma empresa financeira, na qual consegui recursos para arcar com as despesas da casa onde eu morava com os meus pais, que na época já era própria (conjunto habitacional). Depois conseguimos reformar a casa porque morávamos em dois cômodos. E somente aos vinte e oito anos de idade consegui realizar o sonho de concluir o Ensino Superior. A primeira na família.

Tornei-me professora por gostar de ensinar, já que ajudava meus irmãos, colegas da escola e vizinhos nas lições de casa, e por querer fazer diferente em relação aos professores que tive ao longo dos anos. Concluída a graduação em Pedagogia, pedi demissão na empresa onde eu trabalhava e iniciei a carreira docente. Lecionei em algumas escolas da rede privada e atualmente sou professora efetiva da rede estadual de ensino de Uberaba-MG. Hoje sou casada e tenho um filho de sete anos.

Vejo a educação como algo essencial ao ser humano e penso que todo indivíduo, inserido em situações educativas - formais ou não - pertinentes às necessidades de cada ser, tem um potencial de transformação e ressignificação da própria existência, por isso o prazer em lecionar.

Os saberes construídos nessa etapa da minha vida acadêmica ajudaram-me a reinterpretar os meus primeiros anos escolares, sob a ótica do corpo/corporeidade e perceber o quanto ficaram lacunas a serem exploradas pelos professores que me

orientaram. O meu corpo-criança, em sua eloquência, falava muito para os adultos que conviveram comigo, sem pronunciar palavra alguma. Pela ausência da percepção das expressões corporais, os participantes da estrutura escolar, especialmente os professores, deixaram de perceber minhas mensagens.

Enquanto profissional da educação, agora tenho consciência da importância de perceber a criança sob esse prisma e articular em minha prática pedagógica ações que permitam o corpo-criança ser vivenciado nas experiências de aprendizagem para a formação de um ser humano inteiro em suas peculiaridades. Uma educação de corpo inteiro se faz necessária.

À procura de sentidos para as realidades pelas quais passei ao longo de minha existência, constitui saberes - e dúvidas - que fizeram com que eu chegasse até o presente momento. Entre as dúvidas que me inquietam, uma delas surgiu com o advento do mestrado e sustentam esta pesquisa que busca investigar como o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental expressa o corpo/corporeidade na sala de aula. E desse objetivo, desdobram-se os específicos, pretendendo discriminar as características do desenvolvimento infantil e a relação com a motricidade no desenvolvimento do corpo/corporeidade; analisar a relação criança e escola e o paradigma educacional bem como destacar a relevância de uma abordagem educacional a partir do corpo/corporeidade para alunos dos primeiros anos de escolarização.

Ressaltar as contribuições trazidas por Merleau-Ponty (2011), com o pensamento fenomenológico, que por influência de seus predecessores, como Husserl, circunscreveu no século XIX uma nova concepção de interpretação do mundo. Segundo Moreira e Simões (2006, p.140), nessa linha filosófica, interpretamos o mundo a partir da nossa existência. É o meu corpo sentido, vivido, que me dará margem para interpretar o mundo que me cerca.

A corporeidade, ao participar do processo educativo, busca compreender o fenômeno humano, pois suas preocupações estão ligadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura. Para essa aprendizagem não é possível reduzir a estrutura do fenômeno humano a nenhum de seus elementos. Há que utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica.

A fenomenologia influenciou outras áreas do conhecimento, dando margem para pensar os fenômenos da sociedade por uma outra ótica.

A escola, sendo um espaço articulador dos saberes instituídos pela sociedade, realiza em sua prática pedagógica ações para o desenvolvimento e aprendizagem dos discentes. Pensando nessas crianças que iniciam o Ensino Fundamental, trazendo histórias e vivências - construídas através de sua corporeidade - muito antes do contexto escolar e que começam a apreender os saberes institucionalizados pelo sistema educacional, assim como outrora iniciei, chegamos ao ponto central deste estudo. Nessa perspectiva, a presente pesquisa pretende investigar como os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental vivenciam o corpo/corporeidade na sala de aula em três escolas da rede pública da cidade de Uberaba. Chegamos a essas escolas por serem as únicas que oferecem o 1º ano do Ensino Fundamental no período da manhã na rede estadual de Uberaba e, por eu trabalhar no período vespertino, seria possível fazer a pesquisa sem interferir em meu horário de trabalho.

Importante salientar que a expressão corporal é uma forma discursiva, necessitando essa manifestação ser observada pelo professor porque interfere no ato da aprendizagem. Buscando interpretar esse fenômeno, criança/aluno em sala de aula no 1º ano do Ensino Fundamental, estruturamos a dissertação com as seções apresentadas a seguir.

Após esta primeira seção de Introdução, na 2ª seção, 'O ser criança e a motricidade', trazemos as contribuições de Piaget e Vygostky que colaboraram para o entendimento da infância no campo da Psicologia da Aprendizagem, além de expor o que autores da Ciência da Motricidade Humana cooperam nesse sentido.

A 3ª seção, 'O ser criança e a escola', faz uma investigação sobre os documentos legais que definem, orientam e garantem a educação no país, em especial do aluno do 1º ano do Ensino Fundamental, além de refletir sobre o paradigma vigente em nossa sociedade e que define a relação aluno/professor/escola. Como o corpo/corporeidade é abordado nesse contexto?

Na 4ª seção 'O ser criança: corporeidade aprendente', destacamos a importância de uma abordagem a partir do corpo/corporeidade para a vida escolar da criança, principalmente nos primeiros anos de escolarização.

Na seção seguinte, constituída pela pesquisa de campo, apresentamos a abordagem metodológica utilizada para a investigação do fenômeno criança em sala de aula no primeiro ano do Ensino Fundamental, denominada "Análise do Fenômeno Situado" (MARTINS; BICUDO, 1994) e (GIORGI, 1978), bem como interpretamos os

resultados das descobertas realizadas. Acreditamos que a Metodologia usada - de base fenomenológica – é mais adequada para esta pesquisa, haja vista que nos permite desvelar o fenômeno tal qual ele se mostra, sem perder a essência do que é apresentado durante a pesquisa de campo.

2 O SER CRIANÇA E A MOTRICIDADE

Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.
A. Camus

Figura 1 - Brincadeiras



Fonte: Ricardo Ferrari (2016)

Ser criança é alegria, brincadeira, diversão, movimento. A imagem acima representa bem o universo criança através das brincadeiras e das relações que se estabelecem, por isso essa fase é tão importante. Por isso esta seção tem como objetivo delinear - através de Piaget, Vygotsky entre outros estudiosos – as características, necessidades e peculiaridades do ser-criança que inicia o 1º ano do Ensino Fundamental na escola.

A criança passa por diferentes momentos ao longo de sua infância. Após sair do círculo familiar, adentra a sua vida escolar tendo a oportunidade de viver experiências que a ajudarão em seu crescimento.

Pensar na relação professor-aluno sob a ótica do corpo/corporeidade é antes de tudo analisar quem é essa criança e quais características essa faixa etária apresenta. Considerando as questões aludidas, a presente seção pretende apreender e encontrar em Vygotsky (2008) e Piaget (1926, 1990, 2011), autores clássicos do trato da criança e da educação, subsídios para a presente discussão.

2.1 VYGOTSKY - O COMPONENTE SOCIAL PARA A APRENDIZAGEM

Desde os pressupostos da Epistemologia do Desenvolvimento Infantil postulados por Piaget e do Sociointeracionismo por Vygotsky, a criança foi percebida com um olhar mais criterioso quando da relação de seu desenvolvimento e os cuidados com a aprendizagem.

Pensando na criança que inicia o Ensino Fundamental na escola, a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento na vida escolar possuem características comportamentais muito semelhantes para cada faixa etária quanto às capacidades para a aquisição da leitura e escrita e as possibilidades de operações matemáticas envolvendo o pensamento abstrato. Nessa fase, no interior da escola normalmente, segue-se um modelo didático diferente do vivenciado na Educação Infantil, que apresenta um caráter mais lúdico, com horários para descansos seguidos de soneca.

Já no início do primeiro ano do Ensino Fundamental, o aluno percebe essa mudança na rotina da sala de aula. Se antes a organização das carteiras era em grupinhos, agora aparece a formação das colunas tradicionais, além das especificidades disciplinares cobradas em avaliações mais estruturadas nas formas de boletins nos quais são emitidas notas/conceitos.

As crianças na idade de 6 anos, no geral, são ativas e estão em pleno desenvolvimento. Por isso as experiências que vivenciarem ajudarão a potencializar a aprendizagem, tornando mais rico o seu repertório cognitivo, social, emocional e motor. O corpo-criança nessa faixa etária demanda movimento e curiosidade de explorar o ambiente que o rodeia.

Pensando que o ser humano é um ser social e desenvolve-se a partir de sua interação com o mundo, Vygotsky (2008) elaborou sua teoria sociointeracionista atento às transformações ocorridas na primeira e segunda infâncias, de acordo com as vivências da criança nesse período.

Como o objetivo principal desse trabalho é compreender como se expressa o corpo-criança em sala de aula, mostra-se necessário saber quem é esse aluno do 1º ano do Ensino Fundamental, por isso nos apropriaremos dos trabalhos de Vygotsky (2008) e de Piaget (1926, 1990, 2011) para discutir essa fase da infância.

Vygotsky elabora boa parte de seus estudos buscando compreender a gênese dos processos psicológicos tipicamente humanos, em seu contexto histórico-

cultural, interessado em saber a respeito das funções psicológicas superiores de processos mentais superiores. Em outras palavras, “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança.”(VYGOTSKY, 2008, p.62).

O autor analisou o ser humano em sua capacidade de fazer representações mentais, por exemplo, pensar em um lugar ou objeto sem estar no lugar e tomar nas mãos um objeto pensado. Esta é uma característica tipicamente humana e essa atividade psicológica considerada como *superior* é contrária ou diferente de um mecanismo mais básico, como engatinhar, por exemplo (VYGOTSKY, 2008).

A partir daí chega-se ao conceito central do autor sobre o funcionamento psicológico, que é a possibilidade da mediação. Através da mediação o homem deixa de ter uma relação direta com o meio e utiliza-se de elementos ou mecanismos para fazer a interação homem-mundo.

Segundo Vygotsky (2008), a mediação pode ser feita através de instrumentos e signos e ambos auxiliarão na relação entre as pessoas e o meio em que vivem. Através desses elementos a raça humana teve um salto evolutivo, podendo modificar, ao mesmo tempo, o meio e a si mesmo. Esses signos, que são chamados por ele de instrumentos psicológicos, ajudam o homem nas atividades psíquicas, portanto, possuem um caráter interno no indivíduo.

O autor em referência também chegou a um outro conceito importante no uso dos signos, o processo de internalização. O ser humano, por meio dos signos já internalizados, faz a mediação com o mundo. Um exemplo disso é a linguagem, que é um saber internalizado por um grupo de pessoas e usado para a comunicação entre os indivíduos. “É no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal” (VYGOTSKY, 2008, p. 5).

O autor enfatiza a importância da interação social para a aprendizagem, explicando que a criança desde quando nasce vai internalizando símbolos e signos com os adultos à sua volta e daí construindo saberes.

Na mesma obra por nós utilizada, Vygotsky salienta a correlação entre pensamento e linguagem, explicando como desenvolvem-se no indivíduo.

Se compararmos o desenvolvimento inicial da fala e do intelecto [...] com o desenvolvimento da fala interior e do pensamento verbal, devemos concluir que o último estágio não é uma simples continuação do primeiro. A natureza do próprio desenvolvimento se transforma, do biológico para o sócio-histórico (VYGOTSKY, 2008, p. 63).

Percebemos a linguagem como uma estrutura do funcionamento psicológico superior, articulada e racional, utilizando signos, símbolos, divididos por indivíduos de uma determinada cultura, podendo então elaborar mecanismos mais sofisticados de interação e comunicação.

Polemizando sobre o tema, questionamos: não seria também a expressão corporal a primeira linguagem da criança?

As percepções descobertas por Vygotsky também chegaram ao desdobramento do significado das palavras no que diz respeito ao *intercâmbio social* e o *pensamento generalizante*. Uma palavra possui o seu significado em si e faz parte de um conhecimento adquirido por uma comunidade que compartilha da mesma língua, portanto, refere-se a um conjunto de saberes construídos.

O significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento. Daí não decorre, entretanto, que o significado pertença formalmente a duas esferas diferentes da vida psíquica. O significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento (VYGOTSKY, 2008, p.151).

Ainda dentro do desenvolvimento do pensamento e da linguagem (VYGOTSKY, 2008), devemos destacar o discurso interior e a fala egocêntrica. O primeiro se caracteriza pelo discurso do sujeito para si próprio, sem um interlocutor externo, usado normalmente num processo do pensamento buscando uma organização psicológica interna; a segunda, usada pela criança, ainda na fase de desenvolvimento da linguagem, quando ela fala para si, demonstrando que a mesma reconhece a função social da linguagem, começando então a utilizá-la como um instrumento interno, característico do pensamento mais elaborado.

Outro importante estudo feito por Vygotsky (2008) diz respeito à aprendizagem, ressaltando a importância da interação e mediação pedagógica para que ela seja construída. Ele desenvolveu o conceito de aprendizagem que acontece em fases: zona de desenvolvimento real, zona de desenvolvimento potencial e zona de desenvolvimento proximal. Ou seja, quando a criança já possui consolidada a aprendizagem, já consegue realizar sozinha determinada atividade, ela se encontra

na zona de desenvolvimento real. Quando a criança tem possibilidade de realizar uma tarefa, mas ainda necessita do auxílio de um adulto para concluir a atividade proposta, dizemos que está na zona de desenvolvimento potencial. O espaço entre essas duas fases de desenvolvimento chamou de zona de desenvolvimento proximal.

Nesse contexto das zonas de desenvolvimento fica evidente a importância da intervenção pedagógica na zona de desenvolvimento proximal e a ênfase que coloca na função do mediador como facilitador da aprendizagem além da mediação exercida pela interação com os seus pares – outras crianças.

No desenvolvimento da criança [...] a imitação e o aprendizado desempenham um papel importante. Trazem à tona as qualidades especificamente humanas da mente e levam a criança a novos níveis de desenvolvimento. Na aprendizagem da fala, assim como na aprendizagem das matérias escolares, a imitação é indispensável. O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã (VYGOTSKY, 2008, p.129).

Salientamos do mesmo modo a relevância do movimento corpo/corporeidade da criança nesse processo de desenvolvimento infantil, haja vista que o corpo-criança para o seu pleno desenvolvimento necessita de vivenciar as múltiplas dimensões da vida como tocar e ser tocado, experimentar sabores e sensações, vivenciar prazeres e angústias para que assim possam transitar pelas zonas de desenvolvimento citadas por Vygotsky.

2.2 PIAGET - FATOR BIOLÓGICO E SOCIAL INTERAGINDO

A respeito do desenvolvimento infantil e das epistemologias que abordam o tema, destacam-se também, os trabalhos de Piaget (1926, 1990, 2011). A sua tese também é interacionista, unindo o fator lógico e biológico, construindo a sua base epistemológica com os pressupostos do campo da Psicologia.

Antes de chegar na fase da idade escolar, queremos fazer uma explicação em como se dá o desenvolvimento da criança até a idade dos 5-6 anos, segundo Piaget, porque é essa a idade dos alunos que estamos investigando.

Mesmo sendo interacionista como Vygotsky, Piaget parte do biológico para explicar sua tese, trazendo assim outras perspectivas para descrever o desenvolvimento infantil.

Após aplicar testes a um número significativo de crianças, Piaget verificou padrões nas respostas das crianças, mas não necessariamente nas respostas corretas, e sim nas respostas erradas. E mais, percebeu que características nessas respostas coincidem com a faixa etária das crianças, por isso inclinou-se a investigar de forma científica essa experiência. Esse pesquisador, ao longo dos anos produziu inúmeros trabalhos, entre eles postulou a gênese do conhecimento. (PIAGET, 1990, 2011).

Piaget buscava compreender a gênese da inteligência infantil por método clínico trazido da Psiquiatria para obter respostas mais precisas acerca do desenvolvimento infantil.

Devido à sua formação acadêmica na área da Biologia, ele transferiu alguns conceitos para formular a sua concepção psicogenética e explicar o desenvolvimento mental.

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente para o equilíbrio. [...] O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem continua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. (PIAGET, 2011, p. 3)

Isto é, o indivíduo desenvolve-se – cognitivamente – quando circula por esquemas mentais, adaptação/desequilíbrio, em outras palavras, em situações em que inicialmente está adaptado, posteriormente percebe algo para o qual não consegue encontrar uma resposta imediata (desequilíbrio) e, por fim, encontra ou constrói meios que o faz chegar à resposta ou situação que o deixa estável novamente (adaptado). Aprendemos quando encontramos situações ou experiências que nos desestabilizam, temporariamente, e com os esquemas mentais de que dispomos, reorganizamo-nos e construímos novos caminhos até chegar ao objetivo que queremos alcançar. Segundo o autor, os fatores biológico, a maturação do sistema nervoso, e “as estruturas variáveis serão, então, as formas de organização da atividade mental, sob um duplo aspecto: motor ou intelectual, de uma parte, e afetivo, de outra, com suas duas dimensões individual e social (interindividual)” (PIAGET, 2011, p.5).

Os fatores biológico e social são imprescindíveis no desenvolvimento infantil. As experiências que a criança vivencia são de grande relevância no decorrer de sua infância para a aprendizagem. Outro ponto importante de destacar é o elemento *equilíbrio* em sua teoria, que é a base em sua psicogênese. Ou seja, o desenvolvimento individual ocorre quando ocorre o processo de *autorregulação* ou *equilíbrio* diante de uma experiência vivida.

O indivíduo está adaptado à determinada situação, conforme Piaget explica, quando ocorre assimilação e acomodação nos processos mentais e os mesmos estão regulares. No decorrer do tempo, essas estruturas intelectuais apresentam desarmonias diante do que necessitam para operar regularmente, ocorrendo por sua vez o desequilíbrio. E é nesse movimento constante que o conhecimento é construído e progride. Pensando nos fatores externos e internos, de forma mais detalhada, o autor explica que “[...] toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilações a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação desses esquemas à situação atual (PIAGET, 2011, p 89).

Nessa dinâmica, denominada por Piaget como *equilíbrio majorante*, o autor descreveu os quatro estágios ou períodos no desenvolvimento cognitivo. No período sensorio-motor (0 – 2 anos), o bebê apresenta uma inteligência prática e irá explorá-la por meio das percepções e sensações. Nessa fase, o bebê ainda não consegue diferenciar o “eu” e o “mundo”. O período pré-operatório (2 – 7 anos) é marcado pelo desenvolvimento da linguagem, permitindo que a criança expresse o seu mundo interior, o desenvolvimento do mundo simbólico e a coordenação motora, permitindo-lhe desenvolver atividades mais estruturadas corporalmente. Numa outra fase, chamada de período das operações concretas (7 a 12 anos), o ganho está na parte da convivência social, já que o egocentrismo, típico da fase anterior, é deixado de lado e as atividades de grupo e cooperação são possíveis com maior êxito. No que se refere às operações mentais, elas se tornam mais elaboradas. Já no período das operações formais (dos 12 anos em diante), a grande evolução baseia-se na mudança do pensamento concreto para o pensamento abstrato, dando possibilidade para resolver operações que exigem maior poder de abstração e o desenvolvimento da autonomia, por já compreender as normas de conduta da sociedade. (PIAGET, 1926, 1990, 2011).

Os estágios apresentados por Piaget permitiram uma gama de conhecimentos a respeito da criança em seu desenvolvimento bem como os estímulos que são interessantes de serem explorados em cada faixa etária, principalmente no contexto escolar. Ressaltamos mais uma vez o olhar para o corpo/corporeidade nos desdobramentos vividos pela criança nos estágios descobertos pelo autor. É o corpo-criança, em sua inteireza, comunicando-se com o mundo.

Notemos que nos postulados de Piaget existe a ideia de motricidade infantil – não com essa expressão – de forma implícita quando se refere à necessidade de interação com o meio externo. Na faixa etária dos sujeitos que investigamos, a motricidade é condição indispensável para a aquisição da aprendizagem visto que se expressar, para a criança, não é apenas ter um discurso falado ou escrito, como muitas vezes se resume o cotidiano escolar. Além disso, é permitir que o aprendiz dialogue com tudo o que o rodeia no processo educativo, para a criança descobrir o sentido/significado das coisas quando ela vivenciar a sua corporeidade com os outros e com o mundo. Daí a necessidade do movimento, considerado aqui como a explicitação da intencionalidade motora.

Diante dos conceitos apresentados de Vygotsky e Piaget, é possível traçar um perfil da criança que estamos investigando, a de 6 anos de idade, no 1º ano do Ensino Fundamental, no ciclo de alfabetização. Esse aluno ou aluna se encontra no período pré-operatório, em processo de alfabetização, desenvolvendo exponencialmente a sua linguagem (vocabulário) e, portanto, a sua capacidade de verbalização do seu mundo interior. Também encontra-se desenvolvendo a sua coordenação motora e seu mundo simbólico (capacidade de representação). Se basearmos nas contribuições de Vygotsky, podemos ressaltar o caráter social e o desenvolvimento da aprendizagem, explorando a zona de desenvolvimento proximal e a importante função do *mediador*.

Toda a argumentação levantada até aqui denota a importância de considerarmos o sentido de motricidade para o aluno no interior da escola, motivo pelo qual apresentaremos a seguir a argumentação necessária para o entendimento desse componente educacional.

2.3 MOTRICIDADE – O MOVIMENTO INTENCIONAL SIGNIFICANTE

Podemos afirmar que todo o movimento humano é imbuído de intencionalidade. A motricidade é uma característica humana porque podemos atribuir significados aos nossos movimentos.

Por fazer parte da natureza humana não podemos pensar em crianças, principalmente no contexto escolar, sem refletir a respeito de sua motricidade. “ O homem se posiciona e se move sempre intencionalmente, ou seja, significativamente” (SANTIN, 1993, p.46).

A Ciência da Motricidade Humana é relativamente recente e surgiu da necessidade de uma investigação do movimento humano além daquela que a ciência tradicional já estudava, o movimento mecânico do corpo, já que

[...] não existia nenhuma ciência vocacionada *ab initio* para o estudo da originalidade da dinâmica existencial do corpo, da intencionalidade dos gestos corpóreos e dos caminhos complexos que, levando o Homem-*Todo* à transcendência, não devem ser percorridos, hoje, por quem recuse a cidadania dos temas que, justamente por terem como protagonista o Homem-*Todo*, não podem ser amputados dos saberes centrados no corpo. (ROSÁRIO, 2008, p. 33).

Tanto em Piaget quanto em Vygotsky, a motricidade humana está fundamentada em suas teorias, embora não utilizem o termo. Vygotsky (2008) explicita a importância do mediador na aprendizagem, estimulando as zonas de desenvolvimento para ascender no desenvolvimento real, além de citar a importância do fator social para aprendizagem.

Piaget considera que a motricidade interfere na inteligência antes da aquisição da linguagem. [...] O movimento constrói um sistema de esquemas de assimilação e organiza o real a partir de estruturas espaço-temporais e causais. As percepções e os movimentos, ao estabelecerem relação com o meio exterior, elaboram a função simbólica que gera a linguagem, e esta dará origem à representação e ao pensamento. (FONSECA, 2009, p. 148).

Ao nos referirmos à motricidade da criança estamos trazendo à baila algo inerente ao humano, quando a criança brinca, corre, pula, chora, ri, fala, expressa a sua dimensão afetiva, racional, social e motora demonstrando assim a representação que faz do mundo (PIAGET, 1926). Essas vivências podem se tornar ainda mais interessantes se forem exploradas no contexto escolar, com um direcionamento pedagógico pela mediação do professor durante a aula, daí a

importância da motricidade nas práticas educativas. “O essencial na motricidade humana é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe” (SÉRGIO, 2008, p.17).

A motricidade é a expressão humana através do movimento significativa. É a construção histórica do vivido para que possa transcender no mundo. A criança, ainda em pleno desenvolvimento, explora o ambiente à sua volta, estabelecendo relações, formando conceitos e assim, construindo o seu mundo. No ambiente escolar a motricidade da criança deve ser levada em conta em todas as práticas pedagógicas, para que a mesma tenha o estímulo e as vivências necessárias de acordo com a sua idade (SÉRGIO, 2008, NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Kolyniak Filho apud Moreira (2012, p.62-63) nos apresenta importantes aspectos que a motricidade evidencia:

- É um conjunto de possibilidades que o ser humano tem para movimentar-se, considerando-o como indivíduo ou como espécie.
- É resultante das heranças biológicas e histórico-sociocultural.
- Implica intencionalidade e, portanto, é produtora de significados.
- Representa a forma concreta de interação do ser humano com a natureza e com os semelhantes.

A equipe pedagógica da escola pode explorar de uma forma mais dinâmica e didática suas atividades ao perceber a importância desses aspectos da motricidade ao interagir com as crianças/alunos.

Um aspecto interessante de trabalhar a motricidade infantil é por meio de brinquedos e brincadeiras. Devido à grande capacidade mental do simbolismo que surge por volta dos dois anos de idade, a criança desenvolve habilidades de criar situações imaginárias para ressignificar o mundo interno e externo, por isso as brincadeiras, embora às vezes demasiadamente fantasiosas, acabam por ter alguma relação com o mundo concreto (PIAGET, 2011). “Por exemplo, uma criança tornada ciumenta pelo nascimento de um irmãozinho e brincando por acaso com duas bonecas de tamanho desigual, fará partir a primeira para bem longe, em viagem, enquanto a maior ficará com a sua mãe; [...]” (PIAGET, 1990, p.220).

Com o seu corpo, a criança conhece o mundo brincando, jogando e estabelecendo relações com outras crianças. Assim, pela motricidade vivencia o corpo/corporeidade.

Outra forma de explorar a motricidade infantil é pelo jogo. Com o jogo estimula-se a aprendizagem pelas funções mentais de assimilação/equilíbrio, explorando a parte motora. Além disso é uma atividade prazerosa para as crianças (FREIRE, J., 1997; PIAGET, 2011). Mais ainda, o jogo é uma atividade humana que, em suas diferentes nuances, revela-se em todas as fases do ser humano, não importando a idade. Despertar o *homo ludens*, dimensão importante da existência (HUIZINGA, 2008) também é responsabilidade dos envolvidos na ação educativa na escola.

Essa criança, que ao ser inserida no contexto escolar, embora esteja num ambiente institucionalizado, continua criança com suas necessidades de expressão. E por isso a ludicidade deve ser explorada por meio de jogos e brincadeiras na sala de aula. Essa corporeidade em plena construção não pode ser ignorada, principalmente pela escola.

Estamos falando de aprendizagem significativa para a vida,

[...] é percebendo pela experiência como uma criança configura no mundo o domínio da existência que vive, pela transformação de sua capacidade de mover-se, que conseguimos ficar abertos à compreensão de que devemos permitir-lhe simplesmente ser (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 158).

A equipe pedagógica deve compreender essas características dos alunos que frequentam a escola e incorporar em sua prática pedagógica atividades que tornem a aprendizagem instigante para os alunos. Como nos lembra Rosário (2008, p.47), embora “[...] o ensino seja coletivo, mas a aprendizagem é individual”.

E aí adentramos numa complexa relação, que trataremos para a discussão na próxima seção, aluno/professor/escola.

3 O SER CRIANÇA E A ESCOLA

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.
Carl Jung

Figura 2 – Sala de aula



Fonte:

<https://medium.com/@lucasbernar/o-que-aprendi-quando-tirei-0-7-em-uma-prova-c80226c63002>

Iniciamos esta seção refletindo sobre a citação de Jung. Bem, se a educação é uma especificidade humana, acima de todas as técnicas e conceitos, o humano deve estar em primeiro lugar – principalmente na escola. Partindo desse princípio, trazemos também a imagem de uma sala de aula do século XIX, que se encaixa perfeitamente no contexto da época. Mas, se esse modelo de sala do passado ainda persiste no século XXI, há algo que precisa ser analisado mais profundamente. Por isso questionamos, o ser criança na escola, em que contexto ele se encontra inserido? Quais os documentos legais que norteiam o Ensino Fundamental I no Brasil? Refletir sobre essas questões é o objetivo desta seção.

Conhecemos na seção anterior as características da criança que ingressa no 1º ano do Ensino Fundamental. De posse dessas informações é importante saber as particularidades dessa escola de Ensino Fundamental da rede estadual, bem como o que o sistema educacional que a regulamenta, no caso o Ministério da Educação e Cultura (MEC), espera nessa fase do primeiro ciclo de alfabetização. Isso justifica a nossa argumentação partir das diretrizes gerais do MEC.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado assegurar a educação a crianças e jovens, gratuitamente, conforme cita o artigo:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no Ensino Fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola (BRASIL, 1988).

Fica claro no artigo supracitado a responsabilidade do Estado no cumprimento e na oferta de ensino público de qualidade, sobretudo às crianças.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº9.394 de 20 de dezembro de 1996, além de assegurar os direitos já mencionados na Constituição, regulamenta também as modalidades de ensino e estabelece os objetivos do Ensino Fundamental, conforme o texto da Seção III – Do Ensino Fundamental:

Art. 32. O Ensino Fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, também reforça o direito à educação que as crianças possuem:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. (BRASIL, 1990).

Um outro documento educacional mais recente que devemos destacar é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017. A mais nova referência em organização curricular e pedagógica que as escolas têm como base, conforme explica o capítulo II, artigo 5º, §1º parágrafo:

A BNCC deve fundamentar a concepção, formulação, implementação, avaliação e revisão dos currículos, e conseqüentemente das propostas pedagógicas das instituições escolares, contribuindo, desse modo, para a articulação e coordenação de políticas e ações educacionais desenvolvidas em âmbito federal, estadual, distrital e municipal, especialmente em relação à formação de professores, à avaliação da aprendizagem, à definição de recursos didáticos e aos critérios definidores de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da oferta de educação de qualidade. (BRASIL, 2017).

Nesse documento, novamente é reafirmado o ideal de educação que o sistema de ensino brasileiro deseja oferecer ao estudante, visando ao pleno desenvolvimento do aluno, em busca de uma educação integral.

Explicitados os direitos garantidos por leis à educação, vamos analisar também o que os documentos do MEC esperam do aluno matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental.

Com o novo ciclo do Ensino Fundamental de nove anos, institucionalizado pelo Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 10.172/2001, após frequentar a Educação Infantil, o aluno inicia o Ensino Fundamental com 6 anos de idade. Nesse período precisará desenvolver habilidades e competências que o ajudarão a seguir com êxito os próximos anos escolares desenvolvendo a sua autonomia. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que norteiam a práxis pedagógica do Ensino Fundamental nas escolas do país, apresentam o seu objetivo nesse sentido: “Objetivo Geral do Ensino Fundamental: utilizar diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica, corporal — como meio para expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções da cultura” (PCN, 1997, p.48).

Bem, se as crianças, com as suas peculiaridades como mencionadas na seção anterior, precisam exercer a motricidade para o desenvolvimento da aprendizagem, de qual forma esse movimento acontece, se nos documentos oficiais do MEC não encontramos orientações claras para esse sentido? Adentramos, então, a questão principal desta pesquisa: como o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental vivencia o corpo/corporeidade na sala de aula?

No Caderno 2 da Proposta Curricular, Conteúdo Básico Comum (CBC) (2003), documento do Estado de Minas Gerais, criado para orientar o Ciclo Inicial de Alfabetização, é feita uma tímida alusão à necessidade do professor criar condições na sala de aula para um ambiente lúdico.

Em se tratando das orientações para professores, talvez fosse importante um tratamento especial para que pudessem nortear melhor a ação pedagógica do professor. O Caderno 5 do CBC (2003) é destinado às diretrizes para o professor, no entanto não faz um tratamento especial à questão de ações que incluam o corpo/corporeidade na práxis docente para o desenvolvimento e aprendizagem dos conteúdos e disciplinas. Nesse caderno com orientações para o professor alfabetizador, são discriminados domínios de capacidades relacionadas à aquisição do sistema de escrita, leitura e produção de textos que o aluno deve adquirir no primeiro ciclo de alfabetização. Mas, como desenvolver essas habilidades, de forma global, como sugere o documento, se o próprio Caderno do Professor não relaciona a aquisição da escrita com atividades que envolvam o desenvolvimento da

corporeidade do aluno? Freire cita Piaget, para argumentar sobre essa questão: “parece difícil aceitar a ideia de que o desenvolvimento e a aprendizagem dependem de desequilíbrios. Afinal, a escola está acostumada com a ideia de ordem de estabilidade, de certezas” (FREIRE, J. 1997, p.191). Essa interpretação demonstra que a educação é alicerçada nos pressupostos do racionalismo cartesiano.

Bem, se o paradigma cartesiano rege a sociedade, não podia ser diferente na educação. Para Descartes, o corpo devia estar a serviço do pensar ou da alma.

A filosofia cartesiana tomava o partido da alma em detrimento do corpo em razão do conhecimento. O filósofo advogava que o único conhecimento verdadeiro é aquele produzido pela razão – faculdade da alma -, enquanto o conhecimento sensível, com sede no corpo, enganava-os (GALLO, 2006, p.21).

A ciência alcançou grandes descobertas nas mais diversas áreas do conhecimento e determinou a forma de ver o mundo através da razão, da comprovação ou refutação. O raciocínio, a lógica, a cognição se tornaram o caminho, a forma para pensar o mundo.

Com o acelerado progresso das ciências, a partir do século XVII, o homem passou a considerar como o único instrumento válido de conhecimento a razão, distanciando-se de seu corpo, visualizando-o como um objeto que deve ser disciplinado e controlado. Fragmentado em inúmeras ciências, o corpo passou a ser um objeto submetido ao controle e à manipulação científica. (GONÇALVES, 2012, p.20).

A educação ao longo da história passou por diversas fases e movimentos seguindo correntes ideológicas distintas entre si. O emaranhado em que ela se compôs é complexo, pois envolve diversos interesses, como político, econômico, social, financeiro, por exemplo, e por isso não é linear, uniforme ou neutro.

Surgiram então movimentos ideológicos que trouxeram novas propostas, conseguindo trilhar alguns caminhos diferentes. Um desses caminhos surgiu no século XVIII por alguns pensadores da época. Esse movimento, que tinha o intuito de contrapor o racionalismo cartesiano na época, influenciou diversas áreas no campo das ciências. Um importante filósofo alemão do século XIX, Nietzsche, trouxe duras críticas ao racionalismo cartesiano, não aceitando a ideia de um corpo sujeito à razão, e sim a razão sendo um pensamento encarnado, uma atividade corporal. “Se Descartes colocava como ponto de partida de todo o conhecimento e de toda a realidade a alma e sua faculdade racional, Nietzsche inverte a equação, propondo a partir do corpo, da fisiologia.” (GALLO, 2006, p.22).

Influenciado também por essas novas ideias, Foucault (2008, 2009) circunscreve em suas bases teóricas uma nova forma de manipulação e massificação usadas pela ideologia dominante, o uso do poder por meio do corpo. Ora, esse extremismo direcionado à razão tinha fins mercadológicos para o novo sistema financeiro que estava surgindo.

A tese de Foucault é que por trás do suposto “desprezo” pelo corpo que vemos na sociedade moderna, baseado na filosofia cartesiana, há todo um investimento no corpo, sobretudo pela estrutura burguesa e capitalista de sociedade, que opera sobre o o corpo como força de trabalho. [...] Esquecer o corpo, fazer com que ele não seja lembrado – forma eficaz de manter o corpo ativo, força produtiva, mas ao mesmo tempo submisso (GALLO, 2006, p. 24).

Assim também foi pensado o sistema educacional. Escola, sala de aula, quase sempre nos remete à ideia de carteiras enfileiradas e crianças, jovens ou adultos sentados nelas por um período de algumas horas ou o dia todo. É um sistema educacional analisado, pensado, formatado para funcionar dessa forma buscando o adestramento dos corpos para melhorar o desempenho da mente e controle do corpo. (FOUCAULT, 2008, 2009).

Não podemos esquecer ainda dos profissionais que atuam nesse sistema educacional, os quais também foram ‘capacitados’ para atuarem nesse ambiente e, em nome da aprendizagem, exigem dos alunos uma disciplina absoluta para não atrapalhar o andamento da aula.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 2009, p. 133-134).

A escola nesse contexto ideológico aprofundou a ruptura do conhecimento dividindo o ensino em disciplinas, fragmentando ainda mais a visão do homem sobre si mesmo, separando o processo de racionalização/cognição do restante do corpo. Por isso, a escola busca, pelo poder exercido pelo professor, a disciplina do corpo quieto e atrelado à carteira e a aprendizagem de conteúdos destinados à mente.

A dominação pelo poder passa pelo corpo, age na alma e se efetiva pelo consentimento do indivíduo. É racional, duradoura e produtiva. Ao agir pela sutileza, pelo convencimento, uma relação de dominação eficiente suspende a vontade de resistência dos indivíduos (MOURA, 2010, p. 50).

A sociedade moderna concebe o homem separando o corpo de sua cabeça para melhor controle do mesmo, tornando-o objeto de consumo, pois a educação sendo um subproduto dessa sociedade, precisava criar formas de manter a 'ordem' social. Reforçamos a argumentação julgada por nós como importante: o modelo usual que encontramos na escola é o aluno sentado na cadeira, com os olhos atentos ao quadro, memorizando conteúdos e conceitos.

A instituição disciplinar utiliza métodos que permitem um controle minucioso sobre o corpo do cidadão por meio dos exercícios de domínio do tempo, espaço, movimento, gestos e atitudes, com um único objetivo: produzir corpos submissos, exercitados, dóceis e estabelecer uma relação de docilidade e utilidade. (MOURA, 2010, p. 52).

Se os avanços da ciência tradicional trouxeram a separação corpo-mente, em contrapartida surgiu, dentre outras propostas, uma nova forma de ver e interpretar esse fenômeno, calcada na base epistemológica da Fenomenologia, oportunizando a possibilidade de vermos o mundo relacional e educacional, incluindo aí a escola, de uma outra maneira.

Maurice Merleau-Ponty, um dos seus expoentes, trouxe-nos importantes reflexões a respeito da corporeidade, não só no contexto escolar, mas em toda a sociedade. "O germe do pensamento merleau-pontiano está em filosofar sobre o corpo, com o corpo, no corpo." (MACHADO, M., 2010, p.15). Por isso

[...] a busca por uma compreensão do corpo além da visão dualista que historicamente delegou ao corpo a condição de instrumento em relação à mente e/ou alma, aponta o estudo da corporeidade como concepção que restitui a unidade corpórea, ou seja, a relação do corpo com o mundo e a indivisibilidade corpo-mente-alma. (FREIRE, I. 2012, p. 151).

Trazendo essa preocupação para o ser criança em sua motricidade, fica patente a necessidade de se vivenciar a corporeidade, destinando ao ato educativo a possibilidade de favorecer esse encontro. O professor, nesse contexto, possui um importante papel oportunizando durante a aula momentos construtivos para que a aprendizagem seja significativa para o aluno.

As práticas educativas não podem mais ser pensadas separando o corpo pensado do corpo vivido. Ora, a educação acontece de forma dialética, por isso a necessidade de uma atuação crítica do docente para promover a autonomia do educando (FREIRE, P., 1997).

Sendo o professor sabedor que é um trabalhador da contradição (CHARLOT, 2013), visto que trabalha com forças antagônicas na sala de aula – conflitos, poder,

autonomia, liberdade - o seu agir precisa, necessariamente, ir na contramão daquilo que não é a favor da emancipação do humano, pois ao dissociar a autopercepção, ao se separar corpo e mente, deixa de ver a si com a inteireza que a sua corporeidade exige. Como perceber-se parte do todo, se a visão de si é fragmentada? Como sequer questionar-se a esse respeito, se na sala de aula o professor também está alheio a essa necessidade? Como sentir a necessidade de movimento, de liberdade, se não possui consciência disso?

A prática pedagógica do professor - ainda que não tenha sido preparado para tal, daí a contradição – deve dar liberdade à criança, pois

[...] libertar-se significa literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos, começar a sentir-se livre para se mover ou agir. Sentir-se 'livre' significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro tipo de impedimento aos movimentos pretendidos ou concebidos. (BAUMAN, 2001, p. 26).

O professor tem a possibilidade de perceber o corpo-criança em sua individualidade, criar situações dinâmicas em que a corporeidade do aluno seja entendida e incluída ao planejar as atividades para os alunos, percebendo o seu ritmo de aprendizagem. É preciso envolver as crianças em momentos que demandem concentração aliadas com jogos, brincadeiras e contação de histórias. (SMITHRIM; PRATA-LINHARES, 2009). A indisciplina diante de um exercício proposto pode ser um indicativo para o docente quanto à sua didática em sala de aula.

No início dessa seção, sobre os direitos da criança à educação, nos é apresentado o que as crianças têm garantido por leis. No entanto, a realidade educacional, principalmente das escolas públicas, apresenta-nos muitas vezes antagônica, por isso o campo contraditório que Charlot (2013) aponta na práxis do professor. A finalidade da educação ainda deve ser a emancipação do ser humano, tornando-o autônomo para a vida em sociedade. O aluno inicia no Ensino Fundamental com o corpo inquieto – característica da faixa etária - ávido por aprender e encontra um sistema educacional formatado para deixar esse mesmo corpo inerte para aprendizagem.

Que nenhum educador fuja ao ideal de superar a contradição da área educacional, buscando em sua práxis a coerência de propor ao aluno vivências que

o possibilitem construir a si próprio levando em conta o seu corpo/corporeidade, aprendendo assim, de corpo inteiro (FREIRE, J., 1997).

4 – O SER CRIANÇA - CORPOREIDADE APRENDENTE

“Este corpo que sou.”
Maurice Merleau-Ponty

Figura 3 - Alfabetização



Fonte: <http://www.sinepe.com.br/single-post/2018/11/13/ALFABETIZAÇÃO-um-desafio-para-a-educacao>

Nesta seção temos como objetivo pensar no paradigma vigente na sociedade, sua influência na concepção de educação e quais possíveis caminhos podemos trilhar diferentes do que está posto. Analisar a existência a partir do corpo/corporeidade seria uma via factível? Iniciemos a seção.

O paradigma cartesiano tornou o mundo alicerçado em bases que hoje já não respondem mais às necessidades dos indivíduos na sociedade. As verdades postas pelas ciências de ontem já não oferecem mais segurança hoje. O mundo podia ser explicado pela razão através de leis testadas cientificamente e qualquer ponto de vista diferente desse devia ser refutado.

Com as mudanças ao longo dos séculos, novas descobertas trouxeram indagações que não respondiam mais à lógica vigente, como explica Santin (1993, p. 56):

[...] Acontece que a ciência moderna começou tendo o modelo a física, cujo objeto é o ato físico. Toda a metodologia da ciência revolucionária foi elaborada para explicar os fatos físicos. O mundo, porém, não se reduz a fatos físicos. Há uma infinidade de fenômenos que ultrapassam a esfera da física. Pode-se falar, além do conjunto dos fatos físicos, em outros dois grandes conjuntos: o dos fatos biológicos e os dos fatos humanos.

O autor continua esclarecendo que para resolver esse “problema” a ciência foi dividida em duas grandes áreas, a ciência natural e a ciência humana. Apesar da

divisão, a ciência humana continuou sendo interpretada pelo viés das ciências exatas e o humano analisado da mesma forma. Por isso, nas ciências o homem é estudado a partir de suas partes, simplificando o humano a aspectos físicos e quantitativos, como forma de compreender o todo.

O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Esta dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro: Sujeito/Objeto Alma/Corpo Espírito/Matéria Qualidade/Quantidade Finalidade/Causalidade Sentimento/Razão Liberdade/Determinismo Existência/Essência (MORIN, 2000, p. 26).

Essa interpretação fragmentada provocou uma ruptura na visão do homem com o próprio corpo, tanto na ciência como na educação.

[...] Possuímos uma educação que prepara os alunos para assimilar o conceito de vida advogado pela ciência natural. Isto se consegue através da utilização pragmática da linguagem lógico-formal, pelo qual as definições conceituais são passadas para serem assumidas sem questionamentos. O que é comprovado só é válido se for quantitativamente significativo, e as investigações rigorosas não necessitam estar contextualizadas. Tem-se, portanto, uma sequência cronológica de ensino acríptico a ser vivenciado, mas não se processa no ato educativo. (MOREIRA, 1993 p. 201-203).

Se este era o paradigma do século passado, atualmente essa forma de conceber tanto o humano quanto a educação ainda persiste nas instituições, sobretudo nas de ensino, conforme os autores citados nos apresentam.

Vimos na seção anterior o que as leis preconizam sobre os deveres do Estado e os direitos dos cidadãos no que se refere à educação, mas ainda assim, o cotidiano escolar difere substancialmente dos textos oficiais, sem contar que por ser uma ideologia vigente, está alicerçada no mesmo paradigma citado anteriormente.

Merleau-Ponty (2011) pensa a existência a partir do corpo/corporeidade e a sua relação com o mundo. Suas obras trouxeram grandes contribuições e enriquecimento ao refletir sobre o estar no mundo.

Enquanto a ciência clássica ao longo dos anos analisou a espécie humana dividindo-a em partes para decifrar cada uma, subdividindo o conhecimento em áreas ainda menores, Merleau-Ponty pensa o humano em sua totalidade, vivenciando a sua condição humana a partir da sua existência, na relação indissociável corpo/mundo, valorizando por essa razão a importância do mundo sensível. É assim que podemos chegar ao conhecimento de fato, "...o visível é o que

se apreende com olhos, o sensível é o que se apreende pelos os sentidos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 28).

O corpo pensado a partir do ser-no-mundo passa a ser o ponto inicial do pensamento de Merleau-Ponty, como explica Nóbrega (2010, p.37),

[...] o corpo, o gesto, o conhecimento sensível e os processos perceptivos são trazidos para o primeiro plano da reflexão. Ao invés de privilegiar a análise da consciência, enfatiza a corporeidade. A consideração da subjetividade encarnada, explicitada na noção do elemento carne, proporciona um leque de possibilidades para a reflexão sobre o ser humano, a vida social, os afetos e o conhecimento.

Essa percepção da existência trazida para o campo da educação cria um imenso campo de mudanças e possibilidades para lidar com o humano nas situações de aprendizagens na escola. Ora, se estou no mundo a partir do meu corpo, o meu enraizamento na vida se dá a partir dele. E se a escola o compreende dessa forma, tornar-se-á uma ferramenta importantíssima para a concepção da corporeidade como tal. (ASSMANN, 1996).

Nessa abordagem, a estesia seria a forma de dialogar com outras corporeidades e com o mundo. Trazendo para o contexto educacional, explica Nóbrega (2010, p. 5)

Essa estesia do corpo pode ser experimentada na educação não somente em componentes curriculares como arte ou educação física, mas em todos os momentos nos quais a aprendizagem faça sentido para professores e estudantes, criando condições para que os participantes do processo possam rever e acrescentar sentidos, criar, descobrir, imaginar, sentir, pensar, dizer, calar. [...] Em todos os momentos nos quais a educação possa pensar o mundo de toda a gente, privilegiando o diálogo entre a vida e o conhecimento.

Daí a importância de ver a criança a partir do corpo/corporeidade, inserido no mundo, com suas particularidades, relacionando-se consigo próprio e com o mundo ao seu redor (MACHADO, M., 2010).

Pensar o corpo na perspectiva de Merleau-Ponty (2011) nos ajuda a perceber o mundo a partir do fenômeno, entendendo o ato educativo além da relação com o conhecimento, em busca de sentidos na existência humana. E o corpo experimentando o mundo por meio dos sentidos cria significados para si e para o mundo que vive.

Ao mesmo tempo que nos abrimos ao mundo, nós o impregnamos com nossa interioridade. Assim, os seres que nos rodeiam abandonam o estatuto de pura objetividade e são partes do nosso Eu, ao mesmo tempo que nossa interioridade é plena de coisas do mundo. (GONÇALVES, 2012, p. 66).

Essa relação eu-mundo possui uma característica essencial: embora estejamos nele, comuniquemo-nos com ele, não o possuímos; há um distanciamento que nos auxilia na construção do próprio ser (Merleau-Ponty, 2011).

Gonçalves (2012) refere-se à motricidade humana como a intencionalidade do corpo vivido, ser-no-mundo, confirmando a ideia de unidade do homem em Merleau-Ponty. É o corpo vivido, através do diálogo estabelecido consigo, com o mundo e outros corpos à sua volta.

Pensando a educação por essa perspectiva, o ser criança deve ser visto em sua individualidade, pelos dos diálogos que estabelece com o mundo através da corporeidade.

A corporeidade, ao participar do processo educativo, busca compreender o fenômeno humano, pois suas preocupações estão ligadas ao ser humano, ao sentido da sua existência, à sua história e à sua cultura. Para essa aprendizagem não é possível reduzir a estrutura do fenômeno humano a nenhum de seus elementos. Há que se utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica. (MOREIRA, 2006, p. 140).

Conforme explica esse mesmo autor, a existência em Merleau-Ponty apresenta-se como um projeto nunca acabado, exigindo do ser o constante movimento integrando-se ao mundo, em busca da própria superação. Por isso é corporeidade aprendente, pois enquanto corpo encarnado e dotado de vida, passamos a existência num movimento contínuo na construção do si, ou ser-para-si, segundo Merleau-Ponty (2011), em diálogo permanente com o mundo, ser-no-mundo. O caminho não está posto, como nos lembra o poema Caminante, de Antônio Machado (1875-1939),

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Caminemos então em busca de novas possibilidades para o existir e o educar, a partir da corporeidade, pensando que ao se estabelecer o corpo/corporeidade como ponto de partida, constituímos o caminho para o encontro de nós mesmos.

Abordar o humano a partir da corporeidade nos insere no pensamento da complexidade de Morin (2000), pois exige observar a existência em sua totalidade.

Advogar o princípio da complexidade para um corpo ativo, uma corporeidade aprendente, é assumir que não se está procurando uma receita como resposta, mas um desafio, uma motivação para o ato de pensar. Também é assumir que aspirar à complexidade é tender para o conhecimento multidimensional, sabendo que a complexidade surge como dificuldade, como incerteza, e não como uma clareza ou como uma resposta. (MOREIRA, 2006, p.142).

O corpo-criança, no ambiente escolar, principalmente na sala de aula com o professor, tem a necessidade de dialogar com o que está sendo ensinado para que a aprendizagem seja internalizada pelo ser aprendente. Assim, aprofundamos ainda mais o que foi posto na primeira seção, sobre os pressupostos dados por Piaget (1926, 1990, 2011) e Vygostky (2008). Mesmo partindo de pontos diferentes, um partindo do biológico e outro do sociológico, ambos demonstram em seus estudos – de forma implícita - a importância da motricidade para o desenvolvimento humano e a aprendizagem, em especial a destinada ao ser criança na escola.

Em contrapartida, Merleau-Ponty (2006) aborda a temática do desenvolvimento infantil seguindo uma investigação fenomenológica do universo da criança. De um modo dinâmico e com olhar sensível à existência humana, pensa a relação criança-mundo em seu ponto de vista e não da forma adulta como a idealizamos.

Como explica Machado M., (2010, p.11), Merleau-Ponty nos “convida a pensar fenomenologicamente a partir da criança mesma e não a partir de teorias sobre ela.” E a autora continua. Haveria, portanto, uma simplicidade quase pueril na propositiva inicial da fenomenologia da infância: “olhar com os olhos”; uma forma de contato, expressão e comunicação com os modos de ser criança (MACHADO, M., 2010, p.13).

Daí resulta a grande contribuição do autor, porque embora Piaget e Vygotsky tenham exercido significativas colaborações sobre o desenvolvimento e aprendizagem infantil, essas epistemologias são elaboradas a partir do olhar adulto sobre a criança. Por isso há riqueza nas reflexões do autor oriundas do trabalho realizado por quatro anos pela Cátedra de Psicologia e Pedagogia de Sorbone, conclui Machado M., (2010). Perceber a infância, deixando suspensas as dicotomias sobre o ser criança é o convite merleau-pontiano. Vencer os ranços do

cartesianismo para se aproximar de uma leitura do corpo-criança, finaliza Machado M. (2010).

Ao conviver com crianças é possível perceber que interpretam o mundo por meio da linguagem lúdica, das brincadeira e jogos. O corpo-criança que brinca e elabora o seu mundo interno e externo por meio do brincar. “Uma realidade social cotidiana evidenciada no brincar é a brincadeira de faz-de-conta, atividade essencialmente humana em que as crianças retratam a realidade vivida assumindo diversos papéis sociais” (LOYOLA, 2004, p. 60).

Essa questão para a práxis docente significa então não ignorar a ludicidade ao planejar atividades para os alunos, incluir o corpo-criança em sua totalidade.

O universo lúdico é dotado de flexibilidade, de plasticidade, se molda às necessidades dos seres brincantes, pode ser explorado e utilizado de múltiplas formas. É fácil a quem se entrega às atividades adequá-las a sua realidade e necessidades que, na experiência lúdica, se encontram mais vivas pelo fato desta experiência proporcionar ao ser maior contato consigo mesmo. Mas, para que as propostas sejam feitas pelo educador, este precisa também ser dotado de flexibilidade para aproveitar a riqueza desse universo. (PEREIRA, 2015, p. 700).

Por essa razão reafirmamos a necessidade de ressaltar a importância do corpo/corporeidade nas experiências educativas.

Devido ao dualismo trazido pelo cartesianismo corpo-mente, as instituições de ensino constroem o conhecimento no cotidiano da sala de aula com pouca participação do corpo. A ordem é que ele permaneça sentado, quieto e calado, enquanto pensa. “A corporeidade disciplinada é a consequência imediata da compreensão do corpo como parte secundária do ser humano, ou seja, a parte que deve ser sacrificada em função dos ideais verdadeiramente humanos da humanidade” (SANTIN, 1993, p. 64). Essa forma equivocada de pensar o humano e suas dimensões não pode ser mais a base do ato educativo.

Se realmente aceitamos despedir-nos do empiricismo e do positivismo raso que afirmam os fatos como verdade, e se concordamos que toda realidade é construção perceptiva do real, então, talvez seja possível fazer as pazes com o único real plenamente afirmável: o de que somos corporeidades imersas em relações sociais de construção de significações/sentidos para o viável (e até o inviável!). (ASSMANN, 1996, p.138).

A comunicação humana na tenra idade é totalmente pela expressão corporal e só depois a fala é desenvolvida. O corpo-criança é lúdico, criativo, curioso, investigativo, é movimento e por essa razão a escola apresenta uma contradição

estrutural ao estabelecer como norma, que esse mesmo corpo em situações de aprendizagem permaneça quieto e em silêncio (SANTIN, 1993; ROSÁRIO, 2008).

A escola deve estar comprometida em compreender os sujeitos que ela recebe buscando percebê-la capaz de trilhar caminhos onde consigam aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (MORIN, 2000). Uma corporeidade inserida no ato educativo permite ao ser aprendente descobrir-se como construtor do mundo a sua volta, participante do processo e por isso aprendizagem significativa. “É necessário perder o medo de algumas linguagens inovadoras, porque sem elas será praticamente impossível aprofundar-se em determinados conceitos fundantes de uma nova epistemologia” (ASSMANN, 1996, p. 97).

Por essa razão ressaltamos também a relevância do papel social que o professor representa em sua práxis em conhecer não somente o conhecimento técnico que a carreira exige, mas antes de tudo, ter a consciência de ser um mediador/facilitador no processo de desenvolvimento da aprendizagem através do corpo/corporeidade de seu aluno. O docente, sabedor da complexidade de sua ação transformará a sua prática em possibilidades pedagógicas múltiplas para o ser aprendente conceber sentidos educativos na sala de aula - e fora dela.

Perceber alternativas no fenômeno sala de aula requer do docente uma corporeidade aprendente – de si - em diálogo com a corporeidade - do outro – criança. Eis a radicalidade da vida. “A corporeidade, entendida como simultânea ênfase na corporeidade individual e nos nexos corporais da inserção na amplitude do social, é a referência unificadora para levar a sério, de forma conjunta, as necessidades e os desejos humanos” (ASSMANN, 1996, p. 209).

É necessário um fazer educativo no qual o ser aprendente explore, conheça e, assim, vivencie a corporeidade, permitindo novas possibilidades para a existência. Qual seria o papel da educação, senão para a vida?

5 ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO

A Análise Fenômeno Situado, técnica construída por Martins e Bicudo (1994) e Giorgi (1978), adaptada por Moreira (1992) foi a escolhida para analisar como o corpo/corporeidade dos alunos do 1º ano se manifesta na sala de aula durante as aulas por se tratar de uma abordagem estruturada nos moldes da pesquisa qualitativa. Acreditamos que essa abordagem é a mais apropriada com o que pensamos a educação - um fenômeno humano em busca da autodescoberta em diálogo consigo e com o mundo à sua volta (ASSMANN, 1996). Na sala de aula, esse fenômeno acontece de forma única, entre os sujeitos que a compõem (alunos e professor). Mais ainda, entendemos que fenômeno pode ser caracterizado segundo a premissa de Martins e Bicudo (1994, p.21): “O significado de fenômeno vem da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo”.

Pretendemos compreender a manifestação do fenômeno corpo-criança na sala de aula, ao “[...] descrever a natureza da experiência vivida e, dessa descrição, captar a essência. Entretanto, é preciso ficar-se atento, pois o significado da essência não é apenas um. Podem ser vários” (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 36). Também fica clara nossa postura de não neutralidade enquanto pesquisadora, mesmo porque estaremos compondo o cenário da pesquisa como novo elemento no universo pesquisado. Buscamos compreender os sentidos do corpo-criança em sala de aula cientes de que

a essência do fenômeno é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado na direção da verdade (“mostração” da essência). O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor. (BICUDO; ESPÓSITO, 1994, p. 20).

Pensando assim, o fenômeno dar-se-á na sala de aula, na vivência da cotidianidade do aluno e da aluna nas atividades de aprendizagem com o professor regente. É este espaço relacional o *locos* onde o conhecimento formal é abordado pelo professor, com rigor metodológico-pedagógico característico da exigência da carreira docente. O corpo/corporeidade criança se manifesta em todas as experiências que vive, seja com rigor educativo ou não. Por isso, mais uma vez, a

justificativa do olhar investigativo para observar e descrever o corpo-criança discente.

A pesquisa qualitativa da Análise do Fenômeno Situado configura uma abordagem fenomenológica do campo da Psicologia. “Na pesquisa psicológica e educacional, a ideia de fenômeno assume o sentido da entidade que se mostra em um local situado; e isto é que é o locus de um objeto com respeito aos eventos” (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 22). Daí a importância do olhar do pesquisador diante do fenômeno, nesse caso, a sala de aula e as relações estabelecidas pelos envolvidos durante o ato educativo.

Cabe ao pesquisador observar, descrever e interpretar os dados coletados. Essa abordagem se apropria de fundamentos filosóficos da Fenomenologia.

A preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado. [...] O objetivo da investigação é coletar descrições e trabalhar a essência do fenômeno individual através das descrições obtidas (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 30).

Pensando então nesse aluno do 1º ano do Ensino Fundamental, com seis anos de idade, saído da Educação Infantil, que possui um ritmo e organização pedagógica diferente do Ensino Fundamental, resta-nos saber, como o corpo/corporeidade dessa criança se revela na sala de aula durante as atividades escolares com o professor.

Os critérios usados para a escolha das escolas foram por conveniência, tendo como premissa o item: ser no contraturno do horário do meu trabalho, pois leciono há dez anos na rede estadual de ensino na cidade de Uberaba, no período vespertino. Sendo assim, três escolas compuseram o universo da pesquisa, por serem as únicas da rede estadual de ensino a oferecerem o 1º ano no turno matutino. As três turmas investigadas somam 63 alunos. Essas instituições estão localizadas em pontos diferentes da cidade possuindo perfis distintos entre si, tendo como ponto em comum oferecerem unicamente as séries iniciais do Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental I para os seus alunos.

Sabendo quais escolas fariam parte da pesquisa, marquei uma reunião com cada diretora para explicar os detalhes da pesquisa e a contribuição que poderia trazer para os estudos no campo da Educação. Convidadas as escolas por uma Carta Convite, seguindo o Conselho de Ética da UFTM (vide Anexo I), explicitando os objetivos e a proposta da pesquisa, chegamos a 100% das escolas escolhidas

para a investigação. Essa pesquisa está autorizada pelo parecer consubstanciado pelo CEP, número 1.343.986, conforme Anexo E, no final deste documento.

A preferência por essa fase do ciclo de alfabetização e idade – 1º ano - deu-se, primeiramente, por eu ser Pedagoga e ter profunda afinidade com os estudos que envolvem crianças e educação e também por essa fase da escolaridade ser caracterizada pela transição da Educação Infantil, normalmente com atividades mais lúdicas e vivências de brincadeiras, para o Ensino Fundamental, que normalmente segue uma dinâmica diferente, contendo as disciplinas/conteúdos a serem trabalhados pelo professor regente como também a organização do espaço da sala – se antes sentavam-se em mesas grandes com vários colegas, agora sentam-se individualmente ou quando muito, em duplas, durante as aulas.

Estive em cada escola pelo período de uma semana, das 7h às 11h, para acompanhar o cronograma do horário das disciplinas de cada professora e, com o auxílio de um diário de bordo, descrevi os acontecimentos, gestos, ações, falas e silêncios dos sujeitos durante a aula. Esse período de uma semana foi favorável também por permitir fazer a observação até que o fenômeno atingisse um padrão de repetição, assim como sugere a técnica da abordagem qualitativa da Análise do Fenômeno Situado.

Como as crianças expressam o corpo/corporeidade na sala de aula em uma escola da rede pública? Com essa pergunta geradora, realizei a pesquisa durante as vivências educativas na sala.

5.1 O FENÔMENO SALA DE AULA E A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ressaltamos também que enquanto abordagem metodológica, a presente técnica de pesquisa é composta por três momentos diferentes: a descrição, a redução e a compreensão.

Seguindo a técnica, no momento da descrição apresentei por palavras as experiências vividas pelos sujeitos, com riqueza de detalhes, segundo o meu ponto de vista (pesquisadora) e que serão exatamente neles a essência daquilo que pretendemos conhecer. Por isso foram captadas todas nuances possíveis de alunos e professores durante a aula, conforme consta em anexo no Apêndice A, no final deste documento. Em seguida, no momento da redução, foram colocados em

destaque as situações e vivências que tiveram um valor qualitativo. “A colocação do mundo entre parênteses, operada pela redução fenomenológica, significa a possibilidade do desvelamento, do surgimento do mundo enquanto tal” (MOREIRA, 1992, p. 44). A partir daí serão construídas as unidades de significado.

O terceiro momento, o da compreensão, subdivide-se em outras duas análises: a Análise Ideográfica e a Análise Nomotética, que explicaremos a seguir.

De posse das unidades de significado, faremos ideogramas ou representações de ideias – Análise Ideográfica - permitindo assim compreender os pressupostos e ideologias que baseiam os dados/relatos ingênuos anteriormente coletados. Através desse olhar, o pesquisador tem acesso ao mundo-vida dos sujeitos. Posteriormente, chegaremos à Análise Nomotética, quando partiremos do individual, através dos ideogramas identificados, para o geral, obtidos a partir das convergências e divergências dos dados coletados, ao observar o fenômeno. (MACHADO, O., 1994).

As falas dos sujeitos, alunos e professores, serão seguidas de aspas com a referência do emissor da mensagem. As outras frases das descrições são os meus relatos (pesquisadora), seguindo o modelo de narrador-personagem, surgidos das manifestações do fenômeno observado, a sala de aula. Salientamos ainda que os nomes citados dos sujeitos nas descrições correspondem a pseudônimos, considerando-se que a pesquisa exige o anonimato dos envolvidos.

Lembramos também que os dizeres dos sujeitos seguem a transcrição literal, como ocorreram, seguindo o princípio do rigor em pesquisa científica que a abordagem escolhida exige.

5.2 UNIDADES DE SIGNIFICADO E ANÁLISES IDEOGRÁFICAS

Nesse momento serão colocados em evidência os relatos dos alunos durante a pesquisa transmutadas em unidades significativas para a elaboração das análises ideográficas. Nessa análise averigui as nuances do fenômeno sala de aula, por meio das crianças em plena manifestação de sua corporeidade nesse espaço educativo. As frases em *itálico* correspondem às minhas observações, ou seja, as “Unidades Significativas Discriminadas em Linguagem Relevante ao Fenômeno Pesquisado” (MOREIRA, 1992, p. 117).

5.2.1 Escola 1, Sujeitos Turma A

- 1** – Leandro diz: - “-Ô tia, que hora vai bater o sinal. Estou com fome!”
O aluno sente fome durante a aula, embora esteja longe do horário do recreio.
- 2** “-Tia, quem não faz tarefa, chama o Conselho Tutelar e fica preso?”
Perguntou a Elaine.
A aluna interpreta o não cumprimento da tarefa de casa, como caráter punitivo.
- 3**- Vítor brinca de revolver, usando o lápis como arma, atirando no colega.
A brincadeira como linguagem corporal no cotidiano da criança.
- 4**- Maria Luisa brinca com a tiara na mesa junto com o Gustavo.
A brincadeira no cotidiano da criança e interação com os colegas de sala.
- 5**- Gustavo brinca com a ficha do nome na mesa.
A brincadeira no cotidiano da criança durante a aula.
- 6**- Júlio está apoiando a cabeça na parede, cochilando, enquanto a professora lê o cabeçalho; levanta a cabeça, mas apoia na parede novamente, cochilando. Como não consegue, devido ao sono, deita a cabeça novamente na mesa e dorme.
O aluno busca posição confortável sentado na cadeira e dorme durante a aula.
- 7**- Ricardo espeta dois lápis em sua borracha, faz um boneco e brinca com ele.
A brincadeira como necessidade para a expressão de sua corporeidade.
- 8**- Vicenzo brinca com o lápis e o apontador na mesa, ajoelhado na cadeira.
O aluno busca posições corporais mais confortáveis e variadas para expressar através da brincadeira.
- 9**- Elaine, Caique e Júlio estão brigando, empurrando as carteiras porque estão sem espaço para sentarem confortavelmente.
O espaço da sala é pequeno, gerando conflitos entre os alunos. O corpo com necessidade de espaço.
- 10**- Ricardo: “-Tia, minhoca de paraquedas também!”
O aluno faz uma piada durante a aula.
- 11**- Leandro brinca com um cordão na mão.
A brincadeira no cotidiano da criança, durante a aula.

12- Sandro brinca na mesa com a cola, apagador e a ficha de leitura. Dobra a ficha imitando a boca de um jacaré. E esse jacaré vai comendo a cola, a borracha, o apontador. Ele conversa baixinho brincando.

A brincadeira no cotidiano da criança, como expressão de sua corporeidade, imaginação, criatividade.

13- Como a sala é muito pequena, a professora deixa as mochilas no lado de fora por não ter espaço na sala, principalmente nos corredores.

O espaço da sala é pequeno para a quantidade de alunos.

14- Leandro rasga uma folha e faz um aviãozinho e joga para fora.

A brincadeira como necessidade de manifestação de sua corporeidade.

15- Em pé, no fundo da sala, a professora corrige os cadernos de tarefa colando novas atividades para o dia seguinte. Leandro discute com a professora porque ela tomou a garrafa dele. “-Mas eu quero tomar água, estou com sede.” Disse Leandro.

O aluno contesta/questiona. Mesmo trazendo a garrafa de água o aluno é impedido de tomar.

16- “Vicenzo!!!!” Grita a Professora.

“-Mas eu só tô virado pra lá!” Responde o Vicenzo.

“Mas é isso, vira pra frente!!!” Conclui a Professora.

O aluno contesta/questiona diante da necessidade do movimento corporal da criança na sala de aula.

17- Ela escreve no quadro para escreverem os números de 0 a 10 por extenso. E pede para não olharem para os cartazes que estão na parede com os números escritos por extenso.

“Não tem como não olhar!” Disse Leandro, sorrindo.

O aluno contesta/questiona o pedido da professora e o aluno ironiza a situação. O corpo-criança manifestando a sua percepção.

18- Os alunos estão agitados, a professora apaga a luz para que eles se acalmem. O aluno Caike começa a uivar na sala.

A brincadeira no cotidiano da criança. A agitação dos corpos dos alunos e a brincadeira como linguagem corporal na criança.

19- Após 15 minutos a música toca novamente e os alunos retornam. Alguns ainda estão comendo o lanche. Depois de todos sentados e continuando a atividade, Leandro cai da cadeira e todos começam a rir dele. Ele responde para os colegas:

“Não tem graça não!”

O aluno caiu da cadeira. Noção de espaço/corpo. E contesta, defendendo-se diante dos risos dos colegas.

20- Diego pega a régua do Leandro e começa a brincar com ela.
A brincadeira no cotidiano da criança. Durante a aula.

21- Maria Joaquina brinca com o colega.
A brincadeira no cotidiano da criança. Percepção de outra corporeidade na sala de aula.

22- A professora grita várias vezes para fazerem silêncio. Em seguida, pede desculpas para mim.

Luciano diz olhando em minha direção: “-Eh tia, criança é assim mesmo!”

O aluno acha natural o comportamento dos alunos. Naturalização do comportamento.

23- Elaine está debaixo da mesa brincando com a mochila.

A brincadeira no cotidiano da criança. O movimento do corpo como necessidade, durante a aula.

24- Célia, Sandro, Vincenzo e Clarissa estão ajoelhados na cadeira, enquanto fazem a atividade proposta.

Os alunos buscam outra posição mais confortável para fazerem a atividade.

25- Ricardo brinca com Célia de não piscar o olho. Um acena com as mãos perto dos olhos tentando fazer o outro piscar.

As crianças brincam durante a aula.

26- “- Sandro, vou tirar a sua cadeira porque você só fica em pé, não vai precisar dela!” Completa a Professora falando ao aluno.

A professora chama a atenção do aluno que está de pé.

27- Sônia vai à mesa da Clarissa ajudá-la a responder a atividade.

As alunas demonstram solidariedade umas com as outras. Cooperação.

28- Maria Luíza e Sandro brincam debaixo da mesa.

As alunas brincam enquanto a professora explica a atividade.

29- “-Próxima palavra: BONECA!” Fala a Professora.

Elaine: “- É o B e o O?”

Elaine está nervosa porque não consegue escrever as palavras. Levanta-se da cadeira para olhar o caderno do Júlio.

Frustração diante da atividade proposta, devido à dificuldade encontrada.

30- Bruna e Leandro estão em pé. A professora diz:

“-Eu não sei o motivo de ficar em pé. Senta!!! Eu não entendo!!”

Os alunos estão inquietos. Não ficam sentados na cadeira, conforme ordena a professora.

31- A professora pede para que façam com capricho e diz:

“-Esse desenho vai valer *nota*, viu!”

Vicenzo responde:“-Ah é, então me dá um dinheiro!”

Todos riem!!!

O aluno faz uma piada com a fala da professora. Descontração na sala.

32- A professora orienta outra atividade aos alunos:

“-Agora vocês vão pegar o caderno de leitura e copiar as palavras do banco de palavras.” Vítor protesta:

“-Aneim, que chato! Eu não vou pegar esse caderno nem a pau!”

O aluno contesta/questiona a atividade proposta pela professora.

33- Clarisse recebe o caderno e diz:

“-Não tem tarefa? Oba!!!”

A professora responde para ela:

“-Você está cansada de saber que dia de sexta não tem tarefa, não precisa fazer festa não.”

A tarefa vista como caráter punitivo ou absolvição, como nesse caso. A aluna comemora ao perceber que não há tarefa.

34- Leandro e Clarissa se desentendem novamente.

“-Eu já estou cansada desse menino!” Responde Clarissa.

35- Leandro dá um tapa na cara de Clarissa. O rosto dela fica vermelho. A professora grita com ele.

“-Mas ela me chamou de filho da puta.” Explica Leandro.

“-Cala a boca!!” Grita a Professora.

“-Mas ela me chamou de filho da puta.” Explica novamente Leandro.

Leandro sai do lugar e vai para um canto do armário, senta no chão e chora.

A supervisora é chamada e o leva para a fora. Os alunos estão muito agitados, conversando.

36- “-Ô tia, ele falou assim; que eu tenho que cagar!”

“-Para de repetir!” Fala a Professora.

Os alunos trocam ofensas durante a aula.

37- Clarissa provoca o Leandro e ele responde:

“-Cala a boca, inferno!”

A mesa do Leandro cai no chão! A professora questiona o aluno.

Leandro responde:

“-Foi sem querer!” (Ele derrubou propositalmente).

Momento de tensão entre os alunos e o aluno, nervoso, derruba a mesa no chão.

5.2.2 ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS – TURMA A

A sala de aula é um espaço físico onde ocorrem interações entre os sujeitos (alunos e professores), com objetivos pedagógicos em busca de saberes escolares, já preestabelecidos.

Poderíamos talvez assim pensar a sala de aula, no entanto, entendemos o ser humano como uma corporeidade dotada de pulsações inquietantes, oriundas das necessidades mais profundas do seu ser. Nesse espaço virtuoso diversas tramas revelam-se. É a corporeidade no ato educativo. É a sala de aula investigada, repleta de corpos-criança vivenciam suas existências de forma autêntica. Por isso percebemos as manifestações da corporeidade dessas crianças de modo legítimo, conforme apresentamos a seguir. Reiteramos o questionamento que norteia a pesquisa: como os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental vivenciam o corpo/corporeidade na sala de aula em três escolas da rede pública da cidade de Uberaba?

O espaço físico dessa sala em particular, ESCOLA A, é extremamente pequeno. Um tamanho insuficiente pela quantidade dos alunos. As carteiras ficam bem próximas umas das outras e há somente dois corredores estreitos na sala para passagem e, por isso, as mochilas dos alunos ficam do lado de fora. A sala além de pequena é abafada, com pequenos e retangulares *vitrauxs* no lado superior da parede do fundo, próximos ao teto, proporcionando uma sensação de abafamento. As paredes são decoradas com cartazes contendo alfabeto, números, sílabas, calendário e um quadro verde pequeno. Estudam na sala 23 alunos e a professora é licenciada em Pedagogia e atua por quinze anos como docente. No recreio os alunos são proibidos de correrem, ficam conversando e comendo o lanche na porta da sala.

Voltando o olhar para os alunos/crianças, eles exteriorizaram as suas necessidades, ações, dúvidas entre outras expressões genuinamente. A corporeidade revelou-se no fenômeno sala de aula nas falas e comportamentos das crianças. O corpo-criança que brinca possui profunda necessidade do lúdico, da brincadeira, do mundo da imaginação e até mesmo para a piada oportuna, criando um clima de descontração. E o quesito brincadeira foi notório em diversos momentos na sala de aula (itens 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 18, 20, 21, 23, 25, 26, 28 e 31).

O que nos faz humanos é que somos dotados de uma condição de criação arbitrária de símbolos. Cada grupo ou cada comunidade interpreta e cria a sua realidade segundo valores próprios que têm sentido apenas se vistos sob o ponto de vista do próprio grupo. Assim, as crianças, brincando, estão interpretando e dando sentido ao que vêm, escutam e aprendem. (LOYOLA, 2004, p.27).

Vale ressaltar que os diversos momentos de brincadeira das crianças ocorreram durante a aula, quando a professora estava explicando um conteúdo e atividade no quadro ou caderno.

O ambiente da sala mostrou-se durante todos os dias de observação bastante agitado, com as crianças conversando e a professora impaciente com a indisciplina dos alunos. Seria a brincadeira - também - uma forma lúdica de fugir da realidade, a manifestação mais intensa da linguagem infantil em situações de tensão - na sala - ou a criança sendo ela mesma, independente do espaço onde está? São questionamentos pertinentes diante do fenômeno percebido na pesquisa.

Dois acontecimentos peculiares durante a investigação referentes à tarefa merecem destaque. A tarefa possui cunho pedagógico, ou seja, relembrar um conteúdo trabalhado anteriormente pela professora. Mas a forma como a professora exige essa atividade pode traduzir-se em sentença - condenação ou absolvição - para os alunos e, talvez, não atingindo o objetivo principal que a “tarefa de casa” prescreve, como nas falas das alunas, (itens 2, 33).

Em vários momentos durante as aulas os alunos ficaram bastante agitados, saindo dos lugares várias vezes, virando para trás na mesa do colega, ficando em pé ao lado da cadeira para realizar as atividades ou mesmo agachando na mesma e até mesmo brigando por espaço na sala. O corpo-criança é motricidade, manifesta-se por meio dela, principalmente nessa faixa etária de 6 anos quando percebe e apreende o mundo pela exploração dos seus sentidos corporais e não apenas copiando durante toda a aula (FREIRE, J., 1997; MACHADO, M., 2010), (itens 8, 9, 13, 16, 19, 24, 30).

Os alunos em variadas ocasiões souberam contestar, demonstrar indignidade diante de um absurdo ou incoerência por parte da professora, como por exemplo, pedir para as crianças não olharem a resposta num cartaz fixado na parede soa bastante estranho, ainda que seja uma criança na tenra idade de 6 anos. Não seria mais plausível tirar o cartaz da parede? Ou pensando no aspecto pedagógico, ter

que fazer cópias de palavras seguidas vezes para não errar novamente a grafia da palavra ou ainda ser impedido de virar-se para trás na sala de aula. E ainda mais agravante, ser castigado com a confiscação da garrafa de água, mesmo queixando-se de sede – em um dia quente, (itens 1, 16, 17, 32). O controle dos corpos em sua mais sutil manifestação acontece nos espaços escolares, mesmo diante de contestações e indignação por parte dos alunos (FOUCAULT, 2008).

Selecionamos também sete pontos diferentes entre si, mas com igual importância significativa no fenômeno observado. A aluna, que diante da frustração de não saber escrever a palavra solicitada, consultou na mesa do colega (item 29), num outro dado momento, a solidariedade apresentada pela aluna ao sair de sua mesa para ajudar a colega (item 27) e o comentário do aluno ao dizer que criança é assim mesmo – ao naturalizar a bagunça feita por eles – na sala de aula (item 22). Citamos também a hostilidade entre os alunos, com agressões verbais e física. (itens 9, 35, 36 e 37). A corporeidade desses alunos de forma distinta percebe a si e ao outro de formas diferentes, e ao seu modo, consegue dizer-nos muito sobre o microcosmo pedagógico, também denominado de sala de aula.

5.2.3 Escola 2 - Sujeitos Turma B

1- O aluno Luiz manifesta que já sabia resolver o problema, a professora convida ele para ir até a frente demonstrar como fez, ele disse:

“- Eu peguei 10 palitos, aí eu tirei sete palitos, daí eu fiquei com três”. Explica Luiz.

O ambiente propicia a participação espontânea dos alunos, tanto é que conversa com a professora e alunos de forma eloquente. O recurso dos palitos (material concreto) auxilia na resolução de operações matemáticas.

2- Uma pequena confusão se arma entre Cléa e Lia. Cléa diz a Lia: - “Você está me imitando, eu tirei quatro. Você copiou minha resposta, sua resposta está igual a minha”. Lia diz: - “Eu não copieei, eu nem olhei a sua”.

As alunas não se atentaram ao fato de que se a operação estiver correta, o resultado, necessariamente terá a mesma resposta. A não percepção desse “detalhe” causou estranhamento entre as duas, a capacidade de abstração nas operações concretas, usando recursos concretos ainda é necessária nessa fase do desenvolvimento infantil (PIAGET, 1926).

3- Uma menina encosta a cabeça no ombro do colega enquanto a professora explica a atividade.

A afetividade expressa na corporeidade dos alunos, de forma silenciosa, mas não menos singela.

4- “-Aqui você fez quanto?” Pergunta Eric,

- “Sete.” Disse Luiz.

- “Mas assim não pode, essa eu já fiz, não pode repetir a continha”, diz Eric.

- “Ai não, eu não tenho paciência, não.” Diz Luiz .

- “Olha aqui, oh, você fez assim. Eu fiz assim, oh...”, diz Luiz.

Os alunos ficam irritados novamente com o resultado da operação serem iguais.

5- A Lia, a aluna com dificuldade, vai até a mesa da professora, pedir auxílio novamente.

A aluna se sente à vontade para dirigir-se à professora para perguntar, está inteiramente envolvida com a questão e deseja aprender.

6- Eric se levanta e segue até a professora, pede explicação. Eric pergunta:

- “Tia, existe mais de duas contas no mundo?” A professora não escuta. Eric a chama novamente e torna a perguntar.

A pergunta capciosa do aluno reflete a dúvida de outros colegas também. No entanto, a professora não percebeu o seu questionamento e o mesmo ficou sem resposta.

7- Uma das meninas troca a roupa da boneca no colo, ela já havia terminado a atividade.

A brincadeira de mamãe/filhinha revela a necessidade do lúdico como expressão da corporeidade da criança. Isso acontece durante a aula.

8- Os alunos vão levantando os dedos querendo participar, estão em silêncio. Regina quer participar, mas está com vergonha. A professora vai até a mesa dela, olha o caderno, registra na lousa a operação.

O ambiente da sala organizado e tranquilo propicia a participação dos alunos. E mesmo a corporeidade ainda tímida é percebida pela professora.

9- Luiz cruza as pernas em uma cadeira e brinca com o lápis no dedão do pé...

O menino brinca várias vezes na aula, mesmo o restante da sala estando concentrado na atividade.

10- Luiz balança o braço do Eric o levantando. Eric responde: “-Espera! Deixa eu fazer!!” (a tarefa).

Embora a brincadeira seja a linguagem da infância, a criança envolvida em uma situação educativa consegue disciplinar-se atendendo ao momento devido.

11- Luiz ficou sem recreio, a professora pergunta a ele: - “Foi bom, Luiz?”

- “Não”. Responde Luiz.

O comportamento do aluno durante a aula foi punido com a suspensão do recreio pela professora. O aprisionamento do corpo como medida coercitiva.

12- A professora separou a mesa de Luiz de perto de Eric. Luiz continuava agitado e inquieto, brincando com o apontador, estojo e cola em cima da mesa. Depois dirigiu-se ao chão debaixo da mesa, continua descalço e brincando agora com um bonequinho nas mãos.

O corpo-criança do aluno manifesta-se de forma desordenada, ansiosa. Alheio ao ambiente escolar onde se encontra, fala por meio dos gestos, a linguagem que naquele momento não é percebida pela professora.

13- Ingrid tirou o cinto rosa e brinca com ele nas mãos.

No meio da aula a aluna retira o cinto da calça e começa a brincar com ele. É o corpo-criança que brinca.

14- Alguns alunos (2) estão de pé ao lado da professora, perguntando.

“-Eu já expliquei o combinado, qual é o nosso combinado?” (Professora)

“-Levantar o dedo!” Responde Eric.

“-Isso. Levantar a mão que eu irei na mesa.” (Responde a professora com voz baixa).

Os alunos sabem o combinado da sala, levantar o dedo sem saírem do lugar para falar com a professora. Corpos dóceis e treinados para a normatização do espaço/ambiente.

15- Luiz não começou a atividade (cabeçalho), está brincando com o lápis na mão e com o rótulo de uma garrafa de refrigerante. Agora põe a garrafa na boca (a lateral).

Mesmo diante de várias atividades propostas, o aluno continua absorto em suas brincadeiras.

16- Luiz vai às mesas de uns colegas pedindo a tesoura, os colegas não emprestam. “-Eu tenho, mais não vou emprestar.”

- “Eu também, mas não quero.” Fala outro colega.

“-Eu não gosto do Luiz, ele é muito teimoso. Gostar eu gosto, mas ele é muito teimoso.” (Ana Cláudia), diz a menina para si mesma.

A agitação do colega causa hostilidade e reprovação para com ele em relação aos colegas, ao ponto de não quererem emprestar-lhe o apontador.

17- Calmamente, Túlio ajuda o Pedro a colar as figuras dos animais no livro. [...] Túlio está com o lápis do Pedro na mão e responde o livro para o colega, olhando no quadro a resposta. Assim que termina, volta para o lugar.

A solidariedade entre os colegas é uma característica marcante das crianças. O menino percebe a “necessidade” do amigo e vai a sua mesa “ajudá-lo.” (VYGOTSKY, 2008).

18- Os alunos estão calmos, em silêncio, escrevendo o cabeçalho no caderno, estão sentados em duplas.

Uma característica dessa sala é que os alunos em sua maioria ficam calmos durante a aula e sentam-se em duplas na realização das atividades. As crianças tendem a se sentirem mais seguras quando amparadas uma pelas outras nas atividades pedagógicas, corporeidades próximas, dialogando entre si (MACHADO, M., 2010; MERLEAU-PONTY, 2006).

19- Túlio que tinha ido ao banheiro, retorna andando de costas. Anda até bater na mesa da professora. Ele ri e senta no seu lugar.

A corporeidade infantil na linguagem lúdica.

20- Uma menina caiu da cadeira. A professora explica que é preciso saber sentar direitinho na cadeira para não se machucar.

Noção corpo/espço da criança na sala de aula ainda em busca de equilíbrio.

21- Eric ajuda o Luiz a escrever uma palavra.

- “Vai escrever aí”. (Eric).

- “Qual letra?” (Luiz)

- “H” (Eric).

- “Essa?” (Luiz)

- “Não, eu disse H.” (Eric).

Luiz está tentando escrever a palavra GALINHO.

A solidariedade entre os colegas na resolução da atividade.

22- Túlio está chorando. Uma colega veio até a professora contar para ela.

A professora vai até a mesa dele, conversa com ele, pede para ele ir até o banheiro lavar o rosto. O menino vai. Ele retorna, ajoelha no chão para pegar o seu estojo. Ao pegar, a colega ri para ele. Ele corresponde o sorriso.

Quando ela se distrai ele derruba a bolsinha dela também no chão.

Ela ri e diz:

“-É Túlio!” (Risos),

A menina chama a professora ao ver o amigo chorando. A brincadeira gera o acolhimento. A corporeidade expressa, em sua pureza, lágrimas e sorrisos na sutileza do gesto.

23- Um grupo de meninas conversam.

- “Nossa, que cheiro é esse?” (Jéssica).

- “Você tomou banho hoje?” (Ingrid).

- “Eu tomei, é verdade!” (Regina).

- “Pode falar, a gente não vai contar pra ninguém.” (Ingrid).

- “Ela tem cheiro de ovo frito.” (Ingrid).

“-Ovo podre”. (Risos entre as meninas).

Essa menina (Regina) que elas disseram estar com o cheiro ruim estava no reforço. Chegou agora à sala.

A percepção da colega através do cheiro. A conversa entre elas denota um tom de zombaria, bullying.

24- Agora Regina e Jéssica estão brincando de pedra/papel/tesoura.
As meninas brincam durante a aula.

25- “-Tia, eu tô quase aprendendo a ler”. A minha mãe está tomando comigo lá em casa. Ontem eu errei só quatro.” (Ana Cláudia)
Aprender a ler é o principal objetivo nesse ciclo de alfabetização. E a ajuda da família nesse processo é importante. Ler o mundo letrado, amplia o campo de visão (VYGOTSKY, 2008).

26- Agora mais três meninas cantam para Miriam. Todos riem. Agora Jéssica e Ana Cláudia cantam para Heloísa. A Heloísa canta a parlenda sorrindo. Ingrid começa a cantar a música novamente colocando o nome da Regina e sorri.
A música na sala de aula tornou o ambiente descontraído e alegre, todos os alunos participaram.

27- Ingrid:- “Oi, a minha barriga já está doendo porque está com fome.”
A menina está com fome, falta poucos minutos para o recreio. A aluna faz parte do tempo integral e vai passar o dia todo na escola. Normalmente na sala é vedado comer fora do momento do recreio.

28- Túlio fica calado e não corresponde. A professora diz: “- Se não responder a atividade vai ficar sem recreio!” O menino não responde. Fica em silêncio. Ela explica para o aluno que não o ajudou antes porque estava ajudando um outro colega. Mas o menino desvia o olhar e não responde. A sala está em silêncio e todos respondem a atividade, exceto Túlio. [...] A professora veio me explicar que ele sempre foi assim, que já chamou a mãe e que em casa ele é da mesma forma. Ele emburra e chora. Quer a atenção toda para ele. A professora disse que a mãe o estava levando ao psicólogo. Mesmo sob ameaças de perder o recreio, Túlio não se mexeu. A professora eventual diz: - “Túlio, enquanto você não fizer não irá para o recreio! Não precisa fazer essa cara de piedade para mim, Túlio.” Ele vira para trás e olha para mim em silêncio. Todos já foram para o recreio. Ele continua em silêncio e sem responder. Ela pergunta se ele não trouxe lanche. Ele permanece em silêncio. A professora sai da sala. Ele continua em silêncio, agora com a cabeça deitada na mesa. A professora B retorna e o libera para ir para o recreio e sai em seguida. Ele permanece quieto, chorando na mesa e não responde e não vai para o recreio. Apenas o menino e eu estamos na sala. Eu o chamo. Ele tapa os ouvidos. Saio da cadeira onde estou e vou até a mesa dele e tento conversar. Ele não responde. Peço um abraço e vou conversando com ele. Brinco com ele. Ele ri. Aos poucos ele vai interagindo comigo, sem falar. Dou as mãos a ele e o chamo para o recreio. Ele me acompanha. Passados alguns minutos retorno para a sala antes do recreio terminar. Assim que eu sento na cadeira ele aparece na porta (será que estava me “vigilando”?) Perguntei se ele estava bem. Ele acenou com a cabeça que sim. E depois retornou para o recreio. Ele voltou, a professora sentou-se com ele e ele fez a atividade do livro com ela.
É um trecho longo, mas precisei colocar ele na sequência dos fatos para melhor compreensão. O corpo-criança possui várias linguagens e o silêncio é uma delas.

(MACHADO, M., 2010; MERLEAU-PONTY, 2006). Um menino triste não se ignora. A dor muitas vezes é silenciosa e as lágrimas são o indício de que algo não está bem. Se como pesquisadora, talvez, eu não pudesse interferir, como humana, não tinha outra coisa a fazer, senão acolhê-lo. Quando as palavras desaparecem um abraço pode dizer muito. Na dinâmica da sala de aula, o pedagógico não pode sobrepor o humano. Aliás, o primeiro existe em detrimento do segundo. E não o contrário. É bem verdade que não podemos eliminar a dor do outro, mas amenizar o sofrimento que ela causa é nosso dever. É questão de humanidade.

29- Adele começa a chorar compulsivamente. A professora pede para eu a levar para fora e conversar com ela. Lá fora, abracei a Adele e disse que ia ficar tudo bem. Perguntei se ela gostaria de conversar comigo. Ela disse que sim. Chorando disse que queria a Mãe, que queria ir embora, que não queria ficar no tempo integral, que queria ficar na sala da irmã (de 8 anos), mas eles não deixam. Perguntei se ela havia lanchado. Ela disse que não. A professora trouxe uma bolachinha para ela. Perguntei porque não comeu o lanche da escola, ela disse que tinha um creme marrom (creme de chocolate) e ela disse que não gostava. Aos poucos ela foi se acalmando. Ela tomou um pouco de água e acabou de comer as bolachas.

A criança, quando em momento de tensão ou situação que não consegue resolver, costuma usar como forma de diminuir a ansiedade o choro (LEJDERMAN; BEZERRA, 2014). A aluna chorou compulsivamente na sala de aula e pediu a mãe e depois a irmã (estuda na mesma escola) como referência, simbolizando “proteção”. A menina estava com fome. O lanche da escola não a agradou e como não trouxe lanche de casa, não teve o que comer.

30- A professora entrega uma folha rosa para os alunos fazerem um desenho para a Jéssica. Túlio fala que rosa é de menina. A professora explica que ela é menina, mas que rosa é uma cor e não tem isso de ser de menina ou de menino. [...] Túlio diz novamente: “ROSA é de menina. Homem pode ficar de perna aberta, mulher não pode”. A professora diz: - “Hoje você está polêmico, hein? Túlio sorri.

Nessa parte fica visível a questão do gênero. O que “é de menino e o que é de menina”? A professora, ao pedir para todos escreverem na folha (rosa) uma mensagem para “A” aniversariante deixou subentendido alguma mensagem também? A fala dela foi contestada pela atitude; e pela fala do menino, ele parece ter um conceito bem definido a respeito.

31- A professora retorna e organiza a sala para brincarem e pedem para guardarem os materiais. Os meninos ficam eufóricos. Ela afasta a mesa e eles brincam sentados no chão. “-Brincadeira é sentado, gente.” (Professora). Os alunos pegam os seus brinquedos nas mesinhas no canto da sala e sentam-se. Bonecas, quebra-cabeça, massinha, bonequinhos de personagens, carrinhos de flexão. As meninas brincam de casinha. “-Mamãe, posso brincar com ela?” “-Eu quero mimi.” Todas as crianças interagem entre si e compartilham os brinquedos, exceto o Luiz, que não está brincando com ninguém. “-Não, Maria, não é para brincar de namoradinho.” “-Mamãe, eu estou com fome.” “-Eu quero bolo!” “-Obrigado mãezinha.” Horário de saída.

O horário “oficial” de brincadeira, o mais esperado pelos alunos durante toda a semana. Os alunos ficam extasiados com o momento, ainda que sejam 10 minutos antes de tocar o sinal de saída. É o corpo-criança que brinca.

32-“Ingrid, vou colocar seu nome no quadro”. Disse a professora.

- “Eu não estou fazendo nada! Disse Ingrid.

A professora responde:

- “Você está olhando para trás.”

Olhar para trás sem a permissão da professora pode levar o nome da criança para o quadro e como consequência, ficar sem recreio.

33- Luiz cai da cadeira. Sorrindo, ele vai à professora avisar que caiu do banco.

- “Você acha que eu não percebi?” (Professora).

A relação espaço/corpo precisa ser trabalhada nas séries iniciais.

5.2.4 ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS - TURMA B

Na sala da Escola B estudam 22 alunos, a professora tem licenciatura em Pedagogia e trabalha há mais de 10 anos na profissão. O espaço físico da sala é arejado com tamanho regular. As carteiras ficam dispostas com bom espaço nos corredores da sala. A sala possui um ambiente tranquilo. As paredes são decoradas com alfabeto silábico e um cenário dos Três Porquinhos. Existe ainda a descrição dos números de 0 a 100 por extenso e figuras geométricas. Os alunos apresentam comportamento tranquilo e estão organizados para sentarem em duplas. A professora possui um tom de voz baixo e calmo na condução da sala. No recreio as crianças brincam livremente no pátio sob a monitoria de funcionárias da escola. E seguindo com a análise, lembramos a pergunta que baseia a investigação: como os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental vivenciam o corpo/corporeidade na sala de aula em três escolas da rede pública da cidade de Uberaba?

Durante a investigação na sala o ambiente mostrou-se calmo e os alunos participando das aulas ativamente, respondendo às perguntas da professora. Os alunos faziam as atividades no caderno e se dirigiam ao quadro, quando solicitados pela professora (itens 1, 5, 8, 10, 26).

A participação dos alunos e o envolvimento gera um ambiente de aprendizagem. As dúvidas na disciplina de Matemática são compreensíveis, quando analisadas sob o ponto de vista da psicogênese do desenvolvimento infantil (Piaget, 1990), no que se refere às operações matemáticas, ligadas à capacidade de abstração das crianças. (itens 4, 6).

Na sala o componente afetividade, cooperação e solidariedade, fizeram-se presentes em diversos momentos. Na ajuda ao colega com dificuldade, na percepção do outro num momento de desolação ou mesmo em descansar a cabeça no ombro do colega. A empatia ficou marcante nessa sala (itens 17, 18, 21, 22). É a corporeidade dialogando com outra corporeidade.

A brincadeira foi o fenômeno mais evidente observado nos mais variados momentos. Durante o horário reservado para ele, 'hora do brinquedo' e mais ainda, em outros horários no decorrer das aulas na semana (itens 7, 9, 12, 13, 15, 19, 24, 31). É o corpo-criança que brinca em todos os momentos.

Também ficaram evidenciadas situações de desconforto entre os alunos mediante o comportamento de uma das partes e até mesmo pela atitude da professora. Hostilidade, bullying, choro emergiram durante a observação, (itens 16, 23, 28). O corpo-criança possui linguagens variadas para expressar-se.

Os alunos parecem “compreender” as regras estipuladas pela professora na sala de aula, como levantar a mão para pedir a palavra e não fazer bagunça, sabendo também as sanções quando desobedecidas. É o corpo-criança treinado e/ou punido (itens 11, 14, 32).

Quanto aos alimentos fornecidos para os alunos, cada escola segue um cardápio semanal, mas sempre fica uma lacuna ao pensar na possibilidade de a criança não comer o que é oferecido pela escola, como no caso, mingau doce de chocolate. Ficar sem comer, das 7 horas da manhã até às 11h30? Pode acontecer também de o aluno não tomar café da manhã em casa, e normalmente, não é oferecido lanche aos alunos logo quando chegam à escola (itens 27, 29). Sabemos que a criança pode trazer o lanche de casa, mas nem sempre a realidade financeira da família permite.

Embora os alunos do primeiro ano estejam na faixa etária de 6 anos em média, muitos ainda não possuem a noção corporal definida, apresentando dificuldades na relação espaço/corpo, o que termina em cair da cadeira onde

estão sentados, (itens 21, 33). A corporeidade requer motricidade, atividades com jogos e brincadeiras que auxiliem na construção desse conceito nas séries iniciais do Ensino Fundamental. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 1994; NISTA-PICOLO; MOREIRA, 2012; PEREIRA, 2015).

E não poderia deixar de apresentar a alegria da aluna ao comentar que está aprendendo a ler, tendo o auxílio da mãe em casa. De acordo com as diretrizes que norteiam o ciclo de alfabetização, espera-se que o aluno esteja lendo ao final dessa primeira etapa (item 25).

5.2.4.1 Escola 3 - Sujeitos Turma C

1- A Viviane está com a cabeça deitada na carteira, está sonolenta, cochilando.

Devido ao horário da aula, a aluna chega sonolenta ao início do turno.

2- A professora pergunta para a Miranda: “-Quem fez a tarefa pra você?.” Miranda responde: “-Foi a minha mãe”. A professora disse: “-Então eu terei que mandar duas tarefas, uma para você e outra para a sua mãe”. Miranda: “-Mas tia, é que eu não dou conta...” Professora: - “Eu não quero saber disso mais não tá”.

A mãe fez a tarefa de casa para a filha. A aluna diz não saber responder. A tarefa de casa tem o caráter pedagógico de revisão do que foi estudado na sala. Corporificação que aprende, os pais devem estar atentos a isso.

3- Karen está brincando com a garrafa de água.

A aluna brinca e não faz a atividade proposta pela professora.

4- Karen e Miranda brincam no chão ao lado de suas mesas. Dênis agora brinca com os adesivos do caderno.

Vários alunos brincam durante a atividade proposta pela professora. Será que o comportamento das crianças pode dizer a respeito de como a aula está sendo conduzida?

5- Heitor caiu da cadeira. Agora está no chão.

A relação espaço-corpo na sala de aula. Autopercepção.

6- A professora pergunta o nome do aluno novato. Heitor diz: “-Não quero conversar.” (E coloca a mão no ouvido). Ela diz que quer falar com ele ... e explica as regras de convivência. Ele escuta com os braços cruzados em cima da mesa.

O corpo fala em diversas linguagens. O aluno novato não está receptivo com a professora de Educação Física e usa o corpo (tapando os ouvidos) e cruzando os

braços em cima da mesa para demonstrar que não está aberto ao que a professora quer dizer.

7- Lia chega. 7h45. A professora diz: -“Lia, isso são horas de chegar?” A menina apenas balança a cabeça dizendo que não. O semblante sério. Ela está bem arrumada, cabelo molhado, presos em cachinhos penteados. Lia procura o caderno na mochila. [...] Ensaia várias vezes para pegar mais algumas coisas na mochila mas não diz nada. Na mesa há somente o caderno. Lia está parada, na cadeira sem dizer nada.

A aluna chegou atrasada à aula, foi a mãe quem a levou. O constrangimento de chegar depois da aula ter iniciado a deixa em silêncio, diante dos olhares dos colegas de sala. De acordo com o ECA, Art.53 (BRASIL, 2001, p.23), Lia tem direitos assegurados por lei e que não podem ser negligenciados.

8- A Miranda sai do seu lugar e vai à mesa da professora e diz: -“Ô tia, empresta um lápis para Lia?” -“Cadê o seu lápis, Lia?” Pergunta a Professora. A aluna não diz nada. Miranda vem até a minha mesa e pergunta se tenho um lápis para emprestar para a Lia. Eu não tenho. Digo pra ela pedir para a professora. Miranda consegue um lápis e vai à mesa de Célio pedir um apontador. Ele não tem. Ela vai até a professora e pede um apontador emprestado.

9- *A sensibilidade da Miranda com Lia foi espantosa. Ela percebeu que a colega estava sem lápis e imediatamente procurou meios de conseguir um lápis para a colega. Lia ficou em silêncio o tempo todo e em nenhum momento pediu para a Miranda material. Corporeidades que conversam, além das palavras.*

10- A professora sai da sala.

Brian diz: -“Eu já terminei tudo, a tia não mandou eu colocar a cabeça na carteira.”
O aluno se espanta pela professora não o ter mandado deitar a cabeça na carteira. Parece ser do senso comum entre os alunos após terminar a atividade, deitar a cabeça na mesa. Seria o condicionamento dos corpos?

11- Jorge reclama que Brian o chamou de chorão. - “Mas ele começou primeiro, tia!” (Brian) A professora sai da sala novamente. 8h30 -8h32 - Ela retorna. Brian e Jorge continuam discutindo. A Miranda está na mesa deles, ouvindo e tentando uma conciliação: -“Brian, fala a verdade...” (Miranda)

A aluna apresenta um espírito de liderança e conciliação na sala. A solidariedade diante da situação do outro emerge no fenômeno apreendido.

12- Karen brinca com o lápis no caderno.

Karen está alheia à atividade no caderno, continua brincando com qualquer coisa à sua volta. O fenômeno brincadeira faz parte do cotidiano da sala, durante a aula.

13- No fundo da sala há 3 baldes, um com peças de montar de plástico, outro com tampinhas e o terceiro com brinquedos. Gaspar vai ao fundo da sala pega umas

tampinhas de garrafa pet para fazer continhas. Depois Jonh e Miranda também pegam as tampinhas para terminarem a tarefa de Matemática.

Os alunos movimentam-se com liberdade na sala para buscarem as tampinhas. O material concreto auxilia na resolução de operações matemáticas, principalmente nessa faixa etária.

14- Miranda ajoelha no chão e usa a cadeira da mesa para contar as tampinhas e colocar em cima do caderno. Ela continua atividade silenciosamente de forma calma. Miranda não terminou a atividade de Matemática, mas recolhe algumas tampinhas na blusa e devolve para o balde. Depois retorna para a cadeira e ajoelha-se.

As alunas estão à vontade na sala de aula. Buscam resolver a atividade em outras posições. É o corpo-criança que necessita do movimento.

15- Karen não está copiando. Ela brinca com o tênis e o lápis.

A aluna continua distraída, não faz a atividade e brinca durante a aula.

16- Carmen cai da cadeira.

Noção corporal de espaço ainda necessitando ser trabalhada. Jogos e brincadeiras auxiliam a criança a construir dessa consciência corporal.

17- Jorge vem até a minha mesa mostrar as figuras todas com os nomes corretos.

-“Tia, olha aqui , só cacau que eu não fiz sozinho, mas os outros eu fiz tudo sozinho! MALA- TATU- GATO- NAVE.”

O aluno demonstra orgulho por ter terminado a atividade sozinho. Está envolvido com a tarefa.

18- Heitor foi contar sobre o que aconteceu na tarde de ontem. A professora responde a ele: -“Heitor, eu não quero saber do que está acontecendo à tarde, eu não tenho nada a ver com isso.” Heitor diz: “ – O amigo do meu pai morreu. A polícia matou ele. A polícia é ruim tia. A polícia é pior que os bandidos”. A professora pergunta: -“Quem te falou isso?” Heitor responde: -“O meu pai, tia”. A professora intervém, explicando que a polícia não é do mal, não é má. Que serve para manter a ordem e ajudar as pessoas. Ele a escuta atentamente.

Segundo o relato do aluno anteriormente, ele não tem uma referência feminina em casa, mora somente com o pai e passa o dia todo na escola. Ele quis compartilhar a experiência que passou no dia anterior e a professora o respondeu de forma ríspida. Ainda assim, ele continuou com a história. Heitor concluiu que a polícia é má, após o suposto comentário feito pelo pai, sobre a morte do amigo. O aluno, ficou inteiramente atento à explicação da professora sobre o papel da polícia na sociedade. O aluno está na fase de construção de conceitos sobre si (sua existência) e do mundo. O contraponto feito pela professora permitiu que o mesmo refletisse sobre outras possibilidades, diferentes da que ele trouxe de casa. Eis o principal papel da educação, educar para a vida (MORIN, 2000).

19- Karen brinca com a ficha, não está fazendo a atividade.

O rendimento na aula foi baixo, a aluna brinca diversas vezes, deixando de fazer a exercício proposto.

20- A professora vai à mesa do Jonh e apaga a frase que ele escreveu e diz para o aluno: “Pode apagar Jonh, todas as vezes que você escreve frase com mala, você escreve que ela é amarela.” Ele cruza os braços na mesa e vira o rosto, nervoso. Ficou emburrado. Depois de uns minutos volta a escrever novamente.

O aluno ficou visivelmente irritado pela professora ter apagado a atividade que ele respondeu no caderno. Não respondeu com palavras, mas corporalmente, a atitude da professora.

21- Brian brinca de saci na sala, pulando com um pé, vai ao fundo da sala e retorna. A professora chama a sua atenção: - “Senta, Brian”! Ele continua em pé, do lado da mesa brincando com o apontador. Faz o apontador de bola. Depois vai à mesa de alguns colegas e para na lixeira apontando um lápis. Agora ele fica do lado de uma mesa e começa a girar (quase cai). Pula e roda, dança, joga o lápis para cima. Tropeça na mochila e se joga no chão. Imitando uma voz aguda diz: “-Eu não sei escrever: CACAU É BONITO. Eu não sei nem formar frase!” Diz Brian chateado.

Esse relato nos aponta algo importante. O aluno corporalmente está inquieto, agitado, ansioso. Existe algo que está o incomodando profundamente. E a fala dele em voz baixa denuncia a hipótese, ele está chateado pelo fato de não conseguir realizar a atividade proposta pela professora e não conseguiu ainda na sala recursos que o ajudassem a resolver essa questão. A indisciplina muitas vezes é um indicativo de que algo mais profundo está latente. (MORAIS, 1994).

22- 9h30 o sinal tocou. Todos foram para o recreio. Heitor não foi. Ficou sozinho na sala. Fui até à mesa dele. Perguntei o motivo de ele não ter ido. O menino responde: “Eu não quero ir, tia. Quero ficar aqui” Eu pergunto: “-Por quê?” Ele ficou em silêncio. Perguntei porque ele estava triste. Os seus olhos encheram de lágrimas e respondeu: “-Eu quero voltar para a outra escola, eu estou com saudade dos meus amiguinhos.” Ele mora apenas com o pai, disse que viu a mãe apenas uma vez e que não tem irmãos. Que quer os amigos de volta e gostava da outra escola. Hoje é o terceiro dia dele na sala. Chamei-o para o fundo da sala onde há um balde de brinquedos. Ele pegou um boliche (2 pinos e brincou por uns cinco minutos) nisso o sinal tocou. Ele correu para a cadeira e deitou a cabeça na carteira. Hoje ele está com o semblante triste. Quase não saiu do lugar e nem conversou com os colegas da sala.

Crianças normalmente adoram o momento do recreio. Criança é movimento e nesse contexto, uma ação corporal (querer o isolamento dos demais) transmite uma mensagem (FREIRE, J., 1997; MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004). Enquanto pesquisadora, mais uma vez me encontrei em uma situação que não pude ficar indiferente. Uma criança de 6 anos, “convidada a se retirar” de uma escola devido o seu comportamento, negligencia a sua principal função. Uma corporeidade que necessita de atenção e está sendo ignorada pelos sujeitos que profissionalmente deveriam acolher. Lenços - e brinquedos - podem enxugar lágrimas, mas não “apagam” cicatrizes.

23- Heitor agora está ajoelhado no chão batendo palmas, brincando com as mãos. -“Heitor, vai para o lugar!” Fala a professora para o aluno. Ele se levanta do chão e senta-se na cadeira.

O menino se distrai fácil com as brincadeiras durante a aula, não se concentrando nas atividades solicitadas.

24- Brian está sentado no lugar copiando a ficha das sílabas complexas no caderno. Ele não conhece todas as letras do alfabeto. - “Tia, tia, me ensina aqui”. Pede Brian à professora.

Mesmo ainda não alfabetizado, o aluno segue fazendo o que foi pedido pela professora. Muitas vezes o aluno faz cópia da palavra sem saber o que está escrito. Ele pede ajuda para a professora.

25- Gaspar e Brian continuam brincando com o lápis, jogando um no outro. Gaspar corre tentando desviar dele.

Brian não conseguiu ficar muito tempo concentrado na atividade que estava fazendo, rapidamente saiu do lugar e foi brincar na sala com o colega.

26- Joice e Karen estão de pé se abraçando.

A afetividade entre as crianças acontece de forma espontânea, entre diálogos, olhares e silêncios.

27- Brian, Tony, Joice ficam ao redor da mesa do Lino, tentando ver o que ele escreve.

Tony lê: -“ PA -RA -BENS!”

“- Parabéns, que legal!” Tony dá um abraço e um beijo em sua bochecha. Depois todos voltam para o lugar.

Ao conseguirem ler o que a professora havia escrito no caderno do Lino, todos ficam felizes, a alegria é celebrada por todos. E Tony carinhosamente abraça o colega. Corpo-criança que transmite pureza, inocência.

28- Jonh diz: “-Ô tia, é para colorir com cor de pele preto, né?” O aluno que pergunta é negro.

Na comunidade escolar, o lápis de cor rosado também é conhecido como “cor de pele”. A pergunta do aluno é muito interessante e pertinente, porque ele consegue perceber a diferença. Crianças de etnias diferentes, chamam o lápis dessa cor de “cor de pele ”como se existisse apenas um tom de pele. O lápis preto ou marron, num país majoritariamente da raça negra, é simplesmente chamado de lápis preto e lápis marron. Há “corpos invisíveis” em nossa sociedade? Fica a pergunta.

29- Karen está na mesa da Miranda com o livro; estão fazendo juntas as atividades. Uma está ajudando a outra.

A afetividade e amizade entre as alunas, corporeidades que dialogam.

30- Jonh pede para a professora: “– Ô tia, explica outra tarefa pra mim?” Ele costuma terminar rápido as atividades propostas. “-Tem que esperar, você vai ficar na frente dos seus colegas”. Responde a Professora.

O aluno possui facilidade nas atividades propostas e pede para fazer mais outras. Se o aluno possui dificuldades, muitas vezes atividades paralelas são oferecidas. E quando o aluno tem um rendimento maior que os demais? Simplesmente “tolhe”? Nivelar pelo menor seria o ideal? Corpo-criança tolhido.

31- Joice e Miranda estão ajoelhados no chão usando a cadeira como mesa. *As alunas estão à vontade realizando a tarefa, numa posição confortável para elas. A professora vê e não interfere. O importante é estarem fazendo a atividade, segundo o relato da professora.*

32- Rui mostra a atividade dele para a Carmen, ela dá um abraço nele e passa a mão nos seus cabelos.

A afetividade entre os alunos durante a aula é marcante. Corpo-criança afeto.

33- Caiu cola no caderno do Rui. Alguns alunos ficam ao redor da cadeira dele e começam a ajudá-lo.

Solidariedade e afeto permeiam a relação entre os alunos da turma. Corpo-criança que acolhe.

34- Gaspar tenta: “-Bo – Bom- Bom – Br – Bri – Bombril, tia!” “-Isso mesmo, parabéns!” Responde a professora. Gaspar comemora contente e vai para o lugar com a revista nas mãos. Os alunos estão empolgados. [...] Gaspar vai correndo para a professora com a revista na mão dizendo: “Ô tia, eu achei brilho, olha só aqui!” “-Isso mesmo”, responde a professora. Gaspar volta para o lugar correndo e pulando de alegria.

A atividade proposta causa euforia nos alunos. Todos fazem a atividade com envolvimento. Corpo-criança que aprende.

35- Heitor corre até a mesa da professa e diz: “-Essa daqui, ó, essa daqui!”

A professora completa: “Brado, isso mesmo!” Heitor sorri e retorna contente para a sua mesa e cola a palavra no caderno.

O aluno que estava distraído e brincando participa do exercício. Corpo-criança que aprende.

36- Lia chegou agora, às 9h50. A professora chama a atenção dela: “-Isso são horas, Lia?” A professora leva a aluna para a coordenação anunciando o horário que ela chegou. A professora retorna irritada dizendo que foi a mãe dela quem a trouxe, mas não explicou nada para a coordenação. A professora pega uma cadeira para a Lia sentar porque na sala não havia mais. A professora conta para a colega da sala ao lado e ela diz para a Lia: “-Chegou para o almoço, Lia?” Miranda e Célio perguntam para a Lia: “Isso é hora de chegar na sala, hein?” A Lia copia as atividades do quadro lentamente e em total silêncio, desde que entrou na sala de aula.

Novamente a criança chega atrasada na escola. Constrangimento, devido à forma como foi recebida pela professora e colegas. Corpo-criança em silêncio.

37- Heitor está concentrado recortando uns papéis na mesa e colando. Agora Heitor vem em minha direção e mostra o que fez. É uma colagem no formato de barco de papel. Eu elogiei e disse que estava muito bonito. Ele respondeu: “- Toma, pode ficar pra você.”

Eu agradei e dei-lhe um abraço.

Heitor evoluiu desde o primeiro dia na escola. É um aluno que participa, quando o seu interesse é despertado. Talvez necessitasse apenas de um ambiente acolhedor. Corpo-criança afeto.

38- Hoje é o dia do brinquedo. A professora orienta. “-Agora guardem os materiais e peguem os brinquedos. Quem é do Tempo Integral, já pode ir.” Heitor que é do Tempo Integral chora porque quer brincar e não ir almoçar. Mas acaba tendo que ir para o refeitório. Passa alguns minutos e a aula termina.

Embora tenha um horário oficial para a brincadeira, nessa semana em que estive na sala o horário foi muito próximo à saída. Os alunos esperaram a semana toda, mas ficaram frustrados, porque brincaram menos de cinco minutos.

5.2.4.2 ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS ALUNOS TURMA C

A sala da ESCOLA C é espaçosa e ventilada. Na parede há cartazes com números, alfabetos, famílias silábicas e no fundo da sala há baldes grandes com tampinhas de garrafa e brinquedos. Existem poucas carteiras na sala, ficando um espaço amplo e arejado. As janelas da sala são grandes, é um espaço agradável. A professora possui licenciatura em Pedagogia e atua há onze anos no magistério. Estudam na turma 18 alunos. No momento do recreio os alunos ficam sentados na porta da sala, comendo o lanche que trouxeram de casa e conversando, já que o alimento fornecido pela escola é oferecido anteriormente ao recreio. Não é permitido correr no recreio. A professora conversa com os alunos num tom de voz calmo a maior parte do tempo e os alunos conversam num tom de voz moderado na sala. Salientamos novamente a pergunta geradora dessa pesquisa: como os alunos do primeiro ano do

Ensino Fundamental vivenciam o corpo/corporeidade na sala de aula em três escolas da rede pública da cidade de Uberaba?

As interpretações do fenômeno baseadas nas análises significativas nos remetem ao primeiro marco encontrado no perfil dos alunos da Escola C. O caráter lúdico foi predominante em diversos momentos durante a semana de investigação na sala de aula. Os alunos brincaram uns com os outros, com o material escolar, com os brinquedos que trouxeram de casa, usando as mãos. O corpo-criança que brinca emergiu de maneira ostensiva em variados momentos, (itens 3, 4, 11, 14, 18, 20, 21, 23, 25, 38). Reiteramos que essas brincadeiras ocorreram durante a aula, com a professora na sala de aula.

De forma sutil, mas não menos importante, os gestos singelos de afeto e solidariedade revelaram-se entre as crianças. Gestos ricos em sensibilidade aliviaram nos momentos de angústia, constrangimento e dor (item 8), como também nos momentos de descobertas, conciliação e empatia entre as crianças. (itens 10, 26, 27, 29, 32, 33, 37).

A criança necessita desenvolver a corporeidade para melhor percepção espaço/corpo. Em dois momentos diferentes as crianças caíram da cadeira durante a aula. (itens 5,16).

As crianças lidam com a dor, o sofrimento, a angústia de maneira diferente do adulto, principalmente por não saberem verbalizar precisamente o que estão sentindo nesses momentos, por isso se expressam com o corpo. Ao colocar as mãos nos ouvidos, negaram-se a ouvir a mensagem por algum motivo (item 6). Em momentos de constrangimento ou um sofrimento emocional o corpo pode emudecer ou isolar-se querendo ficar sozinho na sala. (itens 7,19, 22, 36).

Na sala de aula os alunos se envolveram com as atividades propostas pela professora, usaram o material concreto disponibilizado (tampinhas, revistas), pediram ajuda nos momentos de dúvida e se sentiram livres, inclusive para sentarem-se de forma mais descontraída no momento do exercício dado (itens, 13, 14, 23, 31, 34, 35).

Fatos isolados ocorreram e trouxemos para a discussão por apresentarem questões relevantes a serem pensadas no cotidiano de uma sala de aula, como a aluna que dorme logo no início da aula (item 1) levando-nos a

pensar até que ponto o ensino regular para turma de 1º ano (6 anos) no matutino tem o rendimento positivo e a mãe da aluna, que diante da dificuldade da filha na tarefa, fez a atividade por ela (item 2). A tarefa possui caráter pedagógico e para os professores é um indicativo de qual conteúdo deve ser revisto com os alunos. Outra questão é da surpresa do aluno que, depois de terminada a atividade, ficou surpreso porque a professora não o ‘mandou’ deitar a cabeça na carteira. Seria um sinal de condicionamento do corpo na sala de aula? (item 9).

Trazemos ainda o episódio em que a professora é questionada se é para colorir com o lápis cor de pele preto. (item 28). Comumente entre os alunos, o lápis cor de pele é da cor rosa claro, levando a concluir que todas as peles possuem o mesmo tom. Coincidentemente, ou não, o aluno que faz a pergunta é negro. Possivelmente essa questão foi debatida com ele, talvez a família ou mesmo na escola. Outro ponto levantado por esse mesmo aluno foi de quando ele pediu uma atividade extra para a professora, porque já havia concluído rapidamente o exercício proposto. Muito ativo, o menino estava empolgado e a professora argumentou com o aluno, de que não poderia dar outra atividade porque ficaria muito à frente dos demais colegas (item 30). Sabemos que se o aluno está aquém do que é previsto pedagogicamente, o professor deve apresentar atividades que o ajudem a avançar (BRASIL, 2003, 2007). E se o estudante estiver além do rendimento da maioria? Simplesmente tolhe o aluno? Essa questão deve ser pensada por todo o profissional à frente de uma sala de aula.

5.2.4.3 Escola 1 - Professor Turma A

1-“-Nossa que coisa feia! Vamos ler novamente.” Fala a professora.
A professora faz uma crítica negativa para os alunos, ao pedir para lerem novamente. Existem diversas possibilidades de estimular a aprendizagem na sala de aula de forma construtiva.

2- “-Perna pra dentro, bumbum no burquinho”, diz a professora.

A professora usa esse comando na sala para pedir aos alunos se sentarem corretamente na cadeira, com as pernas viradas para dentro da mesa. A ordem sugere o corpo do aluno adestrado, engessado, passivo.

3- Enquanto a professora toma leitura e faz chamada, alguns escrevem no caderno, antes da 'hora'. A professora pede para os que começaram a escrever, apagarem o caderno porque não era o momento. Depois que ela termina a chamada e diz: "-Agora pode começar a escrever." Ordena a professora.

"-Ô tia, o Diego já está na Escola", denuncia o aluno olhando para o caderno do colega que começou antes da professora autorizar.

"-Ah eh? Então pode apagar!" Responde a professora.

De forma autoritária, a professora ordena aos alunos não escreverem sem a permissão dela. Enquanto ela copia no quadro, os alunos devem ficar quietos e calados. Ela usa esse recurso para todos começarem e terminarem juntos, segundo o argumento dela. É um controle dos corpos no comando da professora e a visão mecânica dos alunos, todos irão ter o mesmo rendimento e terminarem de copiar igualmente, segundo a sua concepção.

4- "-A mãozinha trabalhando e a boquinha descansando!" Diz a Professora.

Esse comando é usado no momento das atividades propostas pela professora para que não conversem durante a resolução dos exercícios propostos. A professora "exige" corpos dóceis, com movimentos mecanizados e sem fazer "ruídos" (FOUCAULT, 2008; 2009).

5- "-Gente, mas a boca não fecha!" Repete a Professora.

Irritada devido à conversa constante na sala, a professora chama a atenção dos alunos. Não é permitido falar!

6- "-Quem já terminou deita a cabeça na mesa para descansar", diz a professora. *Após terminarem as atividades, os alunos são orientados a deitarem a cabeça na mesa.*

7- "Bom, já guardamos as mochilas, perna para dentro, bumbum no buraquinho."

Como o espaço da sala é extremamente pequeno, os alunos guardam as mochilas do lado de fora da sala. Após a "desordem" causada pelos alunos ao guardarem o material, a professora repete o comando novamente para retornar "a ordem".

8- Enquanto a professora escreve os números as crianças começam a conversar. Alguns começam a copiar do quadro, mas a professora pede para não escreverem antes que ela autorize. Mesmo assim alguns alunos copiam do quadro e ela vai à mesa da Luzia e apaga o que a aluna já copiou.

A ordem de não escrever é enfática. A desobediência é punida severamente, ter o caderno apagado pela professora e reescrever após a permissão. É o

autoritarismo levado ao extremo pela docente e a penalização do corpo por não seguir a “regra”.

9- A professora pede para os alunos lerem os números no quadro. Diego começa a copiar, a professora vai à mesa dele gritando e tira o lápis da mão dele, dizendo que não é para copiar ainda. Ele começa a chorar.

“-Não adianta chorar!” Diz a Professora ao aluno.

O autoritarismo extremo e a sanção da professora ao aluno provoca tensão e ansiedade no aluno. E de forma impiedosa e insensível ao choro do aluno, legitima o seu comportamento. As lágrimas da criança não mudarão a “regra” da professora: “Não adianta chorar!”

10- “-Agora podem copiar. A mãozinha está trabalhando e a boquinha descansando”. Repete a Professora.

De maneira emblemática, agora a professora “autoriza” o movimento dos alunos, eles podem escrever. Seguido do comando com o corpo.

11- “- Boquinha descansando e a mãozinha trabalhando.” (Professora).

O comando para ficarem quietos, calados e “mexendo” apenas as mãos é repetido novamente.

12- Devido à conversa dos alunos a professora repete:

“- Enquanto a mãozinha trabalha, a boquinha está descansando!” (Professora).

A professora repete essa frase compulsivamente na sala.

13- A professora repete: “- Boquinha descansando e a mãozinha trabalhando.”

Novamente o comando.

14- “- Amanhã vocês vão ficar sem Educação Física.” Diz a Professora.

“-Não, tia!”

“-Não, tia!”

Muito irritada, a professora pede para chamar o professor de Educação Física.

Ele chega à porta e diz: “- Amanhã eu não vou dar Ed. Física pra vocês porque a matéria da professora está atrasada por causa da bagunça de vocês” (Professor Educação Física).

Silêncio total na sala! O professor vai embora.

“- Estamos conversados, né?” Professora A.

A conversa e desobediência têm uma punição: perder a aula de Educação Física. Como a professora está com o planejamento atrasado, por causa dos alunos, segundo ela, serão castigos com a perda da Educação Física.

15- Após entregar todos os ditados inicia uma nova sequência de palavras. E diz em voz alta: “- Perninha pra dentro, bumbum no buraquinho! Primeira palavra: TOMATE! Segunda (Professora A). Primeira palavra: TOMATE, segunda palavra: JACARÉ.”
Antes de iniciar o ditado, a professora diz o comando para os alunos.

16- “-Perninha pra dentro, bumbum no buraquinho, vamos lá” Professora A.
O comando de “adestramento” se repete.

17- Bruna e Leandro estão de pé. A professora diz: “-Eu não sei o motivo de ficar em pé. Senta!!! Eu não entendo!!”

A professora fica irritada com os alunos fora do lugar. O movimento corporal é proibido. Ela não compreende a necessidade de as crianças se movimentarem, sobretudo num ambiente extremamente apertado e barulhento.

18- A professora chama a atenção com o tom de voz muito alto. Todos os alunos estão agitados. “Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando.” Repete a Professora.

Irritada com a indisciplina na sala de aula ela grita. E em seguida dita o comando de adestramento para gerar a ordem.

19- “Maria Joquina, senta!! Já terminou?” Pergunta a Professora para a menina. “Tô quase, tô no 4 e 4”, responde Maria Joquina.

“Ah é, em qual número é esse? Questiona a Professora.

A professora pergunta à aluna se concluiu a atividade. A resposta da aluna sinaliza a incompreensão dela com o conteúdo.

20- “-Vamos lá! Perna pra dentro, bumbum no buraquinho. Primeira palavrinha: CADEADO. Segunda palavra: BOLA.” Continua a Professora.

A professora segue com o ditado. E repetindo o jargão.

21- A professora escreve o cabeçalho no quadro.

“Eu vou aí apagar, viu Ana Paula, está fazendo o cabeçalho antes da hora?” Pergunta a professora para a menina. [...] A professora vai à mesa de Ana Paula e Maria Joquina e apaga tudo o que elas escreveram.

De forma autoritária e impiedosa, a professora pune, apagando tudo o que está escrito no caderno, sem a sua permissão. Corpo punido diante da “transgressão” de escrever.

22- A professora A pede para que copiem do quadro a atividade proposta:

“-Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando!”

Novamente o comando de adestramento.

5.2.4.4 ANÁLISE IDEOGRÁFICA – PROFESSOR TURMA A

O professor na sala de aula é um mediador de aprendizagem. (MORAIS, 1994; MORIN, 2000). Em diálogo constante com os alunos, o docente deve criar meios pedagógicos, lúdicos e afetivos para que o aluno consiga construir o conhecimento com os recursos externos e internos à sua volta. Eis a complexidade do processo ensino-aprendizagem na educação. Corporeidades dialogam nesse processo em busca de um ideal comum: aprender.

Diante dessa “tarefa”, o professor tem a possibilidade de perceber-se portador de uma “autoridade pedagógica” capaz de interpretar a sua práxis como uma responsabilidade a ser cumprida e não um cargo que o permita ter atitudes insensatas.

Em diversos momentos, de forma compulsória, a postura autoritária na sala de aula se fez presente. Gritos e frases ríspidas com os alunos marcaram o fenômeno, em busca do controle absoluto do corpo do aluno (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13,14, 16, 17, 18, 21 ,22).

Nos intervalos entre pedir silêncio, calma e que permanecessem quietos, ela ensinava. Pelo menos, tentava. (itens 15,19, 20).

A professora não possui o horário semanal das disciplinas e justificou-se dizendo que os rendimentos dos alunos variam muito e não era possível seguir à risca, caso tivesse um.

5.2.4.5 Escola 2 - Professor Turma B

1- A professora prossegue com as atividades e escreve na lousa de $10 - 4 = ..$; ela pede para que os alunos resolvam com os palitos e registre no caderno o resultado. A professora solicita que Ana Cláudia explique aos colegas como resolveu o exercício. A aluna Ana Cláudia coloca os palitos de pé no quadro e explica como ela resolveu a questão. A professora pede para que os alunos que fizeram igual a Ana Cláudia se manifestem.
A didática da professora envolve os alunos na sala de aula. Corpo-criança incluído.

2- A professora propõe outro desafio $0-10=...$. Pergunta para a turma se é possível resolver essa conta. “Com quantos eu fiquei?”

Usando o termo desafio para os alunos e colocando uma questão que os instiga a pensar eles se sentem empolgados a participar e tentar responder à pergunta da professora.

3- A colega procura a professora dizendo:

- “Tia, não entendi essa conta.”

A professora é solicitada pela aluna durante a aula. O ambiente da sala permite o “acesso” fácil à professora pelos alunos.

4 -“Vamos fazer silêncio, a tia já explicou que não tem como raciocinar com barulho.” Diz a professora.

A professora pede silêncio aos alunos, sempre de forma calma e o tom de voz suave.

5- A professora passa mesa por mesa percebendo quais alunos estão com dificuldades e fazendo intervenções.

A docente dá atenção aos alunos durante a aula.

6- A professora passa uma atividade de colorir, enquanto corrige os cadernos dos alunos, nas carteiras. Os alunos se matém calmos, a professora fala com voz baixa e dá orientações em tom baixo a cada aluno.

A professora fica em pé quase todo o momento na sala. Vai até a mesa de cada aluno e explica as questões que estão com dificuldades.

7- Luiz ficou sem recreio, a professora pergunta a ele: - “Foi bom, Luiz?”

“-Não”. Responde Luiz.

O Luiz ficou agitado durante toda a aula interferindo no andamento das explicações e incomodando os colegas, por isso o deixou sem recreio. O aprisionamento do corpo durante o recreio foi o castigo dado.

8- “-Ingrid, vou colocar seu nome no quadro”. Disse a professora.

“-Eu não estou fazendo nada”, disse Ingrid

A professora responde: - “Você está olhando para trás.”

A professora tem por regra anotar o nome no quadro de quem vai ficar sem recreio ou Educação Física. Ela ameaçou a aluna, caso ela não se sentasse corretamente. O controle absoluto do corpo: não se pode olhar para trás.

9- A professora orienta, em voz baixa, a quem terminou a atividade que não é para conversar, é para deitar a cabeça na carteira e descansar.

A sala possui o “combinado” de deitar a cabeça na mesa após as atividades. Corpo domesticado.

10- A professora chama atenção do Túlio e disse que ele ficará sem Educação Física se continuar fazendo bagunça na aula de Educação Física.

A professora recebeu uma reclamação da regente de Educação Física do aluno, devido à indisciplina. A professora, como castigo, vai deixá-lo sem fazer a Educação Física ou seja, vai reter na sala o aluno numa aula que não é dela. Controle dos corpos através das regras de sala.

11- Alguns alunos estão conversando. A professora começa a bater palma e a estralar os dedos. Os alunos seguem o comando. A professora conversa com eles em tom baixinho.

Alguns alunos (2) estão de pé ao lado da professora, perguntando.

- “Eu já expliquei o combinado, qual é o nosso combinado? (Professora).

- ‘Levantar o dedo! “Responde Eric.

- “Isso. Levantar a mão que eu irei na mesa.” (Responde a professora com voz baixa).

A professora usa técnicas para chamar a atenção dos alunos e voltar a ordem na sala.

12- “-Vamos continuar com a nossa sequência didática?”

-“Sequência didática: Meu galinho.” (Professora)

- “Produção de texto em dupla. Página 121” (Professora).

É perceptível que a professora segue um planejamento, com sequências didáticas nas atividades.

13- Miriam se levanta e pede para ir ao banheiro. A professora pede para ela se sentar e explica que tem que levantar o dedinho.

- “Agora vai, Miriam, pode ir “. (Professora).

As regras na sala de aula são seguidas à risca, entre elas, levantar a mão para solicitar algo à professora.

14- A professora senta ao lado da mesa de Túlio, diz para ele levantar a cabeça, não ficar emburrado e começar a fazer a atividade.

A professora passa na mesa de todos os alunos. Túlio havia ficado emburrado porque a professora não foi à mesa dele na hora que ele pediu a presença dela.

5.2.4.6 ANÁLISE IDEOGRÁFICA, PROFESSOR TURMA B

A sala do professor da Turma B é bastante calma, os alunos realizam as atividades propostas e a professora apresenta domínio de sala. A professora tem um tom de voz suave e não gritou em nenhum momento com os alunos na sala. Os alunos possuem em suas agendas coladas o horário semanal das disciplinas, conforme o Anexo A.

Logo no primeiro dia, o engajamento dos alunos nas atividades propostas foi significativo. Trabalhando com material concreto os alunos

prestaram a atenção no exercício oferecido. Essa postura se estendeu durante toda a semana. As aulas seguiam uma sequência didática planejada previamente (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 12).

Um ponto marcante na sala se refere à forma como exerce o controle dos alunos por meio de regras (combinados) e o castigo. Usando um tom de voz suave os alunos absorveram as regras exigidas pela professora com resignação, salvo as exceções que eram punidas com castigo (itens 7, 8, 9, 10, 11, 13).

5.2.4.7 Escola 3 - Professor Turma C

1- A professora traz o material para o aluno novato (Heitor) e explica que ele precisa fazer as atividades, senão vai ficar atrasado, porque todos os amiguinhos já sabem fazer, sabem escrever cursivo e ler e ela percebeu que o caderno dele não tem nada e pediu a mamãe para ajudar. Heitor responde: “- Eu não moro com a minha mãe.”

- “Então com quem você mora?” Pergunta a professora.

- “Com meu pai.” Responde Heitor.

- “Só você e seu pai?” Indaga a professora.

- “Sim”. Conclui Heitor.

A fala da professora foi ríspida. Foi o primeiro dia do aluno na escola e ele é recebido com a mensagem de que ele está atrasado em relação aos colegas. A professora supõe que o aluno mora com a mãe e pede para que ela o ajude a fazer as tarefas. O aluno ficou constrangido com a fala da professora. Ao receber um aluno novato na sala, seria interessante, enquanto profissional, saber do histórico da criança e os reais motivos que o levaram a “trocar” de escola no mês de setembro. Talvez a recepção seria mais amigável.

2- “Karen, parabéns, você acertou quase todas as continhas na prova. Você melhorou bastante”. A professora tem o tom de voz moderador, fala de forma clara e calma.

A professora elogia o bom rendimento na avaliação. Reconhecimento. A aluna ficou sorridente após o elogio da professora.

3- O sinal do recreio toca e a professora diz:

- “Já sabem, tomar água, ir ao banheiro, comer o lanche e ficarem sentadinhos na porta da sala.

A professora relembra a regra da escola, no recreio tem que ficar sentado na porta da sala. O corpo criança é motricidade (FREIRE, J., 1997; GONÇALVES, 2012). Ainda é mais preocupante esse ponto se pensarmos nas crianças que

estão no Projeto Tempo Integral e passam o dia todo com poucas atividades que envolvem o corpo em movimento.

4- “-Dênis, você já terminou? Eu só vou deixar você sair para a Educação Física quando tiver terminado. Está bom?” Disse a Professora.
A aula de Educação Física passa a ter um valor coercitivo para controlar e punir os alunos desobedientes na sala.

5- A professora chama o Lino, que apareceu depois de quatro meses, estava no Piauí. A professora perguntou se estava estudando lá. Ele disse que não. Ela chama a atenção dele porque deveria estar estudando e disse que os colegas já estão lendo e escrevendo a letra cursiva.
Mais uma vez a postura da professora provoca constrangimento. O aluno não tem culpa pelos pais não o terem matriculado na cidade natal. Se esse diálogo acontecesse com os pais da criança, talvez obteria melhores resultados.

6- A professora passa de fila em fila olhando a mesa de cada um e explica como copiar a ficha nova no caderno.
Os alunos recebem atenção da professora durante a aula. Demonstra atenção com os alunos.

7- A professora pede silêncio. Ela escreve no quadro, contas de adição e subtração com unidades e dezenas.
A professora segue com o planejamento da aula, atividades de Matemática.

8- Heitor pede para ir ao banheiro. A professora se abaixa na altura dele e explica que na escola tem regras e que assim que ele chegar à escola tem que ir antes do sinal tocar e depois ir só na hora do recreio. Heitor vai ao banheiro e volta rapidamente.
Ao explicar a regra da sala a professora teve o cuidado de conversar com o aluno olhando em seus olhos. Corporeidade presente, vista.

9- A professora chama a atenção do Jorge, porque já é a segunda vez que não traz a tarefa pronta de casa. E que quer a assinatura da mãe no caderno.
A tarefa possui caráter pedagógico e demonstra comprometimento do aluno e dos pais no auxílio das atividades em casa.

10- A professora reclama do Heitor porque até agora ele não abriu o caderno. Ele tirou todos os cadernos da mochila e deixou na mesa. A professora vai até a mesa dele e o ajuda a organizar o material na mesa.
-“Eu não sei qual caderno que é, tia”. Heitor fala para a professora.

O aluno novato está perdido com a rotina da sala de aula. Não sabe qual caderno pegar na mochila. A professora o auxilia, dando-lhe maior atenção.

11- A professora chama a atenção do Brian porque ele fez tudo errado:
- “Você não sabe até hoje o alfabeto, não sabe escrever o nome porque fica cuidando da vida dos colegas !!!” Ela fala com ele em um tom alto.
Na fala da professora o aluno parece ser o único responsável pela própria aprendizagem, não tendo a professora nenhuma responsabilidade nesse processo. A indisciplina do aluno remete a algo que esteja evidente em seu comportamento.

12- A professora vai à mesa do Brian, grita com ele e diz pra sentar. Coloca a mesa dele no fundo da sala. Ele fica sentado, mas não faz.
A professora se irrita muito com o comportamento do aluno e o isola no fundo da sala.

13- A professora pega uma revista, mostra a capa para os alunos e pergunta se alguém consegue ler a palavra que está escrita. Todos ficam ao redor da professora tentando ler a palavra.
A proposta pedagógica deixa os alunos empolgados com a atividade.

14- Joice, Miranda e Rui procuram as palavras ajoelhados no chão e apoiando as revistas nas cadeiras. A professora deixa os alunos à vontade na sala, sem exigir que fiquem sentados em silêncio na cadeira o tempo todo.
A professora permite um ambiente menos rígido na sala de aula. Corpo-criança livre, sinônimo de liberdade.

15- Lia chega. 7h45. A professora diz: “Lia , isso são horas de chegar?”
Lia chegou agora, às 9h50. A professora chama a atenção dela: “-Isso são horas, Lia?”
A professora leva a aluna para a coordenação anunciando o horário que ela chegou. A professora retorna irritada dizendo que foi a mãe dela quem a trouxe, mas não explicou nada para a coordenação. A professora pega uma cadeira para a Lia sentar porque na sala não havia mais. A professora conta para a colega da sala ao lado e ela diz para a Lia: “-Chegou para o almoço, Lia?”
A aluna, além do constrangimento de chegar atrasada na sala de aula, recebeu sermões da professora, colegas e de outra docente da sala vizinha. Esse tipo de diálogo deve ser com os pais e/ou responsáveis, ou mesmo com a aluna, num momento reservado.

5.2.4.8 ANÁLISE IDEOGRÁFICA, PROFESSOR TURMA C

A professora da turma C apresentou também características de comportamento bastante autoritário durante a semana da investigação, principalmente ao constranger a aluna quando chegava atrasada na sala de aula. Seria interessante o profissional ter o cuidado em promover atitudes que favoreçam o desenvolvimento da criança (itens 1,3,4, 5, 9, 11, 12, 15).

Em diversos momentos durante a aula, a professora envolveu os alunos com as atividades propostas, seguindo o planejamento semanal. (itens 2, 6, 7, 8, 10, 13,14).

Quanto ao horário semanal das disciplinas, os alunos também possuíam colados em seus cadernos de recados.

5.3 Análise Nomotética

Avançamos para outra etapa de nossa análise, o enfoque nomotético. Conforme nos explica Martins e Bicudo (2005, p. 105), o “nomotético indica a elaboração de leis, portanto indica algo de caráter legislativo que se origina de fatos ou que se baseia em fatos.” A realização da matriz nomotética nos dará uma visão em termos gerais do material (texto) apresentado até o momento de forma individual, diante do fenômeno situado.

Portanto, as unidades de significado surgem como uma consequência da análise; são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 99).

Nas matrizes nomotéticas a seguir constam as análises de significados emergidos da etapa anterior, a análise ideográfica. Confrontadas as análises obteremos as convergências e divergências, quando continuaremos com o estudo. Apresentaremos primeiramente a análise das turmas e posteriormente dos professores.

Quadro 1 - Matriz Nomotética das Turmas A, B e C.

Unidades de Significado individual		Escola 1	Escola 2	Escola 3	Número de convergências
		Turma A	Turma B	Turma C	
1	Alunos brincando durante a aula.	17	8	10	35
2	Tarefa de casa - caráter pedagógico e/ou punitivo.	2	0	0	2
3	Corpo-criança e a necessidade do movimento.	7	0	0	7
4	Alunos contestam atitudes dos colegas/professor.	4	0	0	4
5	Solidariedade e afetividade das crianças.	1	4	8	13
6	Frustração na resolução da atividade escolar.	1	0	1	2
7	Naturalização do comportamento infantil.	1	0	0	1
8	Envolvimento dos alunos durante as atividades na sala.	0	8	7	15
9	Comportamento hostil, bullying .	5	3	5	13
10	Assimilação das regras da sala de aula.	0	3	0	3
11	Merenda escolar.	0	2	0	2
12	Os alunos caíram da cadeira - noção espaço/corpo.	0	2	2	4

Fonte: Da autora, 2019.

Quadro 2 - Matriz Nomotética dos Professores A, B e C.

Unidades de Significado individual		Escola 1	Escola 2	Escola 3	Número de convergências
		Prof. A	Prof. B	Prof. C	
1	Didática - envolvimento dos alunos	3	7	7	17
2	Autoritarismo/controlado - regras, sanções	19	6	8	33

Fonte: Da autora, 2019.

5.4 Construção de Resultados

A partir do fenômeno investigado chegamos às unidades de significado anteriormente apresentadas. Dessas matrizes emergiram convergências que nos deram a viabilidade de ponderar sobre alguns pontos pertinentes.

5.4.1 Questões sobre a postura e didática do professor.

Sabemos bem que o cerne da presente pesquisa diz respeito à corporeidade do aluno do 1º ano do Ensino Fundamental, mas começamos por esse tópico para que percebam que no contexto da sala de aula, os sujeitos envolvidos influenciam o

comportamento um do outro. E a postura do professor – como o profissional gabaritado para tal - nesse ambiente, será a responsável por conduzir as situações de aprendizagem e a relação com os alunos.

O professor no uso de suas atribuições como mediador de aprendizagem tem a possibilidade de desenvolver atitudes e valores, dispor de técnicas e ferramentas que auxiliarão o aluno a atingir os objetivos pedagógicos dispostos em cada ciclo do Ensino Fundamental. O planejamento das aulas e a didática corroboraram para um objetivo em comum. Portanto, organizar atividades envolventes, dinâmicas e usar recursos didáticos para viabilizar a aula e, portanto, promover um ambiente propício à aprendizagem é o que se é esperado desse profissional.

Nas turmas investigadas a postura da professora foi determinante na relação professor-aluno e aluno-aluno (MORAIS, 1994). Na matriz nomotética dos professores fica visível na unidade de significado relacionada à didática/envolvimento dos alunos a discrepância das Professoras B e C com relação a Professora A (item 1). Não coincidentemente, a Professora A, durante toda semana de investigação, trouxe atividades repetitivas e maçantes para os alunos verificou-se que não aderiam ao que era proposto pela professora. Como resultado, um alto nível de indisciplina, convertida em muita conversa, agitação e os alunos se dispersando em diversos momentos com brincadeiras no decorrer da aula. Essas manifestações ficaram evidentes nas unidades de significados da Turma A:

- Número 1 – Alunos brincando durante a aula.
- Número 4 - Alunos contestam atitudes colegas/professor.
- Número 8 – Envolvimento dos alunos durante as atividades na sala.
- Número 9 – Comportamento hostil, bullying
- Número 10 – Assimilação das regras da sala de aula.

A partir da postura do professor decorrem os demais desdobramentos na sala de aula. Um planejamento mal elaborado e uma didática que não desperta a atenção do aluno geram comportamentos poucos favoráveis à aprendizagem (MORAIS, 1994; FREIRE, P., 1997). Como todas essas questões parecem ser ignoradas pela Professora A, a mesma recorre ao autoritarismo para “resolver” – ou pelo menos tentar – a situação. O número alarmante de ocorrências da professora, evidentes na unidade de significado (número 2), denunciam a

postura usada por ela como “ferramenta didática”. Apagar a folha do caderno dos alunos simplesmente porque não escreveram no momento permitido ou apropriar-se da garrafa de água do aluno – como castigo - mesmo ele dizendo estar com sede, por exemplo, evidenciam o desejo do mais absoluto controle sobre o corpo da criança. (FOUCAULT, 2008, 2009).

As convergências dos demais professores (B e C) no aspecto “Autoritarismo/controle, regras e sações” requerem atenção também. Embora tenham conseguido maior atenção e envolvimento dos alunos em sala com algumas variações nas atividades propostas, esses professores tiveram atitudes e falas de coerção sobre os corpos das crianças, com ameaças de ficarem sem recreio ou sem a aula de Educação Física, que diga-se de passagem, nem da responsabilidade deles é. O corpo-criança foi inúmeras vezes punido por não seguir a ordem e regras da sala de aula, ainda que essa regra fosse não virar para trás. O excesso de controle pode-se também traduzir-se em falta de domínio e insegurança “[...] o autoritarismo é o tapume atrás do qual alguma incompetência se esconde” (MORAIS, 1994, p. 27).

A Professora B, mostrou-se mais organizada e dinâmica ao lecionar, usando a regra de levantar o dedo para pedir a palavra, o tom de voz calmo e sempre baixo, indo até a mesa dos alunos em todos os momentos. Conseguiu uma adesão e envolvimento dos alunos maior que as demais. A Professora A, mesmo com atitudes que insinuaram autoritarismo, não conseguiu manter a disciplina na sala de aula e muito menos garantir a aprendizagem dos alunos e aí se encontra o cerne da questão, a corporeidade quando tolhida não se desenvolve.

A postura da professora vai na direção oposta ao ideal de educação que nada mais é do que o “alargamento” do campo de visão, a expansão da alma (MOSÉ, 2014).

Outro ponto que deve ser ressaltado é a questão do horário das aulas das disciplinas. Apenas Professoras B e C possuíam o cronograma no caderno dos alunos. Apesar disso, durante toda a semana em que estive em cada escola, as únicas disciplinas dadas foram Língua Portuguesa e Matemática, ignorando as outras igualmente importantes, como Ciências, Geografia, História e Arte. Esse episódio aconteceu em todas as escolas pesquisadas.

Fato ocorrido também nas Turmas A, B e C foi que durante toda a semana, das sete às onze da manhã as aulas foram ministradas dentro da sala. Em nenhum instante a aula ocorreu ao ar livre, no pátio ou em outra perspectiva, a não ser sentados na cadeira durante toda a manhã, saindo apenas por 15 minutos para o recreio ou eventualmente para ir ao banheiro. Nenhum dos professores saiu dos limites das quatro paredes da sala de aula e na maior parte do tempo os alunos permaneceram sentados nas cadeiras dispostas em filas.

As tecnologias individualizantes utilizadas na escola, que nos parecem muito naturais, são na verdade bastante recentes: uma das mais simples e eficazes é a disposição estratégica da classe em filas. Essa disposição permite que todos os alunos sejam vigiados e controlados constantemente por um único professor. Tais tecnologias atingem os indivíduos em seus próprios corpos e comportamentos, constituindo-se numa verdadeira “anatomia política”, que individualiza a relação de poder. Essas estratégias de dominação, através da delimitação de espaços e da disciplina corporal, diferem quase nada em sua aplicação, seja nos exércitos seja nas escolas. (GALLO, 2004, p. 92).

Se a Escola ensina a interpretar e conhecer o mundo no limite de quatro paredes, sem sequer cogitar extrapolar as fronteiras físicas da sala, a dificuldade de quem ensina vai além do alcance dos olhos, está na forma como enxerga o mundo.

O corolário da conduta dos professores na sala de aula e o poder exercido sobre os alunos resume-se na expressão amplamente usada pela Professora A e que compôs o título dessa Pesquisa: “Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando”, jargão que confere a máxima do que Foucault (2008, 2009) expressou em suas obras, o corpo quieto, calado, passivo podendo movimentar-se apenas para trabalhar, produzir. O desejo dos algozes da humanidade – e o de alguns professores também.

5.4.2 Questões sobre corpo-criança na sala de aula

Os alunos nas três escolas investigadas exteriorizaram a mesma linguagem: foram crianças na sua maneira mais genuína de ser. Diferenciando apenas na forma como responderam às intervenções das professoras, que mostraremos adiante.

Nas três turmas, as convergências na unidade de significado número 1 apresentaram um diagnóstico indiscutível: as crianças dialogam com o mundo através da brincadeira. Queremos antes de tudo ressaltar que essas brincadeiras computadas aconteceram majoritariamente durante a aula e não em um momento específico, como o “dia do brinquedo”. Embora todas as turmas possuíssem esse momento específico, o tempo dedicado a ele não ultrapassou dez minutos, ou seja, em cinco dias de aula, apenas poucos minutos para sentarem com os seus brinquedos e divertirem. O tópico “Alunos brincando durante a aula” revela algo mais latente ainda, de acordo com a matriz nomotética. As crianças na sala de aula usaram o recurso da brincadeira nos momentos:

- quando a aula estava desinteressante e eles não estavam mais atentos ao que a professora estava dizendo;
- quando em situações de ansiedade ou frustração diante de uma atividade que não conseguiam realizar;
- quando estavam cansados e não queriam mais fazer o exercício proposto;
- quando queriam interagir com os colegas.

Durante as aulas, nos momentos de explicação dos conteúdos pelas professoras e resolução das atividades em sala, os alunos brincaram das mais variadas formas: com o lápis, borracha, apontador, caderno, garrafa de água, bolsinha, régua, com as mãos (os dedos), brinquedos pequenos (trazidos de casa), rasgaram folhas do caderno para desenharem, aviãozinho de papel (retirado do caderno) e com os colegas sentados próximos ou distantes.

Na Turma A, em que a professora foi extremamente autoritária, a quantidade de vezes que eles brincaram durante a aula foi o dobro da Turma B e 58% da Turma C. Quanto mais o ambiente se mostrou hostil por parte da professora e dos colegas, mais os alunos usaram o recurso da brincadeira para aliviarem o “estresse” do momento. “Nossa sociedade despreza o que as crianças dizem e, mais ainda, despreza as críticas que delas vêm. Os pequeninos observam tudo, percebem detalhes e manifestam (ou não) sobre essas coisas.” (LOYOLA, 2004, p. 29). E se é pela brincadeira que a criança interpreta o mundo, também é por meio dela que ela “foge” quando não

consegue absorver o que está à sua volta. Acrescentamos ainda as unidades de significado:

- número 3,
- número 4,
- número 6 e
- número 9.

As crianças brincaram mais na sala de aula nas situações em que a professora era mais austera com os alunos, a cobrança na tarefa tinha caráter punitivo, as crianças sentiram mais necessidade de saírem do lugar e até se enfiarem debaixo da mesa ou cadeira, além da conversa constante. Como protesto, muitas contestaram e questionaram os comandos da professora, mas sem resultados positivos para os alunos. Tanto na Turma A como na Turma C, em que os alunos mais dispersaram na sala, os alunos brigaram, agrediram-se e se recluiram em momentos de silêncio, dor e choro.

A Turma A usou apenas a brincadeira como atenuante no ambiente, já na Turma B, além da brincadeira (número 1), a solidariedade e o afeto sobressaíram (número 5). As crianças ajudaram-se nos momentos de dificuldade nas atividades propostas e trocaram abraços e elogios.

Piaget e Vygotsky falam das características dessa faixa etária e em ambos citam a questão do lúdico, do mundo da imaginação e da importância social para o desenvolvimento da criança ao se relacionar com outras pessoas.

As nuances diante do fenômeno na sala de aula evidenciam a corporeidade da criança reduzida a comandos para sujeitarem-se ao conteúdo a ser dado, ainda que alguns encontrem-se famintos demais para se concentrarem (número 2) ou a maioria esteja falando uma outra linguagem, a brincadeira (número 1).

A corporeidade do aluno no 1º ano do Ensino Fundamental mostrou-se em sua inteireza em inúmeros instantes: corpo-criança que brinca, ri, briga, chora, abraça, beija; corpo-criança que sente, vê e dialoga com outra corporeidade, sente saudade, tem sede e fome; corpo-criança que aprende, “apesar” de estar na sala de aula.

A voz dos pequeninos não espera por espaço e tempo para ser falada. Ela está aí. A voz dos pequeninos espera para ser ouvida e entrar no diálogo com todos. Se fazer presente. Aguarda, sim, por uma escuta sensível o suficiente para compreender que o mundo infantil - do qual já fizemos parte - precisa continuar vivo e fazer parte da história e não à parte da mesma. (LOYOLA, 2004, p.33).

Escutar, ver, perceber, acolher, entender o corpo-criança é o papel do professor ao receber um aluno na sala de aula, corporeidade incluída em sua práxis.

6 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A investigação realizada no fenômeno sala de aula evidencia um microcosmo revelado entre os sujeitos alunos e professores. Ao chegar a esta etapa da pesquisa, percebemos o dinamismo da abordagem qualitativa do fenômeno situado e por isso, seria incongruente pensar na possibilidade de um discurso ou produto final, até porque o sujeito envolvido, o corpo-criança, encontra-se no ápice de seu desenvolvimento integral.

A pesquisa nos mostrou que a sala de aula é um organismo vivo. Que o tamanho do espaço físico pode influenciar no desenvolvimento dos alunos e dinâmica das aulas. Todas as salas onde foram realizadas as pesquisas possuíam cartazes, alfabetos, números fixados nas paredes, porém, isso não é garantia de aprendizagem pelos alunos, dependendo do papel em que o mediador da sala de aula – o professor – vai atuar.

Por essa razão o professor tem como principal meta na sala de aula interagir com as crianças e o conteúdo a ser ministrado, de maneira que crie um ambiente agradável onde os alunos sintam naquele local um convite à aprendizagem. Não se devem assumir atitudes autoritárias que denigram a imagem e autoestima dos estudantes, provocando hostilidade entre os sujeitos, como diversas vezes foram expostas na pesquisa. Percebemos também a importância do planejamento e didática adequados à faixa etária, para melhor envolvimento dos alunos. A indisciplina na sala de aula mostrou-se como resultado de aulas poucos dinâmicas – sem jogos, vídeos, brincadeiras, com alunos quase sempre sentados nas cadeiras e sozinhos, copiando do quadro ou do livro - aulas cansativas, enfim.

O corpo-criança, o principal objetivo dessa pesquisa, expressou-se de forma genuína. Foi autêntico na sua essência de criança. Revelou-se eloquente diante das incoerências e contestador diante de absurdos. Como não pode sequer brincar no recreio, brincou na sala de aula, a maior parte do tempo – talvez uma forma de se opor à regra imposta. O corpo-criança riu, brincou, chorou, abraçou, silenciou, caiu, levantou, aprendeu, foi sensível a outro corpo e com ele dialogou - sem palavras - de forma solidária.

Mas o corpo-criança também foi ofendido, condicionado, tolhido, castigado e até agredido, situações que não poderiam existir no ambiente da sala de aula.

A corporeidade do aluno do 1º ano do Ensino Fundamental vivenciou, durante a pesquisa, a experiência-vida em sua multiplicidade. E apesar da pouca idade, conseguiram com os recursos que possuíam, com os seus pares – outras crianças e o professor, estabelecerem conexões que os sustentassem no período da aula. Apesar do ambiente ter se mostrado muitas vezes pouco favorável, grande parte deles aprendiam – em meio ao caos.

Os caminhos a serem trilhados por essas crianças serão os mais variados possíveis, mas enquanto alunos estarão por muito tempo ainda no ambiente da sala de aula. Esperamos apenas estarem em experiências educativas em que a sua corporeidade seja compreendida em sua grandeza.

Vislumbramos caminhos mais áureos quando nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas houver temas que abranjam o fenômeno corpo/corporeidade. Então assim, os futuros professores entenderão o corpo-criança inseparável da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação:** epistemologia e didática. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1994.

BRASIL. **Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília, DF: MEC, [2017]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 dez. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 91 de 2016. Brasília, DF: Senado Federal, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da criança e do adolescente:** Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. (Série Legislação).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos** : orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. 2. ed. Brasília, DF : Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Coordenação-Geral do Ensino Fundamental, 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. 3. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Ivanilda Maria. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. **HOLOS**, Natal, ano 28, v. 4, p. 148-157, set. 2012. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/729>. Acesso em: 18 dez. 2018.

GALLO, Sílvio. Corpo ativo e a filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. São Paulo: Papirus, 2006.

GALLO, Sílvio. Repensar a educação: Foucault. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n.1, 79-97, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25420>. Acesso em: 13 dez. 2018.

GIORGI, Amadeu. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LEJDERMAN, Betina; BEZERRA Sofia. Choro: um complexo fenômeno humano. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 44-53, 2014. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=160. Acesso em: 23 nov. 2018.

LOYOLA, Maria Emília Silva. **Culturas infantis: um estudo sobre as brincadeiras criadas pelas crianças numa perspectiva sócio-cultural**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2004. Disponível em:

<https://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000022834.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

MACHADO, Antônio. **Poesias completas**. [Madrid]: Espasa–Calpe, [201-?]. Disponível em: <http://iesjimenezlozano.centros.educa.jcyl.es/sitio/upload/machado-antonio-poesias-completas.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1994.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2. ed., São Paulo: Moraes: Ed. PUC-SP, 1994.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MORAIS, Regis de. “Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula”. *In*: MORAIS, Regis de. (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. *In*: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: A era do corpo ativo**. São Paulo: Papyrus, 2006.

MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. *In*: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. 2. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MOSÉ, Viviane. **O Homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MOURA, Thelma Maria de. **Foucault e a escola**: disciplinar, examinar, fabricar. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NISTA-PICOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo em movimento na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2012.

NISTA-PICOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey (orgs). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010.

PEREIRA, Lúcia Helena Pena. Corporeidade e ludicidade nas séries iniciais do ensino fundamental: crenças, dúvidas e possibilidades. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 697-710, set./dez. 2015.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1926.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imitação e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROSÁRIO, Trovão. A motricidade humana e a educação. *In*: SERGIO, Manuel *et al.* **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. *In*: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física e esportes**: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistêmica na educação física do século XX. *In*: SERGIO, Manuel *et al.* **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 11-30

SMITHRIM, Katharine; PRATA-LINHARES, Martha M. O poder do ritmo no ensino e na aprendizagem. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 12, p. 359-378, 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1515>. Acesso em: 5 out. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Ciclo Inicial de Alfabetização**: orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2004. (Caderno 1). Disponível em:

<http://sreitajuba.educacao.mg.gov.br/images/stories/documentos/caderno-1.pdf>.
Acesso em: 23 set. 2018.

VYGOTSKY, Levy S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

APÊNDICE A - DESCRIÇÕES DAS AULAS

ESCOLA 1

TURMA – 1º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL I

23 ALUNOS

HORÁRIO SEMANAL DAS DISCIPLINAS – não possui

PROFESSORA A – formação – pedagogia, 15 anos de profissão, sendo 2 anos no ensino fundamental I e 13 anos na educação infantil.

ESPAÇO FÍSICO DA SALA – sala muito pequena, aproximadamente 20 metros quadrados. Na parede um quadro (verde) pequeno, à giz. Sala decorada com cartazes, contendo alfabeto, calendário, quantidade de meninos e meninas, numerais de 0 a 50, sílabas simples e as vogais.

RECREIO - Durante o recreio as crianças ficam sentadas na porta da sala comendo e outras se dirigem à fila da cantina para pegar a merenda. É proibido correr na escola durante o recreio. Então as crianças brincam sentadas com algum objeto já que trazer brinquedos é reservado apenas para a sexta-feira. Quando algum aluno corre durante o recreio a diretora, que fica com um microfone no pátio, chama a atenção do aluno que desobedece a regra.

DATA: 03/09/18, segunda-feira

Os alunos chegaram da Educação Física bem agitados e foram se sentando nos lugares. Alguns vieram perguntar quem eu era.

“*Oi, quem é você?*” Perguntaram alguns alunos ao perceberem a minha presença na sala.

“-Por que você trouxe massinha? Hoje não é dia!” Disse a professora a uma aluna.

A professora canta uma música de bom dia e escreve o cabeçalho no quadro. Depois ela marca o cabeçalho perguntando o dia e o mês em que estamos.

“-Quantos meses tem o ano?” Pergunta a professora.

Uma aluna escreve o cabeçalho do quadro, ao invés de responder. A professora retira o caderno da mão dela e pede para prestar atenção. Os alunos, sentados, foram respondendo às perguntas da professora.

Um aluno levanta a mão e pergunta: “- Ô tia, eu não entendi o roteiro da tarefa.”

A professora não responde e dá continuidade mostrando o alfabeto no cartaz, perguntando quantas letras, consoantes e vogais o alfabeto possui.

“-Falem as sílabas, meninas”, diz a professora.

“-Ba-be-bi-bo-bu,” as meninas respondem.

“-Meninos!” Diz a professora.

“-Ca-co-cu-cão”, os meninos respondem.

“-Meninas!” Fala a professora.

“-Da-de-di-do-du-dão”, as meninas respondem.

“-Nossa, que coisa feia! Vamos ler novamente.” Fala a professora.

Eles começam a ler novamente.

Os alunos respondem, mas não todos. Alguns começam a conversar e dispersam.

“-Perna pra dentro, bumbum no burquinho.”, diz a professora.

A professora fica de pé fazendo a chamada. Não tem espaço para ela sentar sem fechar o corredor de passagem.

“-Manoel, na hora da chamada pode conversar?” Pergunta a professora.

Enquanto a professora toma leitura e faz chamada, alguns escrevem no caderno, antes da ‘hora’. A professora pede para os que começaram a escrever, apagarem o caderno, porque não era o momento. Depois ela termina a chamada e diz:

“- Agora podem começar a escrever”. Ordena a professora.

“-Ô tia, o Diego já está na escola”, denuncia o aluno olhando para o caderno do colega que começou antes da professora autorizar.

“-Ah é? Então pode apagar!” Responde a professora.

Os alunos em silêncio, começam a escrever no caderno.

A professora escreve no quadro o cabeçalho para os alunos copiarem:

Uberaba, 03 de setembro de 2018.

Escola Estadual....

Professora....

Nome....

Os alunos começam a conversar.

“-A mãozinha trabalhando e a boquinha descansando!” Diz a Professora.

“-Ô tia, a Ana Paula está cochichando”, diz Clarissa.

Sônia pede a borracha para a Clarissa emprestada várias vezes. A borracha é dela, mas Clarissa pediu para deixar em sua mesa.

“-Gente, mas a boca não fecha!” Repete a Professora.

Os alunos continuam copiando do quadro, cabeçalho, alfabeto.,,

“-Sandro, onde você tá?”

“-No nome.”

“-Me espera?”

“-Ô tia, ele falou assim; que eu tenho que cagar!”

“-Para de repetir!” Fala a Professora.

“Vítor, fica quieto!” Pede a Professora.

Sandro saiu para ir ao banheiro. Todos terminaram de copiar e estão em silêncio.

Leandro vai até a mesa da Sônia. A professora pede para ele sentar. O Luciano está de pé na mesa do colega.

“-Quem já terminou deita a cabeça na mesa para descansar”, diz a professora.

Luciano brinca com o apontador, jogando ele pra cima, sentado.

Sandro brinca na mesa com a cola, apagador e a ficha de leitura. Dobra a ficha imitando a boca de um jacaré. E esse jacaré vai comendo a cola, a borracha, o apontador. Ele conversa baixinho brincando.

“-A fila do Tiago e do Gabriel, coloquem as mochilas lá fora”, fala a Professora.

Como a sala é muito pequena, a professora deixa as mochilas no lado de fora por não ter espaço na sala, principalmente nos corredores.

“Bom, já guardamos as mochilas, perna para dentro, bumbum no burquinho. Hoje nós vamos do 0 a 50. Antes era do 0 ao 40, né”. Orienta a Professora A.

“-Ah não, é muito difícil.” Disse Leandro.

Enquanto a professora escreve os números, as crianças começam a conversar. Alguns começam a copiar do quadro, mas a professora pede para não escrever antes que ela autorize. Mesmo assim, alguns alunos copiam do quadro e ela vai à mesa da Luzia e apaga o que a aluna já copiou.

Leandro e Clarissa estão brincando.

“-Ô tia, que hora vai bater o sinal. Estou com fome!” Disse o Leandro.

“-Vai demorar”! Lembra a Professora.

A professora pede para os alunos lerem os números no quadro. Diego começa a copiar, a professora vai à mesa dele gritando e tira o lápis da mão dele, dizendo que não é para copiar ainda. Ele começa a chorar.

“-Não adianta chorar”! Diz a Professora ao aluno.

Diego deita a cabeça na carteira.

“-Agora podem copiar. A mãozinha está trabalhando e a boquinha descansando.” Repete a Professora.

Eles começam a escrever em silêncio.

Leandro rasga uma folha e faz um aviãozinho e joga para fora.

Luciano sai da mesa dele e vem até onde estou sentada, no fundo da sala, e me dá um abraço. A professora grita com ele e pede para ele copiar. Mesmo sentado, o aluno apresenta grande agitação, balançando as pernas constantemente.

Em pé, no fundo da sala, a professora corrige os cadernos de tarefa colando novas atividades para o dia seguinte. Leandro discute com a professora porque ela tomou a garrafa dele.

“-Mas eu quero tomar água, estou com sede.” Disse Leandro.

“-Mas não é para tomar, porque você desobedeceu. E me respeita, não me responde.” Fala a Professora ao aluno.

Na caixa de som que tem no teto da sala, uma pessoa chama a professora pedindo para que ela se dirija até a secretaria para assinar o ponto. Nessa caixa de som, os recados vão para todas as salas. A professora sai da sala para assinar o ponto de presença. Alguns alunos se levantam, Leandro, Maria Joaquina e Luciano. Bagunça geral na sala, crianças saindo do lugar, indo até a porta, conversando alto. Maria Joaquina mexe na mesa da professora. Ela retorna, todos correm para os lugares. Diego demonstra agitação na cadeira. A professora pede para ele arrumar a mesa. Leandro sai do lugar e abraça um amiguinho.

“-Tia, quem não faz tarefa, chama o Conselho Tutelar e fica preso?” Perguntou a Elaine.

“-Quem te falou isso menina?” (Professora A).

Uma amiga. Disse Elaine.

“-Terminou a tarefa, cabeça na carteira.” Lembra a Professora.

Vítor sai da mesa e vai à mesa de um colega para conversar. Maria Joaquina e Ricardo brincam.

“Vicenzo!!!!” Grita a Professora.

“-Mas eu só tô virado pra lá!” Responde o Vicenzo.

“Mas é isso, vira pra frente!!!” Conclui a Professora.

Todos os alunos estão muito agitados. A professora, por sua vez, aumenta o tom de voz. Ela escreve no quadro para escreverem os números de 0 a 10 por extenso. E pede para não olharem para os cartazes que estão na parede com os números escritos por extenso.

“Não tem como não olhar!” Disse Leandro, sorrindo.

Os alunos estão agitados, a professora apaga a luz para que eles se acalmem. O aluno Caike começa a uivar na sala. Uma música começa a tocar na caixa de som (hora do recreio), a supervisora, avisa os alunos para todos se sentarem à porta da sala para lancharem. Os alunos começam a sair e sentam-se no corredor em frente à porta da sala. *É proibido correr na Escola.* Após 15 minutos a música toca novamente e os alunos retornam. Alguns ainda estão comendo o lanche. Depois de todos sentados e continuando a atividade, Leandro cai da cadeira e todos começam a rir dele. Ele responde para os colegas: “*Não tem graça não!*”

A professora completa as palavras com os números no quadro e pede para todos corrigirem. O Caike, com um papel de bala na boca, faz um barulho de carro.

Diego pega a régua do Leandro e começa a brincar com ela.

Maria Joaquina brinca com o colega.

“Fechem o caderno na mesa. Eu vou entregar o livro e vocês vão abrir na página 32.” Diz a Professora.

A professora grita várias vezes para fazerem silêncio. Em seguida pede desculpas para mim.

Luciano diz olhando em minha direção: “-Eh tia, criança é assim mesmo!”

(Será que é naturalizado para eles esse comportamento? Pergunto-me)

“-Não, criança não é assim mesmo não. Tem que ter educação!” (Professora A).

A professora vai entregando os livros, chamando-os pelo nome. Diego continua brincando com as régua. A professora vai à mesa dele e fala para ele ficar quieto.

“-Página 32, sentados, perninha pra dentro, bumbum no burquinho!” (Professora A).

A professora começa a ler a poesia e depois pede:

“-Vicenzo, continua.” Diz a Professora. O aluno lê o texto fluentemente.

“-Ricardo, lê também.” (Professora A).

“- Agora é o Diego.” (Professora A) O aluno diz que não quer ler.

“-Não quer, então outro.” (Professora A)

Luzia, Sônia leram também. A aluna Maria Joaquina lê pausadamente silabando. Sandro lê o texto com um tom de voz muito baixo e silabando as palavras. Enquanto isso, Elaine canta uma música batendo a mão na mesa. Ricardo levanta a mão e pede: - “*Posso ler a atividade*”?

Após ler a atividade os alunos vão respondendo no livro. Dando sequência, passa para a questão 2.

“- Olha a pergunta número 2. O Diego vai ler.” Fala a Professora A aos alunos.

-“*Qual dia da semana você mais gosta*”? Diego lê.

Os alunos respondem verbalmente, eu gosto da segunda, eu da sexta, eu do domingo...

“- Agora o Sandro vai ler a pergunta número 3”. Fala a professora.

Antes de ler ela passa nas mesas conferindo as respostas dos alunos no livro. Eles estão agitados, conversando e brincando.

“- O que você mais gosta de fazer nesse dia?” Lê Sandro.

Todos começam a responder... “*eu gosto de jogar bola; eu de andar de bicicleta; eu gosto de ficar no celular; eu gosto de andar de bicicleta, já sei andar sem rodinhas..*”

Leandro está de pé e vai à mesa do colega. A professora fala:

“- Senta Leandro! Estou achando muito feio o comportamento de vocês.”

A professora apaga a luz para que fiquem em silêncio. E continua a sequência do livro. Alguns alunos levantam do lugar para pedir lápis emprestado. A atividade proposta é de colorir. A professora apaga a luz novamente para ficarem em silêncio. Leandro e Clarissa se desentendem novamente.

“-Eu já estou cansada desse menino!” Responde Clarissa.

A aluna Elaine está agachada na cadeira com os pés na cadeira.

“-Isso é jeito de sentar?” Pergunta a professora.

Luciano está de pé. Diego vai à mesa da Clarissa para explicar como fazer a atividade.

Outro recado na caixa de som. É para a professora A ir até a secretaria atender. Antes de sair a professora deixa a atividade para que eles façam, desenhar no caderno o que gostam de fazer. Eles começam a atividade comentando sobre o que gostam de fazer. Luciano se levanta da cadeira e “ameaça” jogar cola na cabeça do colega. Bagunça geral na sala. Interferi acalmando os alunos com receio de que se machucassem. A professora retorna.

Elaine está sentada com os pés na cadeira, apoiando o caderno nas pernas.

Leandro dá um tapa na cara de Clarissa. O rosto dela fica vermelho. A professora grita com ele.

“-Mas ela me chamou de filho da puta.” Explica Leandro.

“-Cala a boca!!” Grita a Professora.

“-Mas ela me chamou de filho da puta.” Explica novamente Leandro.

Leandro sai do lugar e vai para um canto do armário, senta no chão e chora.

A supervisora é chamada e o leva para a fora. Os alunos estão muito agitados, conversando.

Ricardo sentado na cadeira, balança a cabeça de um lado para o outro diversas vezes. Sandro, Vincenzo e Vítor brincam juntos com o apontador. Letícia busca o apontador debaixo da carteira e ficam lá brincando no chão.

04/09/18 - terça-feira

A professora regente está em reunião atendendo um pai. Hoje o dia está frio, 14°C. A professora eventual passou o cabeçalho no quadro e os alunos estão copiando no caderno.

A bibliotecária chega à porta da sala e os chama para dirigirem-se à biblioteca. Eles se organizam em fila na porta da sala e vão. De volta à sala, a professora recolhe os cadernos de tarefa e questiona porque Elaine não fez a tarefa. A menina começa a contar que ontem a sua mãe bateu nela e puxou os seus cabelos. A menina chorava enquanto contava. Questionada sobre o motivo de sua mãe ter feito aquilo a menina respondeu que era porque a mãe dela estava zangada porque ela ainda não sabia ler. Elaine disse que por isso que ela quer morar com o avô, porque a mãe dela a espanca. Depois de ouvir a aluna, a professora continua a recolher os cadernos. Os alunos escrevem o alfabeto com letra cursiva no caderno. Muitos estão conversando.

Diego está de pé na mesa do Nilton.

Vítor brinca de revólver, usando o lápis como arma, atirando no colega.

Maria Luisa brinca com a tiara na mesa junto com o Gustavo.

Gustavo brinca com a ficha do nome na mesa.

“- Quem está me ouvindo bate 1 palma. Quem está me ouvindo bate 2 palmas. Quem está me ouvindo bate 3 palmas.” Fala a Professora para os alunos ficarem em silêncio.

Elaine está com a cabeça deitada na carteira com o olhar distante.

Júlio está apoiando a cabeça na parede, cochilando, enquanto a professora lê o cabeçalho.

Ricardo espeta dois lápis em sua borracha, faz um boneco e brinca com ele.

Júlio deita a cabeça na carteira buscando uma posição melhor para dormir.

“-Levanta a cabeça da mesa, Júlio!” (Professora A).

Júlio levanta a cabeça, mas apoia na parede novamente, cochilando. Como não consegue, devido ao sono, deita a cabeça novamente na mesa e dorme.

A professora continua a aula com o cartaz das sílabas fixado no quadro. Após ler as sílabas com os alunos, fala sobre o dia da semana, do mês, o alfabeto.

Enquanto a professora explica no quadro, Elaine desenha um sorvete do tamanho da folha do caderno e colore lentamente a ilustração.

Júlio continua dormindo.

A professora entrega uma atividade com uma poesia e o desenho de uma joaninha e pede para que respondam e pintem o desenho. Como estão conversando muito, ela orienta:

“- Boquinha descansando e a mãozinha trabalhando.” (Professora).

Ao entregar a atividade na mesa do Júlio, a professora o acorda.

Devido à conversa dos alunos a professora repete:

“- Enquanto a mãozinha trabalha, a boquinha está descansando!” (Professora).

Sandro se levanta da cadeira e a a professora pergunta: “-Tem espinho na cadeira, Sandro?” (Professora A).

A professora fica de pé o tempo todo na sala. Não sentou em nenhum momento. Ela passa nos dois corredores que há na sala olhando as mesas dos alunos e pedindo para ficarem calados e quietos e diz em voz alta: “- Coloquem as pernas pra dentro da mesa!”

A professora repete: “- Boquinha descansando e a mãozinha trabalhando”.

Luciano e Leandro estão ajoelhados na cadeira desenhando.

Os alunos conversam o tempo todo. A professora aumenta o tom de voz pedindo silêncio.

Leandro, ainda ajoelhado na cadeira, sorri mostrando o desenho colorido para o Tiago.

A professora lê a poesia para os alunos.

A professora pede para alguns alunos lerem o texto da atividade.

Vícenzo brinca com o lápis e o apontador na mesa, ajoelhado na cadeira.

Elaine continua colorindo o sorvete desenhado no caderno e não faz a atividade proposta.

Muita bagunça na sala, vários alunos estão de pé e conversando.

Elaine, Caique e Júlio estão brigando, empurrando as carteiras porque estão sem espaço para sentarem confortavelmente.

A professora apaga a luz para os alunos ficarem mais calmos e em seguida continua com a atividade.

Sandro brinca com a tesoura e a cola na mesa.

Vicenzo brinca com o Ricardo, um tentando pisar no pé do outro. Célia deixa o lápis cair diversas vezes no chão e vai para debaixo da mesa pegar o lápis.

Elaine está debaixo da mesa brincando com a mochila.

Sônia vai à mesa da Clarissa ajudá-la a responder a atividade.

Devido à bagunça, a professora vai diversas vezes às mesas dos alunos pedindo para que coloquem as pernas para dentro e fiquem quietos. Ela está visivelmente irritada.

Célia, Sandro, Vicenzo e Clarissa estão ajoelhados na cadeira, enquanto fazem a atividade proposta.

Bruna começa a pular do lado da mesa várias vezes.

Ricardo brinca com Célia de não piscar o olho. Um acena com as mãos perto dos olhos tentando fazer o outro piscar.

Bruna continua de pé com o estojo na mão, mastigando o zíper. Depois põe a cola na boca e continua pulando ao lado da mesa.

A professora vai até ela e grita para ficar sentada e quieta.

“- Sandro, vou tirar a sua cadeira porque você só fica em pé, não vai precisar dela!”

Completa a Professora falando ao aluno.

Uma música começa a tocar. É o recreio. Os alunos saem da sala.

Depois de quinze minutos eles retornam.

A professora devolve o ditado para os alunos.

Maria Luíza e Sandro brincam debaixo da mesa.

“-Sai daí, Maria Luíza!!!” Ordena a professora.

Após entregar todos os ditados inicia uma nova sequência de palavras. E diz em voz alta: “- Perninha pra dentro, bumbum no burquinho! Primeira palavra: TOMATE! Segunda (Professora A). Primeira palavra: TOMATE, segunda palavra: JACARÉ.”

Leandro: “- JÁ, é o J e o A?”

“-Próxima palavra: BONECA!” Fala a Professora.

Elaine: “- É o B e o O?”

Elaine está nervosa porque não consegue escrever as palavras. Levanta-se da cadeira para olhar o caderno do Júlio.

Caique: “- Para de copiar dele!”

Elaine: “- Eu não tô copiando.”

Caique brinca com a garrafinha de água. Ele não está copiando as palavras do ditado.

Elaine de joelhos na cadeira estica o pescoço copiando as palavras do Tiago.

Muito barulho na sala. Depois do ditado, pede para Sofia recolher as folhas nas mesas dos alunos. Depois de gritar e pedir silêncio, apaga a luz e diz:

“- Amanhã vocês vão ficar sem Educação Física.” Diz a Professora.

“-Não, tia!”

“-Não, tia!”

Muito irritada, a professora pede para chamar o professor de Educação Física.

Ele chega à porta e diz:

“- Amanhã eu não vou dar Ed. Física pra vocês porque a matéria da professora está atrasada por causa da bagunça de vocês” (professor de Educação Física).

Silêncio total na sala! O professor vai embora.

“- Estamos conversados, né?” Professora A.

A professora pega um livro de literatura infantil e começa a ler para os alunos. Depois de uns minutos lendo ela percebe que Elaine está colorindo o desenho do sorvete no caderno. A professora vai até a mesa dela e diz:

“- Presta a atenção!!” – Professora A.

Depois do caderno fechado, Elaine põe as mãos na orelha para não escutar a história.

Caique conta para a professora.

“-Me deixa quieta!!” Elaine responde para Caique.

05/09/2018 – quarta-feira – 09h10

Atividades do livro de Língua Portuguesa, página 30. A sala está agitada, todos conversando muito. Tema trabalhado: adivinhações. Hoje a Elaine faltou. Os alunos seguem fazendo a atividade do livro. Devido à conversa, a professora diz:

“-Perninha pra dentro, bumbum no buraquinho, vamos lá.” (Professora A).

Os alunos continuam respondendo a atividade.

B _ _ ã O	_ V O
_ O _ ã O	O _ _
_ O T ã _	_ V _

A professora explica a atividade e responde no quadro para os alunos acompanharem. Maria Joaquina está brincando com uma massinha nas mãos.

“- Sônia vai ler novamente o número 3. Cala a boca Maria Joaquina, vou chamar a sua mãe aqui.” Professora A.

Sônia começa a leitura.

“Número 4. Sandro, você vai ler? Maria Joaquina, lê pra mim” – Professora A,

“- Onde está?”

“- Não está prestando a atenção, né? Cai em pé e corre deitado, o que é?” Pergunta a Professora.

“-É a chuva!” Todos respondem.

Ricardo: “-Tia, minhoca de paraquedas também!”

TODOS RIEM!!!!

“- Diego, leia a letra C”. Pede a professora.

Diego: “- Nas- ce gran-de –é- mor-re – pe-que-no (o aluno lê silabando).

“-O que é gente?” Pergunta a professora.

“Lápis!” – Todos respondem.

Bruna e Leandro estão de pé. A professora diz:

“-Eu não sei o motivo de ficar em pé. Senta!!! Eu não entendo!!”

Muito barulho e conversa na sala. A professora observa em silêncio a sala.

Sandro: “Deixa ela falar!!”

A professora chama a atenção com o tom de voz muito alto. Todos os alunos estão agitados.

“Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando.” Repete a Professora.

Leandro brinca com um cordão na mão. Os alunos estão desenhando agora. Um pouco mais calmos.

Caique já terminou o desenho e está com os braços cruzados na mesa e a cabeça apoiada nos braços. Ele está cochilando. A professora passa no quadro o cabeçalho. E os alunos anotam no caderno. A professora está rouca, de tanto gritar na sala. No quadro escreve o alfabeto e pede para escreverem os números de 0 a 50.

Tiago: “Como que faz o 21?”

Luciano: “ É o 2 e o 1.”

Ricardo, Maria Joaquina e Célia brincam de soprar um ao outro. Vítor começa a brincar de aviõzinho. A professora segue corrigindo os cadernos. Muito barulho e bagunça na sala.

“Maria Joaquina, senta!! Já terminou?” Pergunta a Professora para a menina.

“Tô quase, tô no 4 e 4”, responde Maria Joaquina.

“Ah é, em qual número é esse?” Questiona a Professora.

“É o 44”, responde Miguel.

Vicenzo: “-Professora, olha o tanto de espaço que essa menina (Maria Joaquina) tem. Sua *forçada!*”

A professora vai até eles e reorganiza as mesas para não brigarem por espaço.

A professora propôs que eles brincassem de jogo do silêncio, até todos terminarem a atividade e o sinal tocar para irem embora. Hoje teve Educação Física antes do recreio.

06/09/2018 – quinta-feira

Os meninos farão um ditado agora.

“-Vamos lá! Perna pra dentro, bumbum no buraquinho. Primeira palavrinha: CADEADO. Segunda palavra: BOLA.” Continua a Professora.

Luciano sai da cadeira, levanta a blusa para o Diogo e mostra a espada (régua) na cintura.

“JANELA. LIMÃO”. Dita a Professora.

Diego: “- Janela é com G ou J?”

Caique: “É J, é J.”

“- Outra palavra: PELUDO. Elaine, viu é esse o resultado de quem brinca o tempo todo. Não escreveu nada ainda. Outra palavra: COMIDA. PIRATA – Comenta a Professora.

Caique: “- PI – pa-pe-pi...”

Maria Joaquina: “-PIRATA é com dois Rs?”

Ricardo: “Não, se fossem dois seria PIRRATA”.

Elaine estica o pescoço tentando ver o ditado da Maria Joaquina.

Manoel brinca de atirar com flecha (régua e lápis). Muita conversa na sala.

“Abram o caderno e não escrevam na frente, senão eu vou e apago tudo no caderno.” Promete a Professora.

A professora escreve o cabeçalho no quadro.

“Eu vou aí apagar, viu Ana Paula, está fazendo o cabeçalho antes da hora?”

Pergunta a professora para a menina.

Os alunos não podem copiar no caderno sem o consentimento da professora.

Luciano vem até a mim e me dá um abraço.

Diego agacha no chão para amarrar o tênis do Manoel e diz:

“-Você tem que pedir para a sua mãe amarrar pra você.”

A professora vai à mesa de Ana Paula e Maria Joaquina e apaga tudo o que elas escreveram.

Elaine e Célia, terminam o desenho que estavam fazendo, dobram em forma de envelope e trocam os desenhos.

Célia: “Ficou bonitinho?”

Elaine: “Ficou.”

A professora chega à mesa da Elaine e pergunta: “-Você não fez os números ontem, né?”

Elaine: “Que número?”

Professora: “- De 0 a 50. Não faz de boba!” (A aluna faltou ontem!)

Depois do cabeçalho a professora escreve o alfabeto maiúsculo e minúsculo no quadro. Muita conversa na sala.

Professora: “-Nossa, mas essa boquinha não descansa!”

Elaine está ajoelhada na cadeira conversando e copiando o alfabeto do quadro.

Maria Joaquina canta e brinca com o lápis na mesa.

Luca escreve no caderno: VÃO – MOA, e mostra para a Célia e ela pergunta:

“O que é isso?”

Luca responde:

“-Você não sabe? VA- VE-VI-VO-VU-VÃO é **VÃO!**”

Célia responde:

“-VÃO não é com **U** é com **ÃO!**”

A professora pede para escrever por extenso também de 11 a 20.

Luca pesquisa no seu caderno de Matemática os números já escritos para se lembrar como escrever.

*Detalhe: na parede tem um cartaz com os números por extenso de 0 a 50.

Depois de alguns minutos a professora pede para alguns alunos responderem no quadro os números por extenso.

Devido à bagunça durante a aula, todos os meninos ficaram de castigo no recreio. Ficaram sentados à porta da sala lanchando e não puderam brincar.

Após o recreio, os alunos entram fazendo muito barulho. A professora chama atenção várias vezes em voz alta, mas sem êxito.

Diego reclama que a sua mesa está muito apertada e sem espaço. Ele vai até a última mesa e pede para a Célia chegar para trás para dar espaço para ele.

Elaine e Caique também brigam por espaço, empurrando a carteira um do outro.

A professora dá um grito estridente! E diz que vai esquecer que eu (a pesquisadora) estava na sala de aula. (Pensei que já havia esquecido).

Leandro fica agachado no chão, quase debaixo da sua mesa, em total silêncio.

Depois desse momento, ela entrega os livros de Matemática e pede para abrirem na página 34.

“-Perna pra dentro, bumbum no burquinho.” Ordena a professora A e depois complementa:

“-Clara, já achou a página?”

“-Perna pra dentro, bumbum no burquinho.” Repete a professora A.

Célia pergunta:

“-Tia, é 34... o 3 e o 4?”

Ricardo diz:

“Eu queria tanto ler o texto..”

E a professora pede para ele iniciar a leitura.

Texto:

Às vezes sou grande,
 Às vezes sou pequena
 Me chutam com os pés
 Me jogam com as mãos
 Sou sempre redonda
 Sempre sou diversão
 Quem sou eu?

A professora pergunta se sabem quem é.

Elaine diz: “- Eu não sei!”

Clarissa vai à mesa da colega para ajudar.

A professora chama a atenção de Clarissa e pede para voltar para o lugar e responde para a Elaine:

“Elaine, se esforce, você consegue sim escrever a palavra, você é inteligente.

A aluna fica animada com a fala da professora e começa a escrever a palavra BOLA.

Os alunos seguem respondendo a atividade do livro, agora mais concentrados e calmos.

Maria Joaquina responde às questões do livro de pé, ao lado da própria mesa.

Danilo e Clarissa comentam a atividade juntos

“-Uma palavra que termina com A.”

“-Casa, abelha, borboleta, balão.”

“- Balão não, balão termina com ãO!

“-Fada, lata.

Enquanto isso, Vítor briga com Vincenzo. A professora vai até a mesa dele e cochicha algo no ouvido dele, que rapidamente volta para as atividades do livro.

Célia mostra a resposta para Maria Luiza. Célia olha o desenho da colega e abre um sorriso largo e diz: “-Nossa, que lindo!”

Muitos alunos já terminaram as atividades propostas e a bagunça volta novamente, conversa e alunos brincando na sala.

A professora escreve no quadro: 7 de setembro – Independência do Brasil. E logo em seguida entrega o caderno de desenho aos alunos. Em seguida a professora chama o Ricardo para recontar para os colegas a história da Independência do Brasil que ela havia contado no início da aula para a turma. E Ricardo começa:

“-Era uma vez uma cidade chamada Portugal...”

A professora corrige:

“- Cidade não, país, né Ricardo.”

O menino reconta a história do seu jeito e a professora vai completando a fala dele.

“-Um dia ele chegou na beira do rio e gritou: *Independência ou Morte!*

Célia questiona:

“-Essa história ainda existe?”

Depois de terminar de contar a professora A pede para que ilustrem a história no caderno. Os alunos fazem a atividade com calma e atentos.

Caique pergunta:

“-Como é a bandeira do Portugal, professora?”

Ela faz a pesquisa no celular e mostra para todos na sala. Alguns desenharam a bandeira, outros cavalos e um rio, soldados com espada. Enquanto os alunos concluem a atividade a professora corrige os cadernos em sua mesa. A professora A pede para que façam com capricho e diz:

“-Esse desenho vai valer *nota*, viu!”

Vicenzo responde:

“-Ah é, então me dá um dinheiro!”

Todos riem!!!

A professora A pergunta para a Sônia:

“-Por que você não fez a tarefa?”

Sônia responde:

“-Porque não deu tempo, professora. Eu fui no aniversário ontem e cheguei meia a noite.

Depois que todos terminam os desenhos ela recolhe os cadernos.

O rádio começa a chamar os nomes dos alunos que vão embora de VAN.

05/10/18 – sexta-feira

Sentados, os alunos aguardam o jornalzinho começar.

A professora faz linhas no quadro para parecer uma folha de caderno. Os alunos conversam intensamente. Tiago vai para a aula de reforço com outra professora.

Após o momento cultural no pátio os alunos retornam para a sala de aula agitados.

A professora A pede para que copiem do quadro a atividade proposta:

“-Mãozinha trabalhando e a boquinha descansando!”

Os alunos começam a escrever no caderno o cabeçalho, alfabeto.

A professora A fala para o Caique:

“-Tira essa blusa de frio, está muito calor!”

Caique responde:

“-Mas eu não estou com calor, estou com frio, professora!”

Os alunos copiam do quadro a atividade, exceto a Elaine.

“- Agora escrevam de 0 a 60 também, por extenso.

Diego começa a dizer:

“- Ô tia, na creche...”

A professora interrompe:

“- Eu não quero saber o que você fez na creche!”

A professora senta com a cadeira dela na porta e começa a corrigir os cadernos dos alunos.

Os alunos estão agitados e conversando alto. Alguns alunos competem para ver quem termina primeiro a atividade.

“-Você está no 28?”

“-Eu tô no 32 e você?”

“-Você já está no 34? Me espera.”

A professora A diz:

“-Olha que gracinha, a Sônia já terminou a atividade dela e está com a cabeça deitada na carteira.”

Bruna reclama:

“-Eu não quero escrever esses números por extenso!”

A professora A pergunta:

“-Elaine, por que você não fez nenhuma das suas tarefas de casa?”

A menina responde:

“-Porque a minha mãe estava tonta, como que eu ia fazer?”

Depois ela foi até a mesa da professora explicar melhor.

A professora orienta outra atividade aos alunos:

“-Agora vocês vão pegar o caderno de leitura e copiar as palavras do banco de palavras.”

Vítor protesta:

“-Aneim, que chato! Eu não vou pegar esse caderno nem a pau!”

A professora escreve as palavras no quadro.

Banco de palavras

Coleta-oca-cidade-caolho-cinema-cabelo-corujua-cadeira-cereja-cubo

Vítor continua:

“-Eu odeio essas palavras!”

Maria Joaquina pergunta para ele:

“-Se você odeia palavras não vai aprender a escrever nada!”

Ricardo vai para debaixo da mesa, agachado e fica ali por alguns minutos e depois senta na cadeira novamente.

A professora entrega os cadernos de tarefa para os alunos.

Clarisse recebe o caderno e diz:

“-Não tem tarefa? Oba!!!”

A professora responde para ela:

“-Você está cansada de saber que dia de sexta não tem tarefa, não precisa fazer festa não.”

Elaine mexe no cabelo trocando o penteado, depois faz sinal de positivo para a Bruna. Por sua vez ela balança a cabeça sorrindo que não. Elaine sorri e muda o penteado novamente.

Sônia termina as palavras e a pedido da professora vai até a frente ler para os colegas. Vários alunos vão até o quadro e leem as palavras.

A professora pede para Bruna ler também. A aluna inicia silabando as palavras: “- co-le-ta, ô-ca, ca-va-lo, cé-ré-já, cu-ba(bo).”

Enquanto alguns alunos vão lendo os demais conversam. A professora chama a atenção várias vezes em voz alta, mas sem êxito.

A professora chama Elaine para ler. Leandro comenta:

“-Hi, ela tá ferrada!”

Elaine vai ao quadro e aponta o dedo para as sílabas nas palavras, mas não consegue ler corretamente. Desapontada, ela volta para a mesa.

Enquanto isso Célia e Maria Joaquina brincam de equilibrar o caderno na cabeça.

A professora diz:

“-Na hora do brinquedo vamos resolver para esses que estão fazendo bagunça”.

As meninas continuam equilibrando o caderno na cabeça.

A professora grita:

“-Célia e Maria Joaquina, chega!!!”

A professora vai para o quadro e escreve outra atividade:

Escreva frases com as palavras...

Clarissa sai da sala sem autorização e volta.

A professora diz:

“-Sua chata, se você sair novamente vai ver!”

Muito barulho na sala. A professora tenta usar a técnica de estalar os dedos e bater palmas para acalmar os alunos, mas sem sucesso. Ela explica a atividade em voz alta, quase gritando.

A professora continua tentando, agora com o tom de voz bem alto:

“- A mãozinha trabalhando e a boquinha descansando.”.

A professora vai dando orientações nas carteiras durante a atividade e avisa aos alunos:

“-Ah, vocês vão ver na hora do brinquedo. Vão ter uma surpresa! Vocês vão ver!”

Depois de alguns minutos a professora diz:

“-Não vai ter mais hora do brinquedo hoje!”

“Tem que ter!” Alguns alunos dizem.

A professora continua:

“-Bom, já que não vamos ter hora do brinquedo, vamos fazer outra tarefa.”

Todos protestam!

“-Não!!!”

Maria Joaquina vai até a professora e pede algo pra ela, em voz baixa,

A professora responde em tom alto!

“-Não!!”

Maria Joaquina responde e volta irritada para o lugar:

“Só a minha mãe que me entende!”

A professora entrega a atividade em cada mesa e cola no caderno dos alunos.

Célia está sentada no chão, sem sapatos, irritada.

Após colar as atividades a professora segue com a aula.

“-O que é uma dúzia?”

“-Doze!” Todos respondem.

A professora explica a atividade em voz muito alta. Os alunos estão muito agitados, conversando muito e alguns saindo do lugar.

Os alunos da sala vizinha já estão brincando na porta da sala deles.

Alguns alunos vendo que eles não vão brincar, acabam a atividade e deitam a cabeça na mesa. Alguns perguntam se o nome está na lista da professora.

A professora sai da sala e volta com uma vassoura dizendo que está muito suja e começa a varrer o chão.

A professora olha o caderno de alguns alunos e diz que só vai brincar quem estiver quieto e terminado a atividade proposta. Agora a maioria está em silêncio.

Depois de um tempo, ela começa a liberar alguns alunos para brincarem na porta da sala. Tiago retorna do reforço. Maria Luiza organiza o material com uma boneca nas mãos. Diogo brinca com um aviãozinho na mesa.

Alguns alunos, ainda estão na sala de castigo e a professora distribui gibis para eles. (Elaine, Diego, Maria Joaquina e Clarissa).

Luciano fica com a cabeça deitada na carteira, quietinho.

Vicenzo fica com as mãos nos ouvidos. Ele pediu várias vezes a professora para ir brincar.

Luciano pede a professora:

“-Deixa eu brincar?”

A professora responde:

“-Tudo o que a gente faz tem consequência na vida. Você não vai!”

Vicenzo volta emburrado para o lugar. Vicenzo agora pega um gibi e começa a ler.

Leandro volta em prantos para dentro da sala porque a professora o mandou voltar por estar fazendo bagunça.

Clarissa provoca o Leandro e ele responde:

“-Cala a boca, inferno!”

A mesa do Leandro cai no chão! A professora questiona o aluno.

Leandro responde:

“-Foi sem querer!” (Ele derrubou propositalmente).

A professora chama os alunos novamente para a sala porque já está na hora da saída e o rádio começa a chamar os alunos novamente.

ESCOLA 2

TURMA – 1º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL I

22 ALUNOS

HORÁRIO SEMANAL DAS DISCIPLINAS – possui

PROFESSORA B – formação em Pedagogia, mais de 20 anos de experiência no Ensino Fundamental.

ESPAÇO FÍSICO DA SALA DE AULA - A sala possui um ambiente calmo e tranquilo. As paredes são decoradas com alfabeto silábico e um cenário dos três porquinhos, existe ainda a descrição dos números de 0 a 100 por extenso, percebo ainda figuras geométricas. Os alunos apresentam comportamento tranquilo e estão organizados para sentarem em duplas.

RECREIO – as crianças brincam livremente no pátio, sob a supervisão de monitoras.

10/09/2018 – segunda-feira

Durante a aula de Matemática observo que a professora usou recursos lúdicos (palitos) para a explicação de adição e subtração de dezenas.

Os alunos contavam os palitos e iam registrando os números e as operações. Os alunos se mantêm concentrados nas explicações da professora que realiza uma operação de 10 subtraindo 2. Pede auxílio de uma aluna, a auxiliadora retira dois palitos e levar até a mim.

A professora explicou que os resultados da última avaliação não foram satisfatórios e que os alunos deveriam reforçar as operações de subtração.

A professora chamou a aluna Juliana para ir ao quadro responder a questão. Dois alunos brincavam no fundo da sala de aula.

Uma aluna chamada Lia disse que estava com dificuldades e que não está entendendo. A professora repetiu a explicação.

A professora pede para eles colocarem os palitos novamente na mesa e os alunos colocam. Os alunos escutam calmamente as explicações da professora, alguns bocejam. A professora coloca o cabeçalho duas vezes em uma lousa; de um lado com a letra bastão e de outro lado com a letra cursiva.

A Lia, a aluna com dificuldade, vai até a mesa da professora, pedir auxílio novamente. A professora disse que a dinâmica de colocar os alunos em duplas auxilia no aprendizado, quando um aprende com o outro.

A professora prossegue com as atividades e escreve na lousa de $10 - 4 = \dots$; ela pede para que os alunos resolvam com os palitos e registre no caderno o resultado. A professora solicita que Ana Cláudia explique aos colegas como resolveu o exercício. A aluna Ana Cláudia coloca os palitos de pé no quadro e explica como ela resolveu a questão. A professora pede para que os alunos que fizeram igual a Ana Cláudia se manifestem.

A professora volta a descrever outra conta de subtração e novamente com os palitos pede que os alunos resolvam o exercício. Percebe que o aluno Luiz está desorganizado, segue até a mesa do aluno e o auxilia com a atividade. Durante o período que a professora auxilia Luiz, os outros alunos conversam baixinho.

O aluno Luiz se manifesta que já sabia resolver o problema, a professora convida eles para ir até a frente demonstrar como fez, ele disse:

“- Eu peguei 10 palitos, aí eu tirei sete palitos, daí eu fiquei com três.” Explica Luiz.

O aluno que estava sentado junto de Luiz está agitado e acaba derrubando a mesa. O aluno estava só de meia, tinha retirado os tênis. Luiz está descalço, sem o chinelo. Os dois sentam-se juntos. A professora explica que isso acontece e que é para voltar para seus lugares. A professora segue a aula, apresentando novas contas, outros alunos pedem para participar.

Luiz novamente tumultua a aula, encontra-se debaixo da mesa, tirando e vestindo a blusa do uniforme, depois de um tempo voltou a sua cadeira retornando as atividades. A professora pede para Luiz explicar como resolveu as operações. Luiz disse:

- “Tia, o Túlio fez, olha o dele....”

A professora pega os palitos de Luiz e pede para ele retirar a quantidade de palitos pedida demonstradas no exercício e observar o que sobrou.

A professora retoma com outra conta: $10 - 0 = \dots$

Pede para os alunos responderem, alguns alunos respondem, outros não. Luiz novamente inquieto senta e levanta do chão.

A professora propõe outro desafio: $0-10=...$. Pergunta para a turma se é possível resolver essa conta. “Com quantos eu fiquei?”

A resposta da turma foi, “- Fiquei com zero tia”.

Luiz está brincando de atirar com o lápis, o aluno Eric que senta ao lado dele continua prestando atenção nas atividades da professora.

Luiz continua inquieto, coloca os pés sobre uma partitura embaixo da mesa utilizada para guardar livros e o lápis está na boca. A professora prossegue a explicação com a voz baixa. Uma aluna se aproxima de mim e disse que sou bonita e me dá um abraço.

Percebo que a aluna Lia conversa com a colega explicando a atividade.

Algumas interpelações dos alunos me chamam a atenção

Lia disse: - “aí você põe assim, $10-6$ é igual a....” “O que você acha?”

A colega procura a professora dizendo:

- “Tia, não entendi essa conta.”

- “É de menos!” exclamou um colega.

- “Juliana me ajuda!”

- “Ô tia, eu tirei 3 de 7 e ficou 4.” disse um colega.

Luiz está agitado, não consegue se organizar.

Lia se dirige a professora

- “Aqui, tia, eu esqueci de pôr o cinto lá na minha casa e pus aqui. Levanta a blusa e mostra para a professora.

Os alunos seguem resolvendo as atividades propostas, uns ajudando os outros e elaborando outras situações de subtração.

-“Vamos fazer silêncio, a tia já explicou que não tem como raciocinar com barulho.” Diz a professora

A professora se volta para Luiz em particular e o auxilia nas atividades. Uma menina se levanta do lugar e vai à mesa do colega explicar para ela como fazer a conta. Uma pequena confusão se arma entre Cléa e Lia.

Cléa diz a Lia: - “Você está me imitando, eu tirei quatro. Você copiou minha resposta, sua resposta está igual a minha”.

Lia diz: - “Eu não copieie, eu nem olhei a sua.”

Uma menina encosta a cabeça no ombro do colega enquanto a professora explica a atividade. A professora passa mesa por mesa percebendo quais alunos estão com dificuldades e fazendo intervenções.

Uma menina coloca os joelhos em uma cadeira e estica-se na mesa, para explicar para o colega da mesa da frente como fazer a atividade.

Luiz e Eric conversam sobre a atividade, Eric procura ajudar Luiz.

- “Aqui você fez quanto? Pergunta Eric,

- “Sete.” Disse Luiz

- “Mas assim não pode, essa eu já fiz, não pode repetir a continha”, diz Eric.

- “Ai não, eu não tenho paciência, não.” Diz Luiz .

- “Olha aqui, oh, você fez assim.” “Eu fiz assim, oh...” diz Luiz

Luiz desiste de resolver a operação e se dirige para debaixo da mesa. Eric se levanta e segue até a professora, pede explicação.

Eric disse:

- “Tia existe mais de duas contas no mundo?”

A professora não escuta. Eric a chama novamente e torna a perguntar. A professora anota o nome de Luiz no quadro para que ele fique quieto, com risco de perder o recreio.

Uma das meninas troca a roupa da boneca no colo, ela já tinha terminado a atividade.

Eric levanta o dedo querendo perguntar algo para a professora.

Ingrid fala comigo. – “Eu tinha 8 peixinhos, brinquei com nenhum e fiquei com zero.”

- “ $8-0=0$, é isso Ingrid?”

- “Não, tia, então é 8.”

A professora segue a aula, Cléa: “- Eu tinha oito aviões tirei 4, daí fiquei com 4.”

- Laila, fala para a tia: - “Eu tinha 8 dei 7 para meu irmão e fiquei com 1.”

- “Muito bem! Que menina boazinha.” diz a professora.

Os alunos vão levantando os dedos querendo participar, estão em silêncio. Regina quer participar, mas está com vergonha. A professora vai até a mesa dela olha o caderno, registra na lousa a operação.

Celestina: - “Eu tinha 8 gatinhos, tirei 7, fiquei com 1.

“Alguém criou uma situação diferente?” Diz a professora, Túlio se manifesta.

- “Eu fiz uma situação diferente, tia.” $8-2=6$

A professora vai escrevendo na lousa todos os fatores da subtração de 8 estarem registradas. Luiz cruza as pernas, em uma cadeira e brinca com o lápis no dedão do pé.. Luiz balança o braço do Eric levantando ele.

Eric responde:- “Espera! deixa eu fazer!!” (a tarefa)

Daí o horário do recreio. (Não bate o sinal. A professora vai liberando os alunos aos poucos, até que todos saiam da sala. Durante o recreio as crianças brincam livremente, os monitores vigiam o alunos durante o recreio. Os alunos retornam para a sala

Logo uma aluna diz:

- “Quem pegou minha boneca pode devolver”.

- Cléa diz:- “Esse circo é muito caro. É caro pra caramba o meu pai disse.”

- “Eu nunca fui no circo, você já foi?”

Lia diz: - “Não.”

Os meninos estavam com um convite de um circo, que estava fazendo apresentação na cidade. A professora acomoda os alunos e pedem eles para deitarem a cabeça na carteira, para descansarem do recreio. Uma outra professora entra na sala e retira dois alunos para irem a aula de reforço, os alunos levam caderno e material de anotação. Está acontecendo o segundo recreio para crianças maiores. A escola é pequena e o barulho dentro da sala de aula fica muito forte.

A professora passa uma atividade de colorir, enquanto corrige os cadernos dos alunos, nas carteiras. Os alunos se matem calmos, a professora fala com voz baixa e dá orientações em tom baixo a cada aluno.

- “Silêncio!” Diz a professora

Luiz ficou sem recreio, a professora pergunta a ele: - “Foi bom, Luiz?”

- “Não”. Responde Luiz.

A professora, liga o ventilador. - “Vamos sentir o ventinho do ventilador, descansando!” Exclama a professora.

A professora explica que daqui a pouco será a hora do pula-pula e quem não tiver terminado a atividade ou estiver fazendo bagunça não irá para o pula-pula.

Cléa, Lia e Laila conversam entre si.

A professora separou a mesa de Luiz de perto de Eric. Luiz continuava agitado e inquieto, brincando com o apontador, estojo e cola em cima da mesa. Depois

dirigiu-se ao chão debaixo da mesa, continua descalço e brincando agora com um bonequinho nas mãos.

A professora segue explicando em cada mesa pacientemente.

Luiz entrega o bonequinho em minhas mãos dizendo que não é dele.

A professora orienta, em voz baixa que quem terminou a atividade não é para conversar, e para deitar a cabeça na carteira e descansar.

Luiz está com o caderno no colo, sentado debaixo da mesa e brincando com ele.

Eric continua, colorindo as atividades em silêncio.

- "Ingrid vou colocar seu nome no quadro". Disse a professora.

- "Eu não estou fazendo nada! disse Ingrid.

A professora responde:

- "Você está olhando para trás."

Uma menina cantava uma música distraidamente, enquanto colore com canetinhas um palito de picolé que ficou para traz. Ingrid tirou o cinto rosa e brinca com ele nas mãos. A professora pede para a aluna guardar a boneca na mochila porque hoje não é o dia do brinquedo. A professora chama a atenção de Luiz e diz que vai chamar a mãe dele na escola.

- "A minha mãe trabalha, ela não pode..." Disse Luiz.

- "Então vou chamar seu pai, melhor ainda." disse a professora.

Enquanto isso Cléa, Laila e mais uma colega apontam o lápis. A professora orienta para trocar o caderno e pegar o de português, o tom da voz da professora é baixo. Em silêncio eles pegam o material em suas mochilas, novamente a professora escreve o cabeçalho no quadro (agora somente em bastão/cursiva). Os alunos começam a copiar, a professora anota na lousa a páginas do livro para a atividade, página 120. O quadro/giz é grande.

11/09/2018 - Terça feira

As carteiras estão organizadas em filas individuais. Após as 9h15 os alunos chegam da educação física e copiam a tarefa de casa do quadro.

Tarefa: 1-Escriva o nome dos números abaixo:

1, 2, 9

3, 5, 10

6, 7, 8

2 -Responda os exercícios da página 149 do livro de Matemática.

3 -Estude a ficha de leitura do "j" para o ditado.

Os alunos retornaram do recreio alguns ainda comendo o lanche e chupando pirulito. Na sala há mais meninas. Estão conversando em tom baixo. A professora diz: - "Quem está ouvindo bata palmas." Retorna a lousa e passa a atividade.

Luiz se movimenta para frente pois estava se sentindo apertado. Alguns alunos ainda continuam copiando a tarefa. A professora, corrige os cadernos de tarefa do dia anterior.

- "Quem já terminou pega o caderno de matemática." Disse a professora.

A professora chama atenção do Túlio e disse que ele ficará sem Educação Física se continuar fazendo bagunça na aula de educação física.

- "Ah tia, estou aqui estudando?" (Pergunta mansinho).

A professora de reforço chama mais três alunas para trabalhar com ela.

Os alunos começaram a copiar do quadro o cabeçalho

- "Ô tia agora que eu percebi que você está aqui." (Diz uma aluna para mim)

Alguns alunos estão conversando. A professora começa a bater palma e a estralar os dedos, os alunos a seguem o comando. A professora conversa com eles em tom baixinho.

A Solange cochicha, com a Ingrid, elas estão rindo baixinho.

Túlio está com a cabeça deitada na carteira.

Da sala de aula é possível ouvir gritos de uma professora de outra sala com alunos também do 1º ano.

- “Vocês também não escutam, não? Tá difícil hein! chega!!!”

A Ingrid está conversando com a Miriam. A professora chama a atenção.

- “E porque ela está conversando comigo!” Diz Ingrid

A sala está calada e em silêncio. Duas alunas trocam tirinhas de papel em branco... Uma escreve um recadinho para a outra.

Ingrid não encontra o livro de Matemática para fazer a atividade.

- “Tia, o dente do Eric está sangrando.

- “É dente de leite gente, é normal”. Disse a professora

Túlio sai do lugar entrega vários papéis retangulares coloridos com lápis para a Ingrid.

- “Legal é dinheiro, eu tenho um monte desses na minha casa “. Diz Ingrid

Uma professora bater na porta da sala e fala que não está aguentando aqueles meninos que ela não quer mais na sala.

Eric chega com uma toalha na mão.

A professora da sala do lado continua gritando. Há muito barulho e gritaria na sala do lado. Barulho de portões batendo e gritos de crianças e professoras.

A Ingrid está chorando porque não encontra o livro de Matemática, não está na pasta dela. A professora pede para eu olhar a sala enquanto vai procurar um livro. Os alunos continuam em silêncio. Cléa pede ajuda para Túlio.

- “Me ajuda a achar a página”. Diz Cléa.

Túlio sai do lugar e vai à mesa da professora e pega uma cola.

- “Eu vou contar para a tia”. Diz Ingrid.

Túlio deixa a cola na mesa da professora.

A professora retorna e da continuidade nas atividades.

Alguns alunos (2) estão de pé ao lado da professora, perguntando.

- “Eu já expliquei o combinado, qual é o nosso combinado? (Professora)

- ‘Levantar o dedo! “Responde Eric.

- “Isso. Levantar a mão que eu irei na mesa.” (Responde a professora com voz baixa).

Túlio está no chão brincando com a mochila. Luiz está fazendo a atividade do livro. A professora abre o armário e pergunta de quem é a tesoura que ela achou ontem no chão da sala. Ingrid pede para ficar com a tesoura porque não trouxe a dela. A professora retira um frasco de cola do armário e pergunta quem está precisando de encher a cola?

Alguns alunos começam a dizer que frescura.

- “Levantar o dedo , mão tem boca!”

“Alguns alunos riem”, e levantam o dedo.

A professora reclama que tem que ter material. Que não tem como trabalhar sem material. Ela fala em voz alta e irritada.

-“Quem imagina um pedreiro chegar para construir uma casa e não tem areia, cimento e tijolo. Ele vai conseguir trabalhar sem material?”

-“Não vai!”

Os alunos recortam algumas figuras do livro para concluir a atividade solicitada.

A professora explica para o aluno que a margem do caderno deve ser respeitada é para pular linha entre uma atividade e outra.- ‘Como que é pra fazer essa atividade?’

- “Não entendi também.” (A menina vai na mesa de outra colega).

Ingrid recorta a atividade do livro, (a professora encontra o livro dela).

Todos os alunos estão recortando a atividade da folha do livro em silêncio.

- Luiz não começou a atividade (cabeçalho), está brincando com o lápis na mão e com o rótulo de uma garrafa de refrigerante. Agora põe a garrafa na boca (a lateral).

- “Eric, vai, faz, recorta, faz a atividade!” Diz uma colega para ele.

Cléa reclama que a bolsinha de lápis está vazia. A menina explica que acha que foi na vam ou no pátio da escola. Ela não se lembra direito. (Que perdera o material).

Ingrid levanta o dedo para pedir a palavra. Depois de uns minutos desiste e abaixa o braço.

Luiz pede para ir ao banheiro.

A professora eventual vai ficar na sala porque a regente de sala tem perícia médica. Ela chegou dizendo que queria matar o menino, mas como não tinha jeito, bateu a porta para ver se ficavam quietos.

A professora regente explica a atividade para realizar com os meninos para outra professora.

Ingrid levanta o dedo pedindo a palavra. Assim que a professora explica, a professora eventual chama a Ingrid na mesa e conversa com ela.

Alguns alunos estão fora do lugar conversando, Túlio, Luiz, Eric....

A professora eventual liga o ventilador reclamando que tem gente soltando pum, que o nariz dela não é filtro. Os alunos reclamam porquê os papéis na mesa estão voando.

- “Aleluia. Ufa!” (Diz uma aluna).

A professora explica que os adesivos nas mãos é porque ela tirou umas verrugas das mãos. Algumas alunas se levantam para ver.

A professora regente organiza o material e sai para ir à perícia.

Ingrid está de quatro no chão imitando um cachorro.

Os alunos despedem da professora

- “Olha, o caderno, o livro e o retrato do aluno, amanhã eu vou ver quem fez tudo bonitinho “. A professora eventual assume a sala.

Uma aluna pede para ir ao banheiro a professora pede para esperar um pouco.

Ela vai contando no quadro:

VACAS: 2, GALINHAS: 3, PORCOS: 5, OVELHAS: 4

-“Para completar 20 , quantos faltam?

- ‘ 6”

-“6”

Luiz vai na mesa de uns colegas pedindo a tesoura, os colegas não emprestam.- “Eu tenho mais não vou emprestar.”

- “Eu também, mas não quero.

-“Eu não gosto do Luiz ele é muito teimoso”. Gostar eu gosto, mas ele é muito teimoso (Ana Cláudia), diz a menina para si mesma. Alguns meninos se levantam a professora dá um murro no armário pede silencio. Depois ela diz para mim, “não se assusta não porquê eu sou assim mesmo”, e ri.

Luiz continua passando de mesa em mesa pedindo uma tesoura emprestada. E vai na mesa do Pedro e toma a tesoura dele. O menino não reage. Quatro meninos estão ao redor da mesa com a professora.

Carlota discute com Luna e empurra ela. Túlio está de pé na porta.

Túlio pega o livro do Pedro e explica que não é naquela página que ele está fazendo, que está errado. Calmamente ele folheia o livro até chegar na página correta (147). Túlio vai na mesa do Luiz e pega a tesoura de volta e coloca na bolsinha do Pedro. Ele continua passando as páginas e falando para o Pedro: - “Está chegando, está chegando...”

Calmamente, Túlio ajuda o Pedro a colar os animais no livro. Luiz vai na mesa do Pedro e pega a tesoura novamente.

- “Eu vou pegar a tesoura , tá Pedro.” (Luiz)

Túlio cochicha no ouvido do Pedro que não é para emprestar.

- “Não empresto”. (Pedro)

- “Eu ouvi, viu Túlio, você que falou para ele” (Luiz).

Luiz sai de volta para a sua carteira.

Túlio está com o lápis do Pedro na mão e responde o livro para o colega, olhando no quadro a resposta. Assim que termina, volta para o lugar.

Algumas alunas estão conversando e fora do lugar.

A professora da dois murros novamente na porta do armário (de metal) e pede silêncio.

Os alunos não páram e continuam conversando e brincando. Alguns alunos estão guardando os materiais na mochila. São 11:12 a aula está no fim. Os alunos que estiveram no reforço voltaram e sentam-se nos lugares. O barulho toma conta da sala. Ingrid está no chão com a Carlota brincando. Túlio está na mesa de Luiz brincando com ele e fazendo de conta de estar com uma correia na mãos, (régua flexível) batendo nele e em um outro colega que o chamam. A professora toma a régua dele e pede para o pai dele pegar com ela amanhã. Três alunos saíram da sala e estão brincando. Uma mãe chega na porta e o aluno termina de guardar o material. Muitos gritos, conversa e barulho na sala. A mãe na porta fica aguardando o filho arrumar o material. Bagunça total. Luiz e Ingrid gritam!

Túlio tenta cortar o cabelo de uma colega. Ela cobre a cabeça com a blusa. Uma colega dá um pouco de “Colgate” no dedo de uma amiguinha.

A professora grita para ficarem quietos. E fala que quem ficar quieto ela vai deixar brincar lá fora. Eric brinca com a toalha de rosto. Ele não termina a atividade e o livro está na mesa. Uma abelhinha entra na sala, as meninas começam a gritar.

Adele:-“Tia a tarde você fica em outra escola ?” (Pergunta a menina para mim).

- “Respondo que sim.” Ela diz:

- “Dá uma preguiça, né!!!” (Adele)

Eu pergunto se ela fica no tempo integral. Ela responde que sim. Pergunto se ela gosta. Com a cabeça, responde que não. Todos saem e aguardam sentados brincando na porta da sala até o sinal bater.

12/09/2018 - quarta-feira

Os alunos estão calmos, em silêncio escrevendo o cabeçalho no caderno, estão sentados em duplas.

- “Vamos continuar com a nossa produção?” (Professora)

-“Produção? Produção de vídeo? (Jéssica)

-“Vamos continuar com a nossa sequência didática?”

Eric e Luiz estão sentados juntos. Luiz veio de chinelo, mas está descalço.

-“Sequência didática: Meu galinho.” (Professora)

- “Produção de texto em dupla. Pagina 121” (Professora)

Ingrid organiza a mesa para a colega explicando que tem deixar espaço entre as mesas. Miriam se levanta e pede para ir ao banheiro. A professora pede para ela se sentar e explica que tem que levantar o dedinho.

- “Agora vai Miriam, pode ir “. (Professora)

Uma aluna levanta o dedo. A professora ainda não viu, porque está na mesa do Luiz fazendo margens no caderno dele e explicando que deve saber organizar o caderno. A professora pede para a aluna ler a página e o exercício proposto. A menina lê e depois explica o que é para fazer.

Luiz e Eric brincam.

Túlio que tinha ido ao banheiro, retorna andando de costas anda até bater na mesa da professora. Ele ri e senta no seu lugar.

Luiz está com o pé na carteira da Cléa (que está na frente dele).

Ela reclama: - “O tia, o Luiz está com o pé na minha cadeira e não pára de conversar e brincar com o Eric. Ele está me atrapalhando. Eric tenta fazer a atividade proposta. Luiz está com o lápis na boca.

Lia: - “Nossa, nem tia visto a tia aqui na sala!” (Diz a menina assustada sorrindo olhando para mim).

Uma menina caiu da cadeira. A professora explica que é preciso saber sentar direitinho na cadeira para não se machucar.

A professora segue a atividade pedindo para que leiam a atividade.

Eric ajuda o Luiz a escrever uma palavra.

- “Vai escrever aí”. (Eric).

- “Qual letra? (Luiz)

- “H” (Eric)

- “Essa?” (Luiz)

- “Não, eu disse H.” (Eric)

Luiz está tentando escrever a palavra GALINHO.

Enquanto isso a professora ensina a fazer a atividade. Luiz se levanta do lugar e chama a professora. -“Tia, o nariz do Eric está sangrando”.

A professora pára e vai no armário e pega um papel higiênico.

-“Você falou para sua mãe. Já á a segunda vez que acontece. Vou mandar um bilhete (professora).

A professora sempre demonstra uma certa calma na condução da sala. Ela continua a atividade e explica o texto e fala sobre galo e galinha. Luiz se levanta do lugar e fica imitando uma galinha. Túlio vem na minha mesa mostrar um machucado na boca que a Ingrid fez nele ontem. A professora pede para Eric procurar uma auxiliar para ajudar-ló com o nariz que continua sangrando. Ingrid está com a cabeça deitada na carteira. Três alunos estão no reforço com outra professora. A professora coloca no quadro um cartaz (tipo banner) com as sílabas complexas.

A menina que estava com o dedo levantado abaixou e agora levanta novamente (a professora ainda não deu a palavra para ela e também não percebeu que ela levantou o dedo). A professora chama a atenção do Luiz e diz para mim que ele está fazendo gracinhas porque normalmente ele não é assim. Eric chama a atenção do Luiz.

- “Oh, pára, você fica me cutucando!” (Eric).

A menina Ingrid que senta do lado do Túlio briga com ele. (me deixa Túlio!) Ele deita a cabeça na carteira com a cabeça voltada para o lado oposto dela e fica quieto em silêncio. Ele não está fazendo a atividade proposta. A atividade é em dupla. Agora ela chama pelo colega.

- "Túlio vamos?" (Pedindo para ele a ajudá-la.).

A maioria dos alunos estão alfabetizados com exceção de uns 2 ou 3.

Túlio está chorando.

Uma colega veio até a professora contar para ela.

A professora vai até a mesa dele conversa com ele, pede para ele ir até o banheiro lavar o rosto. O menino vai. Ele retorna ajoelha no chão para pegar o seu estojo. Ao pegar o colega ri para ele. Ele corresponde o sorriso.

Quando ela se distrai ele derruba a bolsinha dela também no chão.

Ela ri e diz.

- "É Túlio!" (Risos)

Um grupo de meninas conversam.

- "Nossa que cheiro é esse?" (Jéssica)

- "Você tomou banho hoje". (Ingrid)

- "Eu tomei, é verdade!" (Regina)

- "Pode falar, a gente não vai contar pra ninguém." (Ingrid)

- "Ela tem cheiro de ovo frito." (Ingrid)

"Ovo podre". (Risos entre as meninas)

Essa menina (Regina) que elas disseram estar com o cheiro ruim estava no reforço. Chegou agora na sala.

Luiz está sentado no chão.

Túlio saiu do seu lugar e foi até a mesa de Luiz. Depois retorna. A professora continua a atividade conversa com os alunos. Eles estão muito participativos. A outra sala do 1º ano que é a próxima à sala, está com um barulho muito grande. A professora grita muito e a sala é barulhenta é possível de ouvir daqui. Ingrid fala com a Regina:- "Deixa eu te ajudar, eu sou sua amiga."

Jéssica fala para Ingrid, Regina e Miriam.

- "Quem quiser dar um presente no meu aniversário me fala que eu dou o convite da minha festa."

Túlio vem até a minha mesa e fala que o Luiz está com uma moeda na boca. O barulho lá de fora está muito alto. Atividade na quadra.

Túlio vem até a minha mesa e me abraça. Perguntei porque ele estava chorando. Ele disse que estava com dor de barriga. Túlio é negro também.

O barulho da sala aumenta. A professora diz:

- "Quem está me ouvindo balança a mão assim, quem está me ouvindo põe a mão na orelha." Eles seguem os comandos e ficam em silencio. A professora segue as orientações da atividade. Agora Regina e Jéssica estão brincando de pedra/papel/tesoura. A Ingrid vira para traz e reclama:

- "Nossa , vocês estão me atrapalhando!"

Todos saíram, menos o Luiz. A professora explicou que ele só iria para o recreio depois de terminar, de copiar a atividade do quadro.

Estou na sala e algumas meninas voltaram antes e me perguntaram.

- "Você ficou aqui na sala o recreio todo, tia?"

- "Jéssica: - É bom que na sala vazia tem paz, né tia. Não tem barulho."

A professora retorna e os alunos juntos.

Eric volta suado e a professora pergunta: - "Você correu o recreio todo e sabendo que o nariz estava sangrando?"

O Eric ficou em silêncio olhando para a professora.

A professora pediu para deitarem a cabeça na mesa para descansarem.

Jéssica: - “Ô tia, pode dormir? Pode?”

- “Só fechar os olhos, dormir não.” (Professora).

Depois de calmos, dá continuidade na aula. Ela explica a atividade no quadro e os alunos prestam a atenção na professora. A professora tira o Luiz do fundo da sala e o coloca na frente, quase grudado com o quadro, sozinho. Ele está copiando a atividade do quadro. A professora que conduz a sala do lado não é a regente da sala, ela é eventual. A professora regente da sala falta com frequência. Os alunos seguem colocando no caderno as duas atividades (xeróx).

A professora chama a atenção do par do Túlio (Solange) porque ela colocou muita cola no papel e lambuzou o caderno. A professora chama a atenção dela e rasga a folha do caderno de Solange.

A professora segue orientando os alunos nas mesas, auxiliando- os a colarem e fazerem margem.

Jéssica:- “Tia, é verdade que quem não empresta as coisas não ganha amigo?”

Fred é um menino calado, quieto e não costuma participar da aula. Faz reforço.

Agora a professora muda de disciplina, agora é matemática. Os alunos copiam em silêncio do quadro. Luiz não está copiando. Brinca com o lápis na mão. Túlio toma a borracha da mão da Solange. Ela não queria entregar. Uma menina brinca com uma massa que está no pote. Ingrid provoca a Jéssica. Ela reclama: - “Pára Ingrid, você está me atrapalhando!”

- ‘Belém, Belém, nunca mais tô de bem.’ diz Ingrid com as mãos nas bochechas.

A professora está na mesa da aluna que havia levantado o dedo antes do recreio. Os alunos estão fazendo a atividade do livro. Lia está com o dedo levantado. Uma menina com o pé na mesa mostra a sapatilha boneca rosa nova para a colega. Solange e Túlio brincam de quem consegue colocar a mão toda dentro da boca. Fred não sabe o que é para fazer. Levantou o dedo.

13/09/2018 - quinta feira

Os alunos fazem a atividade do livro de Língua Portuguesa, dando continuidade à sequência didática: **MEU GALINHO**

A professora conduz a atividade fazendo perguntas para os alunos. Os alunos são bem participantes. Ela mantém um ambiente em que os alunos fazem muitas perguntas. **GALINHO**

- “Quantas sílabas possuem essa palavra?” (Professora).

— ” Tia eu tô quase aprendendo a ler”. A minha mãe está tomando comigo lá em casa. Ontem eu errei só quatro.” (Ana Cláudia)

A professora pede para o Túlio tirar a blusa porque está muito quente, que ele vai passar mal (ele está com duas blusas de frio grossas).

Luiz e Celeste estão deitados com a cabeça na mesa, sonolentos.

Adele solta o cabelo e tenta arrumá-lo. Ela passa a mão no cabelo e amarra a buchinha no cabelo. Ingrid usa a blusa como travesseiro encostando a cabeça na parede. Os alunos seguem fazendo as atividades do livro. Eric está fazendo as atividades do livro. Luiz também. Ingrid levanta o dedo pedindo a palavra para a professora. Ana Cláudia brinca com um pote com água e massinha. Agora Luiz bate dois lápis na Mesa com uma bateria. A colega Heloísa sentada do lado dela o imita. A professora chama a atenção.

Ingrid chama a atenção de Regina: - “Você não sabe brincar, Regina ?!! Pára de xingar os outros !!!”

Adele se levanta e vai na parede olhar o cartaz com as sílabas complexas e observa o cartaz tentando ler cada sílaba.

A professora conversa com os alunos dizendo que a sequência didática do galinho foi concluída e que iniciarão outra, a da **CANOA**. A professora passa de mesa em mesa corrigindo os livros. Alguns conversam entre si baixinho. Celeste levanta o dedo pedindo a palavra. Regina chama a professora. A colega diz que não é para pedir é para levantar a mão. A professora começa a sequência didática da CANOA. A professora escreve no quadro

A CANOA VIROU

- “Quantas palavras tem o título?” (Professora)

A professora começa a cantar a parlenda com os alunos.

A professora do reforço chega. Duas das alunas que fazem o reforço reclama que não queria ir, queria ficar em casa. Os alunos saem.

Novamente a professora começa com a cantiga. No final a Adele diz que não quer casar. Luiz e, Ingrid dizem que querem casar. Eric diz: - “Não quero casar nem morto.” Momento de descontração e risos. A professora do reforço chama a Professora B na porta para conversar. Os alunos começam a conversar alto e fazem bagunça. Jéssica dobra a blusa de frio e coloca nos braços, imitando como um bebê. Túlio deita a cabeça na mesa. Está sonolento. Celeste que estava com a cabeça deitada na mesa, levanta e vai até a professora queixando estar passando mal. A professora pergunta se a mãe dela mandou algum bilhete. Ela responde que não. A professora examina se Celeste está com febre e pede para ela voltar para o seu lugar, e esperar mais um pouquinho. Miriam levanta o dedo pedindo a palavra. Ana Cláudia está com o livro aberto, na carteira com o pote no colo, colocando o dedo no pote (mexendo o liquido e a massinha). Miriam continua com o dedo levantado agora a professora pergunta o que ela precisa.

Luiz reclama: - “Pára de olhar o meu! Eu vou contar para a tia!”

Luiz começa a cantar a parlenda colocando o nome da Catarina. Ela fica envergonhada e esconde o rosto atrás do livro.

Cléa se levanta e vai na mesa do Túlio conversar com ele.

Ele está cabisbaixo e não dá assunto a ela. Apenas observa os colegas e a movimentação da sala.

A professora chama a Patrícia e Miriam na frente para cantar. Todos escolheram a mesma pessoa para completar a canção. As meninas começaram a cantar e falam o nome da Catarina. Catarina sorri envergonhada e tampa o rosto. Agora o Luiz e o Eric cantam na frente. Eles colocam o nome do Túlio. Eles cantam e riem.

Túlio continua com a cabeça deitada na mesa e não diz nada.

Agora mais três meninas cantam para Miriam. Todos riem. Agora Jéssica e Ana Cláudia cantam para Heloísa. A Heloísa canta a parlenda sorrindo. Ingrid começa a cantar a música novamente colocando o nome da Regina e sorri. Ana Cláudia continua com a massinha.

Ingrid:- “Oi, a minha barriga já está doendo porque está com fome.” Dando continuidade na sequência, a professora lê individualmente e em grupo a atividade proposta do livro. A professora chama Patrícia, Cléa e Juliana. Pede para fazerem uma roda e cantarem, e todos cantam. Cléa conta uma situação que vivenciou durante algumas brincadeiras na creche. A professora faz

perguntas aos alunos sobre as brincadeiras e acidentes da creche. Muitos estão com os dedos levantados querendo contar as situações das brincadeiras. Luiz coloca o lápis dentro do tênis, levanta os pés e depois tira.

Túlio levanta a cabeça da carteira e brinca, cai o livro da mesa. A professora orienta a todos para fazerem a atividade. Os alunos começam. A professora senta ao lado da mesa de Túlio diz para ele levantar a cabeça, não ficar emburrado e começar a fazer a atividade.

Túlio fica calado e não corresponde. A professora diz: “- Se não responder a atividade vai ficar sem recreio!” O menino não responde. Fica em silêncio. Ela explica para o aluno que não o ajudou antes porque estava ajudando um outro colega. Mas o menino desvia o olhar e não responde. A sala está em silêncio e todos respondem a atividade, exceto Túlio. Os alunos do reforço retornam. Fred, pergunta para mim se já foi o recreio.

A professora vem me explicar que ele sempre foi assim, que já chamou a mãe e que em casa ele é da mesma forma. Ele emburra e chora. Quer a atenção toda para ele. A professora disse que a mãe estava levando ele no psicólogo. Mesmo sob ameaças de perder o recreio, Túlio não se mexeu.

A professora eventual ficou na sala porque a professora regente precisou sair. A sala virou uma bagunça. Todos estão fora do lugar. Algumas alunas estão escrevendo no quadro. A professora grita com os alunos e com as meninas que estão no quadro, mandam elas sentar.

Regina está com o dedo levantado, mas a professora não percebe.

Os alunos conversam em voz alta. Adele está se escondendo atrás da porta. A professora tira ela de trás. A professora fala para mim que esta é a turma mais falante dos 1º anos. A professora eventual escreve no quadro alguns números e diz que vai anotar o nome de quem conversar. Agora a professora vai liberando uma um para ir para o recreio.

A professora eventual diz: - “Túlio, enquanto você não fizer não irá para o recreio! Não precisa fazer essa cara de piedade para mim, Túlio.”

Ele vira para trás e olha para mim em silêncio.

Todos já foram para o recreio. Ele continua em silêncio e sem responder.

Ela pergunta se ele não trouxe lanche. Ele permanece em silêncio.

A professora sai da sala. Ele continua em silêncio agora com a cabeça deitada na mesa.

Ingrid entra na sala para guardar uns pirulitos e oferece para o Túlio.

- “Quer um Túlio?” ela deixa um na mesa dele.

A professora B retorna e o libera para ir para o recreio e em seguida sai da sala. Ele permanece quieto chorando na mesa e não responde e não vai para o recreio. Apenas o menino e eu está na sala. Eu o chamo. Ele tapa os ouvidos. Saio da cadeira onde estou e vou até a mesa dele e tento conversar. Ele não responde. Peço um abraço e vou conversando com ele. Brinco com ele. Ele ri. Aos poucos ele vai interagindo comigo sem falar. Dou as mãos a ele e o chamo para o recreio. Ele me acompanha.

Retorno para a sala antes do recreio terminar. Assim que eu sento na cadeira ele aparece na porta (será que estava me “vigiando”?)

Perguntei se ele estava bem. Ele acenou com a cabeça que sim. E depois retornou para o recreio.

Ele voltou, a professora sentou-se com ele e ele fez a atividade do livro com ela.

Adele começa a chorar compulsivamente. A professora pede para eu a levar para fora e conversar com ela. Lá fora, abracei a Adele e disse que ia ficar tudo bem. Perguntei se ela gostaria de conversar comigo. Ela disse que sim. Chorando disse que queria a Mãe, que queria ir embora, que não queria ficar no tempo integral, que queria ficar na sala da irmã (de 8 anos) mas eles não deixam.

Perguntei se ela tinha lanchado. Ela disse que não. A professora trouxe uma bolachinha pra ela. Perguntei porque não comeu o lanche da escola, ela disse que tinha um creme marrom (creme de chocolate) e ela disse que não gostava. Aos poucos ela foi se acalmando. Ela tomou um pouco de água e acabou de comer as bolachas.

A professora continuou as atividades do livro.

Luiz cai da cadeira. Sorrindo ele vai lá na professora avisar que caiu do banco.

- "Você acha que eu não percebi." (Professora)

A professora explica no cartaz dos calendário sobre o dia da semana, mês e depois escreve o cabeçalho no quadro.

Eric pergunta: - "E depois que os meses acabar? O que acontece tia?"

A professora explica. Túlio escreve no caderno a atividade. Adele também. Celeste levanta o dedo pedindo a palavra. A professora anota no quadro os nomes da Regina e Ingrid dizendo que amanhã é dia do brinquedo e elas não vão brincar. Giovana faz aniversário no dia 14/09, a professora pede que ela mostre no calendário. A menina mostra indo até o calendário. Os alunos vão participar e respondendo às perguntas da professora. A sala esta calma e os alunos copiam a atividade do quadro.

14/09/2018 - sexta feira

A professora está sentada na cadeira e os alunos sentados aguardando os demais chegarem. Enquanto aguardam a professora canta os parabéns para a Jéssica. Ingrid trouxe um presente para a coleguinha. Todos ficam ao redor da menina esperando ela abrir o presente (uma garrafinha). A aniversariante conta que a avó deu um patins de presente para ela. A professora lembra que hoje dia do brinquedo e passa nas mesas recolhendo para que eles brinquem mais tarde. Alguns colegas arrancam uma folha do caderno para escrever um cartão para a aniversariante. A professora entrega uma folha rosa para os alunos fazerem um desenho para a Jéssica. Túlio fala que rosa é de menina. A professora explica que ela é menina, mas que rosa é uma cor e não tem isso de ser de menina ou de menino. Uma funcionária da escola abre a porta e entrega uma xícara de café para a professora, diariamente isso acontece.

Ela entrega uma folha para, os alunos desenharem.

Jéssica (a aniversariante) fica de pé e pergunta para a professora.

- "Tia, hoje eu estou maior?"

A professora sorri e diz, hoje você está mais velha, querida.

Alguns alunos perguntam como escreve o nome dela; a professora pede para a aniversariante escrever o nome dela no quadro. Adele trouxe um refrigerante para comemorar o aniversário da amiguinha.

Ana Cláudia na mesa da Jéssica diz: - "Nossa, você desenha bem!"

Túlio se levanta e vem na minha direção. A professora pede para ele se assentar. Os alunos desenhavam calmamente em silêncio. Hoje a temperatura

está mais agradável, choveu ontem. Fred mostrou o seu desenho para Jorge. – “Olha, está ficando muito bonito!”

A professora queixa para mim que está com a cabeça doendo muito. A pressão dela está desregulada.

Túlio diz novamente, ROSA é de menina. Homem pode ficar de perna aberta, mulher não pode.

A professora diz: - “Hoje você está polêmico hein, Túlio sorri.”

Luiz levanta-se várias vezes da mesa, está empolgado! Jéssica escreve TE AMO em tamanho maior (grande) e recorta cada letra separadamente.

Luiz bate a régua na cabeça do Eric, ele reclama: - “Para Luiz!”

A Ana Cláudia conta para a professora: - “Ele está em pé, tia!”

Os alunos comentam os desenhos uns dos outros, baixinhos. Ingrid chega na mesa da Jéssica e pergunta: - “Jéssica que cor é seu cabelo?”

Jéssica: - “Tem umas partes loiras, encaracoladas, cor clara nas pontas.”

Ingrid: - “Tem dourado?”

Giovana: - “Tem!”

Ingrid:- “Ta bom.”

Heloísa está com uma escova de cabelo nas mãos, se penteando.

Luiz pega a escova da mão dela e passa no seu cabelo e sorri. Luiz ri alto... está agitado. Túlio está calmo na mesa fazendo a atividade. Eric também.

Jéssica termina de recortar as letras e começa a colar no cartão que fez para si. A professora apagou o quadro e começa a escrever o cabeçalho.

A professora do reforço vem buscar os alunos, Fred, Loren e Regina.

Loren toma a garrafa da Ingrid e se recusa a entregar.

- “Me dá!”

- “Não, eu comprei para dar para Jéssica.”

- “Me dá, anda!”

- “Não, eu comprei!”

- “Eu vou contar pra tia.”

Celeste sai do seu lugar e dá um abraço na aniversariante. Depois retorna novamente. Túlio sai do lugar e vem mostrar o seu desenho. Luiz está com o frasco de cola na boca fazendo barulho.

Jéssica: -” Tia, porque sábado e domingo não tem feira?”

- “Não sei te dizer.” (Professora). Você sabe Tia Érika?”

Eu pesquisei no celular e contei a professora e os alunos. Eles gostaram.

Ingrid comenta do Luiz. A professora diz que Luiz não é bebê para ficarem vigiando. Depois fica na porta (do lado de fora) conversando com uma funcionária.

Adele diz rindo: -” Quem acha que Luiz é um bebê levanta a mão!”

Muitos colegas levantaram o dedo. Luiz fica irritado e responde:

- “Eu não sou bebê não!”

Uma colega vai no banheiro com a bolsinha ao retornar. Uma colega pergunta:

- “Porque você está com a bolsinha na mão?”

- “Eu levei para o banheiro comigo para ninguém mexer.”

Celeste vem na minha mesa e reclama porque a Ana Cláudia não quer ser sua amiga.

“Senta direito, por favor!” (Luiz)

Cléa esta ajoelhada na cadeira e está atrapalhando o Luiz a ver o quadro para copiar. Cléa balança a cabeça e mostra a língua para ele. Ele reclama: -” Abaixa, deixa eu copiar!”

Túlio está fora do lugar conversando com a Ingrid. Túlio é um menino meigo, magro, negro, olhos pretos grandes, expressa muitos sorrisos com janelinhas. Os alunos retornam do reforço. A professora elogia o Fred dizendo que ele despertou avançou muito nos últimos dias.

A professora segue com a revisão da atividade do livro explicando a sequência numérica no cartaz com os 0 a 100.

Luiz bate continuamente o lápis no livro. A aluna explica que cada número tem uma família, que tem a família do 20, do 30, do 40....

A professora intervém e explica que família é modo de dizer que significa que há 2 dezenas na sequência, depois 3 dezenas na próxima sequência e assim sucessivamente. Os meninos estão bem agitados agora.

A professora interrompe a explicação, pede para todos deitarem a cabeça na mesa e fecharem os olhos e pensarem em coisas boas.

Ela pede para pensar em coisas boas. Que ontem ganhamos um presente, que choveu....

A professora veio me contar que nos últimos dias a pressão dela está oscilando muito. Hoje ela está com dor de cabeça. Contou que na outra escola estão sobrecarregando e pressionando que duas colegas de trabalho já adoeceram e está muito difícil.

Horário do recreio, a professora libera os alunos.

Retorno

O recreio acabou. Os alunos retornam muito agitados, a professora propões um exercício de relaxamento. A professora pede para eu vigiar a sala porque ela precisa tomar o remédio. A professora disse que quem não se comportar não vai brincar depois com os brinquedos.

A professora segue com a atividade do livro, página 147. Adele pegou um lápis que caiu no chão, ela abaixa e vai engatinhando até chegar no lápis e depois retorna do mesmo jeito.

Celeste está com o dedo levantado (a professora não viu e depois de um tempo ela baixou o dedo).

A professora explica a atividade no quadro e continua a correção e a explicação fazendo perguntas para os alunos.

Fred não está prestando atenção, a professora chama a atenção. Catarina está dormindo na mesa.

A professora coloca uma cadeira junto ao quadro e chama os alunos para fazerem a correção no quadro (para alcançarem no alto). Uma aluna está no quadro mas não sabe responder qual o número que vem na sequência. Adele ri porque a colega não sabe responder. A professora chama a atenção dela e diz ser uma atitude de desrespeito para com o colega.

Cada acerto no quadro os alunos, vibram e comemoram baixinho sem barulho.

A professora pede que leiam cada número.

Eric faz golpes de Karatê em um caderno que está no colo.

Ingrid brinca com a garrafa nova.

Os alunos continuam respondendo no quadro

A professora explica para ele.

-” Tia eu posso ajudar a Patrícia, ela ainda não fez o cabeçalho’. (Cléa)

-” Fred daqui a pouco e hora do brinquedo.

Heloísa está com 4 lápis na boca.

Luiz está de pé comendo a blusa. Senta-se novamente.

Fazer os números do 30 ao 39

Enquanto respondem, a professora entrega uns bilhetes. Amanhã terá reposição.

A professora sai rapidamente, os alunos;

-” Você precisa de ajuda? Você não dá conta de escrever, né...” Fala Juliana para Loren

Luiz sai da sala e retorna.

A professora retorna e organiza a sala para brincarem e pedem para guardarem os materiais. Os meninos ficam eufóricos.

Ela afasta a mesa e eles brincam sentados no chão.

-” Brincadeira é sentado, gente.” (Professora)

Os alunos pegam os seus brinquedos nas mesinhas no canto da sala e sentam-se.

Bonecas, quebra-cabeça, massinha, bonequinhos de personagens, carinhos de flexão.

As meninas brincam de casinha.

-“Mamãe, posso brincar com ela?”

- “Eu quero mimi.”

Todas as crianças interagem entre si e compartilham os brinquedos exceto o Luiz, que não está brincando com ninguém.

-“Não Maria, não e para brincar de namoradinho.”

-“Mamãe, eu estou com fome.”

-“Eu quero bolo!”

-“Obrigado mãezinha.”

Horário de saída.

Os pais e vans começaram a chegar.

ESCOLA 3

TURMA – 1º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL I

18 ALUNOS

HORÁRIO SEMANAL DAS DISCIPLINAS – possui

PROFESSORA C – Licenciatura em Pedagogia, 11 anos de profissão.

ESPAÇO FÍSICO DA SALA DE AULA - A sala é espaçosa e ventilada. Na parede há cartazes com números, alfabetos, famílias silábicas e no fundo da sala há baldes grandes com tampinhas de garrafa e brinquedos.

24/09/18- segunda-feira

Hoje há doze alunos na sala. Os alunos estão copiando do quadro o cabeçalho, o alfabeto maiúsculo e minúsculo e um texto, “O coelho Leleco”, com três questões interpretativas, do texto. Alguns alunos, consultam uma ficha azul, onde se consulta o cabeçalho completo.

A Viviane está com a cabeça deitada na carteira, está sonolenta cochilando. Alguns brinquedos no armário no fundo da sala “bonecas, ursinhos”. A aluna Karen consulta

sem pressa a ficha. Gaspar pede para tomar água. O aluno Hugo brinca com os dedos, tentando estalá-los. A professora pergunta: - “Porque a resposta das tarefas deles estão iguais?” Eles disseram que a tia da tarde falou para eles.

- “Alunos estão no período integral?”

-“15 alunos, apenas”.

A professora explica que cada um deve fazer a sua tarefa, que elas precisam ser diferentes e que não quer frases iguais. Dênis deixa o caderno cair no chão e uma folha rasga. Ele vai até a mochila e guarda o caderno. A carteira é levemente inclinada.

A professora pergunta para a Miranda: “-Quem fez a tarefa pra você?.”

Miranda responde: “-Foi a minha mãe”.

A professora disse: -“Então eu terei que mandar duas tarefas, uma para você e outra par a sua mãe”.

Miranda: -“Mas tia, é que eu não dou conta...”

Professora: - “Eu não quero saber disso mais não tá”.

Em seguida, ela começa a tomar leitura da Miranda. Carmen brinca com o caderno tentando “quebrá-lo” na cabeça. O caderno cai várias vezes e ela segura, retornando a sua cabeça. Jorge continua no fundo da sala organizando o material, retira alguns papéis amassados no fundo da mochila e joga no lixo. Depois retorna para a sua mesa.

Miranda está com dificuldades com a leitura.

- “Esse é o “NH”, gente, qual é a família do “NH”? Pergunta a professora.

Alunos: - “NHA, NHE, NHE, NHI, NHO, NHU, NHÃO”.

A professora diz que ela precisa estudar mais em casa e não quer saber da sua mãe fazendo a tarefa para ela.

- “Cadê a tarefa Lia? Teve sexta, sábado, domingo para fazer! Porque não fez?” Pergunta a professora.

A menina conversa baixinho, respondendo a mesma situação com a mesa junto a professora, ela não consegue ouvir porque a menina responde baixinho.

“- O quê? Você estava na Igreja?” Pergunta a professora.

O Gaspar vem até a minha mesa, perguntar o nome daquela letra “L” LELECO. Eu respondo

- “A letra L”.

- “Oh, L com E?”

Jonh vem até a minha mesa, perguntar:

- “Tia, como que faz essa tarefa aqui?”

A professora sai da sala.

Um aluno diz... “a tia está vindo!”

Gaspar e Jonh correm e se sentam na cadeira. A professora pede para que se sentem na cadeira corretamente e tenham postura. Hoje iniciou um aluno novato. Foi convidado por outra escola a se retirar, segundo a professora “não sabendo nada, não tem nada no caderno. A professora chama a atenção da Lia porque ela não está copiando nada.

- “Anda menina, copia direito. Está tudo errado.” A professora diz e depois sai da sala novamente. Gaspar brinca no chão com outros meninos. Miranda conversa com Karen. Dênis está de pé na mesa da colega. Gaspar brinca se levanta e vai até o lixo, ele se joga no chão várias vezes. A professora traz o material para o aluno

novato (Heitor) e explica que ele precisa fazer as atividades, senão vai ficar atrasado, porque todos os amiguinhos já sabem fazer, sabem escrever cursivo e ler e ela percebeu que caderno dele não tem nada e pediu a mamãe para ajudar. Heitor responde: “-Eu não moro com a minha mãe.”

- “Então com quem você mora?” Pergunta a professora.

- “Com meu pai.” Responde Heitor.

- “Só você e seu pai?” Indaga a professora.

- “Sim.” Conclui Heitor.

O menino fica no tempo integral. Uma pessoa chega na porta e diz que está na hora do lanche. Todos se levantam e formam uma fila e saem com a professora.

São 9h. A professora explica para ele que terá 50 minutos no tempo integral para fazer a tarefa. Não escutei “barulho”, na porta. Fui até a parte externa e todos estão, juntamente com a professora no refeitório sentados.

Alguns estavam comendo o lanche e outros não (polenta com carne moída e feijão).

9:16 eles retomam para a sala. A professora explica que a Lia falta muito e não sabe nada. Que o pai está preso e a mãe dela trabalha a noite em um bar, que são 4 irmãos no total e que durante a noite, deve que os irmãos mais velhos que cuidam dos demais. A sala está em silêncio. No quadro está o mesmo texto do início da aula. Apenas dois alunos estão copiando do quadro, Hugo e Carmen.

Karen está brincando com a garrafa de água.

Hugo chama Heitor, o material dele havia caído no chão.

- Heitor o seu lápis está no chão.

- “Karen, parabéns, você acertou quase todos as continhas na prova. Você melhorou bastante”. A professora tem o tom de voz moderador, fala de forma clara e calma, ela não grita ou alterou a voz até o momento. Em seguida a professora chama a atenção do Dênis que estava colorindo ao invés de copiar do quadro.

- “Ai, ai, que saco!” diz Tony.

Dênis continua colorindo um desenho que deixou no caderno e ignora a professora.

Gaspar vai até o quadro e pergunta para a professora como que faz o parêntese (c).

- “É só fazer assim, óh, um risquinho”. (A professora escreve no ar o parêntese, mostrando para ele”.

O sinal do recreio toca e a professora diz:

- “Já sabem, toma água, ir ao banheiro, comer o lanche e ficarem sentadinhos na porta da sala. Os alunos ficam na porta da sala por 10 minutos. Eles brincam no espaço do corredor, mas a maioria permanece sentados. Heitor corre na sala com o Gaspar. Ele cai, mas se levanta e não chora. Continua correndo assim mesmo.

9:48 estão todos na sala.

Hugo: -“Faz a tarefa Carmen, você está atrasada!

Karen balança a ficha como um leque. A professora escreve no quadro.

MATEMÁTICA - Livro página 76 e 77.

- “O tia, o que é para fazer, oh?”

O Hugo perguntou em relação a atividade da Língua Portuguesa. Texto do quadro:

O coelho Leleco. Leleco é um coelho amigo. Ele leva couve para Joca todo dia. Cedo, Leleco sai da toca e vai visitar Joca. Joca recebe Leleco todo feliz. Joca é amigo de Leleco. Joca dá cenoura à Leleco.

Atividades:

1- Circule no texto as palavras, *Joca, Leleco, Cenouras, Couve*.

2- Quem são os personagens do texto?

3- O que Leleco leva para Joca?

A professora corrige a atividade no quadro respondendo. A professora sai da sala novamente. Heitor está no chão brincando com a mochila. Gaspar vai no quadro e aponta onde está escrevendo. Dênis está deitado na cadeira, não está fazendo a atividade proposta.

“-Dênis, você já terminou? Eu só vou deixar você sair para a Educação Física quando tiver terminado. Está bom?” Disse a Professora.

Karen e Miranda brincam no chão ao lado de suas mesas. Dênis agora brinca com os adesivos do caderno. Carmen conversa com Hugo. Eles ainda não terminaram a atividade do quadro. A professora corrige as avaliações na sua mesa.

O material da Viviane caiu novamente no chão. Ela se abaixa para pegar o material. A professora pede para Hugo pegar o livro. Ele vai até a mochila dançando e pega o livro. Heitor, está sentado, com os braços cruzados na mesa. Ele está copiando a atividade. Miranda e Karen brincam com o lápis. Hugo está na mesa da professora e ela explicando a tarefa. Gaspar vai no quadro novamente e pergunta: “- O que é para fazer aqui, tia?” (A resposta já está escrita no quadro com cor laranja).

Heitor caiu da cadeira. Agora está no chão. Miranda usa a blusa como travesseiro e apoia a nuca com ela, sentando-se de forma mais relaxada na cadeira.

Heitor senta-se novamente deitado na alça da mesa e fica olhando longe... ele está cochilando. A sala está em silêncio. Apenas Jonh está tentando fazer a atividade do livro de matemática. Todos os outros ainda estão com o caderno de português na mesa. São 10h18 - Carmen e Jonh estão conversando. Heitor se levanta da cadeira e pega seu caderno na mochila e deita a cabeça novamente na mesa. O seu olhar está distante, olhando para a porta. Miranda e Karen conversam baixinho.

“-Quem ainda não terminou?” (Professora)

Seis alunos levantaram a mão.

“-Pois é, vou dar, só cinco minutinhos.” (Professora)

A professora continua corrigindo as provas sentada na mesa.

Todos os alunos estão conversando baixinho, exceto Lia, que tenta copiar da ficha. Ela boceja várias vezes. A mesa da Lia está encostada na mesa da professora.

Carmen: - “Mas existe espíritos, existe sim, tipo fantasma. Existe. Quando morre e vira fantasma. (Carmen conversando com o Célio).

Heitor brinca com a bolsinha e o lápis.

- Miranda: “-eu me perdi de novo! (Se referindo ao texto). Agora Jonh e Tony estão no livro. A professora continua corrigindo as provas.

A professora de Educação Física entra na sala e diz que quer fazer a chamada.

- “Ouça,, ela está esperando o silêncio.” (Professora)

- “Vou ficar bem plantada, aqui esperando o silêncio. (Diz a professora de Educação Física)”

A professora pergunta o nome do aluno novato.

Heitor diz: “-Não quero conversar. (E coloca a mão no ouvido)

Ela diz que quer falar com ele ... e explica as regras de convivência. Ele escuta com os braços cruzados em cima da mesa.

Os alunos de toda a escola rezam, com professores e professoras, no pátio, o Pai Nosso e Ave-Maria.

O sinal bate e todos entram. A professora chama o Lino, que apareceu depois de quatro meses, estava no Piauí. A professora perguntou se estava estudando lá. Ele disse que não. Ela chama a atenção dele porque deveria estar estudando e disse que os colegas já estão lendo e escrevendo a letra cursiva. Os alunos chegam à sala e vão retirando os cadernos de tarefa e colocando na mesa da professora.

Os alunos abrem o caderno de sala e pegam a ficha e copiam no caderno o cabeçalho. A professora antes de escrever o cabeçalho no quadro, questiona sobre o dia semana, mês.

Robson e Heitor vão para o reforço com a professora. Os alunos que estão em defasagem fazem reforço.

A professora pergunta quem virá no sábado para o lançamento do livro de poesia.

Alguns dizem que não virão.

A professora passa para os alunos uma pipa para colorir que será usada para enfeitar a escola no dia do lançamento do livro.

Gaspar pergunta se pode colorir em dupla. A professora responde que sim.

Os alunos vibram, comemorando.

A Lia faltou hoje. A professora sai da sala. Alguns alunos estão copiando, Carmen e Célio estão conversando. Jorge também conversa com o Brian

A professora pergunta porque Brian faltou ontem. Ele responde:

- “Eu não consegui levantar tia. Eu dormi, tarde, desculpa aí, o meu olho estava todo inchado, aí eu não acordei. A professora explica quem conseguiu terminar o Cabeçalho é para pegar o desenho na mesa dela para colorir, Gaspar termina primeiro. Os alunos copiam em silêncio. A sala está calma. Jorge pega na mochila sua garrafinha de água. Miranda vem me perguntar se “I” (maiúsculo) sai da linha, (na hora de escrever)

A professora vai corrigindo as tarefas e entregando os cadernos aos alunos. Gaspar pergunta se pode fazer dupla para fazer a atividade de colorir, a professora diz que não. Cada um em seu lugar. Os alunos continuam copiando da ficha o cabeçalho em silêncio. Gaspar segura vários lápis de colorir nas mãos. Jorge espreguiça na cadeira. Gaspar está apontando o lápis na lixeira. Lia chega. 7: 45. A professora diz: -“Lia, isso são horas de chegar?” A menina apenas balança a cabeça dizendo que não. O semblante sério. Ela está bem arrumada, cabelo molhado, presos em cachinhos penteados. Lia procura o caderno na mochila. Ela parece em dúvida de qual caderno usar. Abre e fecha o caderno várias vezes e passa as folhas do caderno. Ela boceja e fica em silêncio sentada. Ensaia várias vezes para pegar mais algumas coisas na mochila mas não diz nada. Na mesa há somente o caderno. Lia está parada, na cadeira sem dizer nada. A Miranda sai do seu lugar e vai na mesa da professora e diz: -“Ô tia, empresta um lápis para Lia?”

-“Cadê o seu lápis, Lia? Pergunta a Professora.

A aluna não diz nada. Miranda vem até a minha mesa e pergunta se tenho um lápis para emprestar para a Lia. Eu não tenho. Digo pra ela pedir para a professora.

Miranda consegue um lápis e vai na mesa de Célio pedir um apontador. Ele não tem. Ela vai até a professora e pede um apontador emprestado. Ela diz.

- “Deixa a Lia quieta e vai fazer a sua atividade.

Miranda senta. A professora pega o lápis, aponta e entrega para a Lia. Miranda se levanta e vai até da Lia.

- “Não é assim Lia, deixa eu explicar para você...Lia não diz uma palavra, está em silêncio. Continua em silêncio.

Lia sai da sala. E volta logo em seguida, foi ao banheiro.

Descubro que Jonh é meu primo de segundo grau. Não somos próximos, a mãe dele e eu.

A professora chega e explica que vai entregar uma ficha nova para colar no caderno de leitura, sílabas complexas. Muitos alunos ainda não iniciaram o desenho da pipa. Miranda brinca com o estojo colocando na cabeça. Os alunos colam a ficha no caderno de leitura e retomam a ficha com o cabeçalho. Três alunos estão na mesa de Lia, Gaspar, Jonh e a Lívia. A professora entrega na mesa as pipas para colorir - “Eu já estou no” x “, estou quase acabando a ficha (Jorge).

Miranda e Joice estão conversando, a professora chama a atenção delas, pede para a Miranda pegar a ficha nova e estudar e a Joice terminar de colorir a pipa e o Jonh também (estuda a ficha nova). Todos ficam em silêncio. Miranda abre o caderno na ficha nova mas não lê. Brinca com um “spiner” laranja que está nas mãos.

A professora não lê a ficha antes com eles.

A professora sai da sala.

Brian diz: -“Eu já terminei tudo, a tia não mandou eu colocar a cabeça na carteira.”

Gaspar e Jonh batem e brincam, a professora retorna.

“Gaspar na hora da educação física, você vai ficar, que eu quero bater um papo.

Karen termina a ficha e começa a colorir.

Miranda fecha o caderno e continua brincando com o “spiner”

Joice está na mesa do Gaspar pedimos o lápis emprestado.

Miranda vem até a minha mesa e entrega um adesivo que era, do copinho dela que quebrou. Lia está com a cabeça deitada na mesa escrevendo.

Jorge reclama que Brian chamou ele de chorão.

- “Mas ele começou primeiro tia!” (Brian)

A professora sai da sala novamente.

8:30 -8:32 - Ela retorna. Brian e Jorge continuam discutindo. A Miranda está na mesa deles, ouvindo e tentando uma conciliação

- “Brian fala a verdade...” (Miranda)

A professora passa de fila em fila olhando a mesa de cada um e explica como copiar a ficha nova no caderno.

Braço bra – bre....

Lia vai na mesa da Miranda e pede uma borracha emprestada.

A professora de Educação Física chega na sala.

Os alunos Heitor e Robson, continuam no reforço.

A professora de Educação Física e a regente conversam. Os alunos continuam a atividades no caderno depois a professora de Educação Física pede para ficarem em silêncio. Roberto ainda não coloriu a pipa, não tem estojo na mesa dele. Ele está com os braços em cima da mesa mas não copia. A professora começa a chamada, Educação Física. Ela explica que vai levá-los pra fora e explica que quer silêncio porque tem aulas nas outras salas.

“Jogo do silêncio”, vamos ver, quem vai sair e ganhar. Eles sorriem. Lia dá um tchauzinho para mim.

9: 28

A professora de Educação Física diz que merecem um prêmio por terem se comportado tão bem e diz:

- “Agora peguem o lanche e sentem-se na porta.”

Jorge antes de sair pega um brinquedo na mochila e vai para fora.

9:47 os alunos retomam do recreio

A professora pede silêncio. Ela escreve no quadro, contas de adição e subtração com unidades e dezenas

Heitor diz: “-Tia posso ir tomar água?”

-“Não, quem chegou agora do recreio não tem que pedir para tomar água. (Professora).

Heitor se senta novamente. Lia não coloriu a pipa. Está copiando a ficha novamente no caderno. Carmen senta no chão para pegar o caderno de matemática. O secretário da escola chega na porta e faz a chamada dos alunos.

- “Carmen, é no caderno de sala, não é no caderno novo” (Professora)

Jorge saiu do lugar e vai na mesa do Heitor. Carmen vira-se para traz e conversa com Célio. Karen pega o lápis que caiu no chão, deitando-se na cadeira.

A professora chama a Viviane na mesa para tomar a leitura.

- Gaspar, leitura! (Professora)

Gaspar se levanta e vai até a mesa da professora. Karen brinca com o lápis no caderno. Lia, Brian, Jorge, Miranda, Célio, Carmen, Tony ,Joice, Viviane ainda estão na ficha de leitura. Karen ainda não começou.

A sala está em silêncio.

Robson:- “O tia, $4+1$ é??”

Brian diz: Aprende a fazer continha sô!

“-Vem cá, Robson que a tia vai te ajudar.” (Professora).

Anderson levanta e pergunta para a professora: -” E assim que faz a continha?

A professora responde: “-Já esqueceu?”

Ela apaga o caderno e pede para ele fazer novamente.

Jorge deita a cabeça na carteira e faz uma careta – “Ai, a minha cabeça!!!”

Ele se levanta e vai na mesa da Miranda pega uma cola no chão e entrega pra ela.

Miranda sai do lugar e pergunta: -“ $4+2= 8$.” Depois faz a continha com os dedos e descobre que são “6”.

Agora Joice faz a leitura, a professora pede silêncio porque a Joice lê baixo.

* No fundo da sala tem 3 baldes, um com peças de montar de plásticos, outro com tampinhas e o terceiro com brinquedos. Gaspar vai no fundo da sala pega umas tampinhas de garrafa pet para fazer continhas. Depois Jonh e Miranda também pegam as tampinhas para terminarem a tarefa de Matemática. Miranda ajoelha no chão e usa a cadeira da mesa para colocar as tampinhas e colocar no caderno. Ela continua atividade silenciosamente de forma calma. Miranda não terminou a atividade de matemática, mas recolhe algumas tampinhas na blusa e devolve para o balde. Depois retorna para a cadeira e ajoelha-se. A sala continua calada. Os alunos

continuam com a ficha de leitura. Apenas Gaspar, Robson e Miranda estão resolvendo a tarefa de Matemática.

10:30 - Faltam 30 minutos para a aula encerrar.

26/09/2018 - quarta- feira

Lia não foi na escola hoje. Após rezarem entram na sala.

Os alunos pegam o caderno de sala e colocam na mesa. A professora pergunta “qual é o dia de hoje, em qual mês e qual dia da semana?”

Os alunos respondem, -“sábado, domingo, dia 30...” A professora pede para abrirem no calendário colocado no caderno. Não há calendário na parede da sala. A professora marca juntamente com eles. Muitos não estão localizando o calendário no caderno. A professora sai da sala de aula para buscar cadeira para um aluno. Os alunos copiam o cabeçalho no caderno.

Jorge escreve (texto) no caderno de pé, Brian comenta a respeito.

-Jorge diz:- “Para de fofoca, me deixa quieto!”

A professora chega com a cadeira

- Jonh:- ‘O tia, ele (Heitor) não fez a tarefa de casa!”

A professora explica, segurando um caderno na mão como localizar os dias e os meses no calendário.

Joice está perdida. A professora vai na mesa e a ajuda a encontrar a folha.

Gaspar não marcou nenhuma data no calendário. A professora chama a atenção dele e escreve no quadro:

Uberaba, 26

Escola Estadual:

Hoje é:

Nome:

Professora

A-B

a -b

Heitor pede para ir ao banheiro. A professora se abaixa na altura dele e explica que na escola tem regras e que assim que ele chegar na escola tem que ir antes do sinal tocar e depois ir só na hora do recreio. Heitor vai ao banheiro e volta rapidamente.

A professora explica que o nome deve ser completo, que na prova muitos não escreveram o nome completo. Jorge escreveu só FL, e que da próxima vez vai dar metade da nota. Jorge continua com o caderno em pé na mesa, escrevendo.

A professora vai na mesa da Viviane e pega o caderno e explica para ela que se não couber na linha, tem que passar para a linha de baixo.

Hoje a professora demonstra irritação com as “falhas dos alunos”.

Os alunos escrevem o cabeçalho completo usando a ficha como apoio.

Jorge continua escrevendo com o caderno em pé na mesa a professora não intervém. Miranda trouxe uma embalagem com lápis novos.

A professora chama a atenção do Jorge, porque já é a segunda vez que não traz a tarefa pronta de casa. E que quer a assinatura da mãe no caderno.

Agora Jorge abaixa o caderno na mesa. A professora reclama do Heitor porque até agora ele não abriu o caderno. Ele tirou todos os cadernos da mochila e deixou na mesa.

A professora vai até a mesa dele e o ajuda a organizar o material na mesa.

-“Eu não sei qual caderno que é tia” Heitor fala para a professora.

Karen não está copiando. Ela brinca com o tênis e o lápis.

A professora pergunta qual o dia foi ontem.

-“Sexta –feira”

-“Quinta feira

“Olhem no caderno gente!” (Professora)

Jorge segue copiando com o caderno na posição normal, ou seja deitado na mesa

Silêncio na sala. Joice está na mesa do Jonh.

Karen está de pé. Agora ela mexe no estojo com o lápis.

A professora segue corrigindo os cadernos de tarefa e calmamente chama os alunos para pegarem o caderno na mesa. Ela já cola a tarefa do dia seguinte também.

- “Robson, você fez a tarefa no quintal?” Olha a sujeira. Tem que lavar as mãos antes de fazer a tarefa.” Diz a professora.

Miranda hoje está com um tênis com rodinhas. A professora chama a atenção dela explicando que deve ter que tirar as rodinhas senão vai “acabar caindo”.

A Miranda senta-se no chão para tirar o tênis.

A professora entrega uma folha e entrega aos alunos e explica a atividade:

- “Vejam os objetos, o que é cacau?”

Heitor responde: “-Cacau serve para viajar, né, tia?”

Karen está de pé com a ficha na boca. Ela não copia. Miranda vem em minha mesa e pergunta como se escreve a palavra tartaruga.

A professora chama a atenção dela e diz que ela sabe fazer sozinha.

Joice está ajoelhada no chão e se apoia na cadeira, brincando com os apontadores.

A atividade consiste em dar nome as figuras na folha e depois escreve uma frase com as palavras. Carmen cai da cadeira. Jorge vai no fundo da sala e consulta uma ficha com as sílabas na parede. A professora chama a atenção de Miranda em relação aos tênis com rodinhas e ela calça o chinelo que estava na mochila.

Carmen e Miranda conversam em pé ao lado da mesa da Miranda.

Jorge se levanta novamente e consulta as sílabas na parede.

-“Brian, vem aqui na minha mesa, que, você vai fazer aqui comigo. Deixa eu te ensinar.” Diz a professora.

Miranda, está de pé conversando com a Karen.

Gaspar pergunta para a professora como escreve o TA (tem uma figura de tartaruga na atividade).

Jorge vem até a minha mesa mostrar as figuras todas com os nomes corretos.

-“Tia, olha aqui , só cacau que eu não fiz sozinho, mas os outros eu fiz tudo sozinho! MALA- TATU- GATO- NAVE.”

A professora chama a atenção do Brian porque ele fez tudo errado:

- “Você não sabe até hoje o alfabeto, não sabe escrever o nome porque fica cuidando da vida dos colegas !!!” Ela fala com ele em um tom alto.

- “Vai Brian, o TO eu quero o TO. Não é Ga -Tu não é TO, GA- TO “ (Professora)

Gaspar brinca com o estojo jogando ele para cima

- “Gaspar!! Pára de jogar essa bolsinha, cuida da atividade, para com isso!!! Diz a professora em tom áspero.

Miranda está na mesa da Karen. Tony está na mesa do Célio, conversando

Carmen ajuda o Célio a escrever.

Brian continua novamente na mesa da professora

Heitor foi contar sobre o que aconteceu na tarde de ontem. A professora responde à ele:

-“Heitor, eu não quero saber de que está acontecendo à tarde, eu não tenho nada haver com isso.”

Os alunos conversam entre si. Carmen está na mesa da Karen, Miranda também.

Heitor diz: “ – O amigo do meu pai morreu. A polícia matou ele. A polícia é ruim tia. A polícia é pior que os bandidos”.

A professora pergunta: -“Quem te falou isso?”

Heitor responde: -“O meu pai, tia.”

A professora intervém explicando que a polícia não é do mal, não é má. Que serve para manter a ordem e ajudar as pessoas.

Ele a escuta atentamente. E depois diz:

” -Tia eu não acredito que o meu pai passou no boteco e tomou cerveja quando foi me buscar “(Heitor)

O menino mora com o pai e veio com ele da região nordeste.

Karen brinca com a ficha, não está fazendo a atividade.

A professora vai na mesa do Jonh e apaga a frase que ele escreveu e diz para o aluno:

-“Pode apagar Jonh, todos às vezes que você escreve frase com mala, você escreve que ela é amarela.”

Ele cruza os braços na mesa e vira o rosto, nervoso. Ficou emburrado.

Depois de uns minutos volta a escrever novamente.

Brian canta uma música enquanto passa as páginas do caderno.

Miranda sai do lugar e “visita as mesas dos colegas. E chega até a mesa da professora e pergunta: “-Tia, como escreve 4?” (Miranda)

-“Qua- tro, TRO” cadê a ficha com sílabas complexas que entreguei ontem? Pergunta a professora.

Brian brinca de saci na sala, pulando com um pé, vai no fundo da sala e retorna. A professora chama a sua atenção:

- “Senta Brian”!

Ele continua em pé, do lado da mesa brincando com o apontador. Faz o apontador de bola. Depois vai na mesa de alguns colegas e pára na lixeira apontando um lápis. Agora ele fica do lado de uma mesa e começa a girar (quase cai).

Pula e roda, dança, joga o lápis para cima. Tropeça na mochila e se joga no chão.

Imitando uma voz aguda diz:

- “Eu não sei escrever: CACAU É BONITO. Eu não sei nem formar frase!” Diz Brian chateado.

- “Senta Brian, faz aí.” Responde a professora.

Gaspar sujou todo o chão com a ponta de lápis. A professora troca-o de lugar com a Viviane e pede para ele ir buscar uma vassoura para limpar o chão. Ele corre e traz a vassoura. Em seguida leva a vassoura em silêncio e retorna em silêncio. Joice está na mesa do Jorge conversando com ele. Brian continua agitado, pulando,

rodando e se jogando no chão. A professora vai de mesa em mesa, ajudando os alunos a escreverem as frases, corrigindo e fazendo intervenções. A professora vai na mesa da Joice porque ela não escreveu nenhuma palavra ainda.

-“Vamos Joice.’ Diz a professora para a aluna.

Brian agora, está com uma moeda nas mãos e ainda de pé, pula e brinca com as moedas na mão.

Célio levanta o dedo, chama a professora e diz:

“-Tia, tia, eu preciso de ajuda!”

A professora vai na mesa do Brian, grita com ele e diz pra sentar. Coloca a mesa dele no fundo da sala. Ele fica sentado, mas não faz. Célio ainda está levantando o dedo. Agora ela vai na mesa dele o ajuda. Brian e Flávio estão com os dedos levantados. Carmen pergunta para a professora: -“Agora está certo, professora”.

Uma funcionária chega na sala e diz é o lanche.

Eles se organizam em fila e vão para o refeitório. São 9h12. Às 9h23 os alunos retornam e entram correndo e brincando na sala.

Brian corre e se joga no chão e derruba o estojo de lápis da Miranda.

Ela reclama: -” Olha o que você fez!”

-“Não foi eu não.’ Responde Brian.

Brian brinca com uma moeda. Ele está ajoelhado no chão e brinca na cadeira

Gaspar. Está com uma cédula na boca. A professora chama a atenção dele e explica que dinheiro é muito sujo, que não pode colocar na boca. Ele escuta em silêncio. 9:30h o sinal tocou. Todos foram para o recreio

Heitor não foi. Ficou sozinho na sala. Fui até à mesa dele. Perguntei o motivo dele não ter ido. O menino responde: “Eu não quero ir tia. Quero ficar aqui”

Eu pergunto: “-Porque?”

Ele ficou em silêncio. Perguntei porque ele estava triste. Os seus olhos encheram de lágrimas e respondeu: -“Eu quero voltar para a outra escola, eu estou com saudade dos meus amiguinhos.”

Ele mora apenas com o pai, disse que viu a mãe apenas uma vez, que não tem irmãos. Que quer os amigos de volta, que gostava da outra escola. Hoje é o terceiro dia dele na sala.

Chamei ele para o fundo da sala onde tem um balde de brinquedos. Ele pegou um boliche (2 pinos e brincou por uns cinco minutos) nisso o sinal tocou. Ele correu para a cadeira e deitou a cabeça na carteira. Hoje ele está com o semblante triste. Quase não saiu do lugar e nem conversou com os colegas da sala.

A professora passa nas mesas dando orientações aos alunos.

Heitor agora está ajoelhado no chão batendo palmas, brincando com as mãos.

-“Heitor, vai para o lugar!” Fala a professora para o aluno.

Ele se levanta do chão e senta-se na cadeira.

A sala está em silêncio. Os alunos retomaram a atividade

Heitor continua brincando com as mãos, mas faz a atividade proposta.

Brian está sentado no lugar copiando a ficha das sílabas complexas no caderno. Ele não conhece as letras do alfabeto.

- “Tia, tia, me ensina aqui’. Pede Brian à professora.

Flávio volta no cartaz e procura pela sílaba T.

-“TA- TE-TI-T0-TU”.

A Professora pergunta :-“Jorge, cadê a sua folha? Cadê?”

A professora não tinha dado uma atividade pra ele. 9h56, ela percebeu três horas depois do início da aula. Miranda faz a atividade sem se sentar.

Tem um copo na cadeira dela. A professora ainda não foi à mesa do Brian e ele abaixou o braço. Heitor está com a cabeça deitada na mesa.

Falei com a professora sobre o que ele disse no recreio (ela disse que ele é muito carente). Robson, Joice e Jonh conversam sorridentes.

Gaspar e Brian continuam brincando com o lápis, jogando um no outro. Gaspar corre tentando desviar dele. Joice e Karen estão de pé se abraçando. Brian corre atrás do Gaspar para jogar o lápis nele. Ele joga dois lápis do seu estojo pela janela da sala.

A professora chama os alunos para corrigir os cadernos deles na mesa dela. Alguns se levantam. Brian, Tony, Joice ficam ao redor da mesa do Lino, tentando ver o que ela escreve.

Tony lê: “ PA -RA -BÉNS!”

-“ Parabéns, que legal!” Tony dá um abraço e um beijo em sua bochecha. Depois todos voltam para o lugar.

A professora diz para todos: “-Oh, quem não terminou vai terminar em casa, pedir para mamãe ou o papai ajudar. Guardem o caderno e peguem o de Matemática.”

Os alunos trocaram o material. A professora escreve no quadro

Matemática, livro 76

Brian está no chão e todos os lápis do estojo dele estão espalhados no chão.

Ela dá orientações sobre a atividade, colorir um trabalho de dama- sequência cor/sem cor. A professora sai da sala para pegar um livro para o Heitor. Flávio diz que precisa também porque não tem. Heitor saiu do lugar e joga um brinquedo, depois esconde debaixo da mesa, e sai novamente. A professora retorna. Heitor está no chão brincando, a professora manda ele voltar para o lugar.

Jonh diz: “-Ô tia, é para colorir com cor de pele preto, né?” O aluno que pergunta é negro.

Karen está na mesa da Miranda com o livro; estão fazendo juntas as atividades uma está ajudando a outra.

- “Deixa ela fazer Hugo”. Diz a Professora.

- “Eu já falei para ela (Carmen) que não vou ajudar, ela ficar insistindo”. Comenta Célio para a professora.

Todos estão fazendo a atividade proposta. Os alunos são calmos e tem o hábito de falarem em tom baixo. Carmen vira para traz observando o livro do Célio. Brian está sentado (chinesinho) no chão. A mesa está desorganizada. Os lápis dele continuam no chão espalhados com o estojo.

A professora passa para o outro exercício do livro e explica com o livro aberto para eles desenhar e preencherem nas malhas a sequência iniciada.

Jonh pede para a professora: “- O tia, explica outra tarefa pra mim?”

Ele costuma terminar rápido as atividades propostas.

-“Tem que esperar, você vai ficar na frente dos seus colegas”. Responde a Professora.

Brian continua correndo e pulando e se jogando no chão. Não está fazendo a atividade proposta. A professora vai em algumas das mesas e entrega bilhetes para colarem na agenda. Todos correm, pegam a agenda a professora passa de mesa em mesa colando os bilhetes. Brian continua dando saltos e se jogando no chão.

- “O que você fez Viviane? “ Pergunta a professora para a aluna. Depois comenta em voz alta:

“Ela faz tudo errado, ao invés de perguntar para a tia, tirou da cabeça dela!”

Brian da pirueta na sala.

10h40 faltam 20 minutos para começarem as vans a chamar.

27/09/18 quinta feira

Lia não veio hoje à aula novamente.

Após todos os alunos rezarem no pátio eles entram na sala.

Organizam-se nas carteiras. E pegam o caderno de “para casa”

Jorge pega o caderno empolgado sorrindo e diz:

- “Tia, hoje eu fiz a tarefa!”

- “Viu, como é legal trazer a tarefa de casa!” Responde a Professora.

- “Agora, conforme foi combinado ontem, eu quero ver as frases de ontem que vocês ficaram de terminar em casa.” Continua a professora.

Ela olha o caderno dos alunos. Gaspar não tinha feito e tenta terminar na sala. A professora diz que era para ele ter feito em casa ontem. E vai no caderno dele carimbando (carimbo de incompleto).

-” Ai não!” Reclama Gaspar.

Tony ajuda o Célio a escrever o nome.

A professora escreve no quadro: CAMA.

“O que está escrito aqui?” Pergunta a professora aos alunos.

- “Macaco” Responde Karen.

- “Não é macaco, nem maca”, a professor diz.

Heitor está no chão com todo o material da mochila em cima da mesa, com tudo bagunçado. Ele não está fazendo a atividade e nem copiando o cabeçalho.

A diretora aparece na porta e pergunta em voz alta: -“Cadê o seu uniforme Carmen?”

-“Está lavando! Responde Carmen.

-“O meu também”, diz Jorge.

Heitor esta deitado na cadeira com a barriga de bruços.

Joice e Miranda estão ajoelhados no chão usando a cadeira como mesa.

Os demais seguem fazendo a atividade. No próximo sábado acontecerá o lançamento do livro de poesia feito pelos alunos.

Brian está sentado atento à atividade.

Rui é um menino calmo, tranquilo e quase não se levanta do lugar ou conversa. Faz todos as atividades propostas.

Miranda faz uma provocação com o Jorge.

“Ai meu, pára, me deixa quieto?” Diz Jorge.

“Brian reclama: -“ O menino está quieto fazendo a tarefa dele e ela fica atrapalhando.”

- “O tia, ninguém me ajudou na tarefa de casa (diz Brian para a professora todo sorridente).

- “Você está sem recreio?” Pergunta Brian.

-“Não, eu fiz tudo a tarefa , eu não tô sem recreio não!” Responde Jorge contente.

A professora dá orientações nas atividades para o Heitor.

- “Tia, olha aqui, até eu fiz!” Gaspar mostra o caderno para a professora e ela diz:

“-Não resolve agora, isso se chama tarefa para casa, não é para fazer na sala, não, é em casa!”

Gaspar volta para a sua mesa emburrado.

Rui mostra a atividade dele para a Carmen, ela dá um abraço nele e passa a mão nos seus cabelos.

A professora sai da sala para encher o copo com água. Heitor e Anderson brincam. Caiu cola no caderno do Rui. Alguns alunos ficam ao redor da cadeira dele e começam a ajudá-lo. Heitor e Brian correm na sala, jogando o estojo para cima. Os dois tropeçam e Brian cai por cima de Heitor que bateu a boca fortemente no chão. Imediatamente ele se levanta e volta para o lugar.

A professora retorna para a sala com a água e chama a atenção dos dois.

A professora sai da sala novamente.

Vários alunos se levantam do lugar e brincam na sala.

A professora retorna novamente com uma caixa de revistas para recortes.

A professora diz: “-Agora vamos aprender sobre as sílabas complexas.”

A professora conversa com o Heitor baixinho ao lado dele e termina a conversa dizendo que não quer escutar reclamação dele dos colegas. A professora escreve no quadro e explica dizendo que é para recortar 5 palavrinhas com BR nas revistas.

BR – BRASIL – BRA-BRE-BRI-BRO-BRU

Os alunos se levantam e pegam as revistas na caixa.

Heitor trouxe um boneco do personagem Homem de Ferro para a sala. Miranda e Karen conversam sorridentes.

Rui comenta:

“-Tia, achei o BRI de novo!”

Rui continua:

“-Tia, achei o BRA!”

A professora pergunta:

“-Que palavra é essa?”

“-Bradesco!” Rui responde.

“-Isso mesmo!”

A professora pega uma revista, mostra a capa para os alunos e pergunta se alguém consegue ler a palavra que está escrita. Todos ficam ao redor da professora tentando ler a palavra.

Gaspar tenta: “-Bo – Bom- Bom – Br – Bri – Bombril tia!”

“-Isso mesmo, parabéns!” Responde a professora.

Gaspar comemora contente e vai para o lugar com a revista nas mãos. Os alunos estão empolgados.

Joice diz para o Tony: “-Eu achei uma gigante, olha só!”

Gaspar vai correndo para a professora com a revista na mão dizendo:

“Ô tia, eu achei brilho, olha só aqui!”

“-Isso mesmo”, responde a professora.

Gaspar volta para o lugar correndo e pulando de alegria.

Hoje o Gaspar está fazendo as atividades propostas. Correu para a caixa de revistas para escolher uma também e por duas vezes abraça a professora. A professora pergunta para o Heitor:

“-Você já sabe o que tem que procurar?”

Heitor responde:

“-Sei sim, aquelas letras alí, ó.” Ele aponta o dedo para o quadro.

Uma funcionária da escola chega na porta e anuncia que é o horário do lanche. Os alunos comem primeiro no refeitório e só depois vão para o recreio. A professora explicou que do contrário, eles apenas brincam e não comem. Após comerem no refeitório, voltam para a sala e retomam as atividades.

Joice, Miranda e Rui procuram as palavras ajoelhados no chão e apoiando as revistas nas cadeiras. A professora deixa os alunos à vontade na sala, sem exigir que fiquem sentados em silêncio na cadeira o tempo todo.

Heitor corre até a mesa da professora e diz:

“-Essa daqui, ó, essa daqui!”

A professora completa:

“Brado, isso mesmo!”

Heitor sorri e retorna contente para a sua mesa e cola a palavra no caderno.

Recreio, o sinal toca.

Hugo Vítor, Gaspar e Brian dão cambalhotas na sala antes de irem para o recreio.

Retornando do recreio a professora explica que vai dar apenas mais 5 minutinhos para terminarem a atividade.

Lia chegou agora, às 9h50.

A professora chama a atenção dela:

“-Isso são horas, Lia?”

A professora leva a aluna para a coordenação anunciando o horário que ela chegou.

A professora retorna irritada dizendo que foi a mãe dela quem a trouxe, mas não explicou nada para a coordenação.

A professora pega uma cadeira para a Lia sentar porque na sala não tinha mais.

A professora conta para a colega da sala ao lado e ela diz para a Lia:

“-Chegou para o almoço, Lia ?

Miranda e Célio perguntam para a Lia:

“-Isso é hora de chegar na sala, hein?”

O secretário chega à sala e faz a chamada.

A professora leva a caixa com as revistas e pede para quem não tiver terminado, concluir em casa porque precisa dar Matemática. E ela entrega uma revista para o Heitor para terminar em casa.

A professora espera de braços cruzados eles ficarem em silêncio e diz que vai descontar o tempo da Educação Física. Em seguida passa umas operações de adição e subtração no quadro. Com o caderno de planejamento nas mãos ela passa a atividade.

A Lia copia as atividades do quadro lentamente e em total silêncio, desde que entrou na sala de aula.

28/09/18 – sexta-feira

A Lia ainda não chegou.

No quadro a professora passou atividades, cabeçalho, nome, alfabeto maiúsculo e minúsculo. Depois que copiam a professora passa um ditado para fazerem. Os alunos estão sentados em duplas.

Heitor está no fundo da sala de castigo porque brigou antes do início da aula e desacatou a supervisora depois que a mesma tirou das mãos dele o boneco do Homem de Ferro. Ele gritou com ela e colocou as mãos no ouvido.

Alguns alunos estão sozinhos.

Agora é o momento da leitura. Os alunos pegam os livros de literatura e fazem a ficha no caderno seguindo as orientações solicitadas.

Heitor faz a atividade tranquilamente na mesa, no fundo da sala. Ele olha para o cartaz na parede e tenta ler as palavras.

Hora do lanche e em seguida o recreio. Os alunos retornam, Brian entra correndo e se joga no chão. Heitor roda várias vezes até ficar tonto e senta-se na cadeira.

É o momento de leitura. Cada aluno pega um livro, lê em sua mesa e depois reconta para os colegas.

Gaspar com o livro em mãos vai para a frente da sala e lê o título do livro:

“- Quero que você me diga.”

O aluno conta a história com a ajuda da professora, que faz perguntas referentes ao livro. A professora auxilia a Karen na atividade, ela está sentada junto à mesa da professora.

“-Silêncio gente, leiam baixinho, não dá pra ler nesse barulho.” Diz a professora.

A professora orienta a Karen:

“-Qual é o L de LEÃO, olha lá na parede a letra L, Karen. Agora o SA, SA de sapo.”

A professora vai ensinando a aluna a escrever as palavras.

Heitor está concentrado recortando uns papéis na mesa e colando. Agora Heitor vem até minha direção e mostra o que fez. É uma colagem no formato de barco de papel. Eu elogiei e disse que estava muito bonito. Ele respondeu:

“-Toma, pode ficar pra você.”

Eu agradei e dei-lhe um abraço.

O sinal toca. É recreio.

A supervisora grita no pátio: “- Não é para correr, é pra ficar sentado na porta da sala.”

O sinal toca e logo em seguida os alunos fazem fila no pátio para o momento cívico.

De volta à sala os alunos continuam com a atividade.

Flávio conta o livro empolgado com riqueza de detalhes o livro de imagens. Os alunos ficam ao redor dele acompanhando o colega contar e depois batem palmas para ele.

A professora pergunta novamente:

“-Agora, quem quer ler também?”

Célio conta a história. Todos prestam atenção no colega enquanto ele conta. Heitor, sentado no chão, escuta atentamente a história. Depois de dar visto nos cadernos a professora entrega uma cartela de bingo aos alunos. Eles ficam empolgados. A professora começa:

“-Vamos lá, o primeiro número, 16, o 1 e o 6. 27, o 2 e o 7. 52, o 2 e o 6.”

Silêncio total na sala, os alunos marcam a cartela. A professora segue com os números:

“-44, o 4 e o 4. 64, o 6 e o 4. 70, o 7 e o 0”. Ela canta o número 9.

Miranda pergunta:

“É o nove sozinho, tia?”

A professora segue cantando os números. Heitor fala empolgado:

“Esse eu tenho, tia. Eu tenho!”

A professora passa nas mesas olhando as cartelas dos alunos, verificando se estão marcando corretamente. E continua:

“- 47, o 4 e o 7”.

Lino grita:

“-Ganhei, ganhei!!!”

A professora dá um pirulito para ele.

Hoje é o dia do brinquedo. A professora orienta.

“-Agora guardem os materiais e peguem os brinquedos. Quem é do Tempo Integral, já pode ir”.

Heitor que é do Tempo Integral chora porque quer brincar e não ir almoçar. Mas acaba tendo que ir para o refeitório.

Passa alguns minutos e a aula termina.

ANEXO A

HORÁRIO SEMANAL DAS AULAS**ESCOLA 1 – NÃO POSSUI****ESCOLA 2 –**

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Português	Ed. Física	Matemática	Geografia	Português
Português	Ed. Física	Matemática	Geografia	Português
Português	Matemática	Valores Humanos	Português	Arte
Recreio				
Matemática	Ciências	Português	História	Matemática
Matemática	Ciências	Português	História	Matemática

ESCOLA 3 -

HORÁRIO 1º ANO				
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
ED.FISICA	HISTÓRIA	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA
PORTUGUÊS	HISTÓRIA	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA
PORTUGUÊS	ED.FISICA	MATEMÁTICA	E. RELIGIOSO	ARTES
RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	GEOGRAFIA	PORTUGUÊS
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	GEOGRAFIA	PORTUGUÊS

ANEXO B - Carta de Autorização para Realização de Pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
Programa de Mestrado em Educação

Carta de Autorização para Realização de Pesquisa

Ao Coordenador/Diretor instituição de ensino _____.

Eu, Érika Cristina Silva Alves, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação – nível de mestrado, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – MG/Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira, estou realizando a pesquisa intitulada **“Aluno no primeiro ano do Ensino Fundamental: como o corpo/corporeidade se expressa na sala de aula?”**

Esta investigação tem por objetivo observar como a criança se expressa na sala.

Para tal, solicito autorização para observar os alunos durante a aula. A abordagem metodológica Análise do Fenômeno Situado consiste em observar e anotar as expressões/movimentos dos alunos durante os momentos de aprendizagem na sala e não haverá ônus nem para a instituição e nem aos alunos sendo que os dados serão sigilosos e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Sem mais, agradeço a atenção e me coloco à disposição para esclarecimentos.

Atenciosamente.

Érika Cristina Silva Alves

Aluna do Programa de Mestrado em Educação

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Orientador

Uberaba, ____ de _____ de 2018.

ANEXO C - Autorização para a Realização de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
Programa de Mestrado em Educação

Autorização para a Realização de Pesquisa

Eu, _____, declaro estar
ciente da pesquisa de Mestrado em Educação que será realizada sobre a expressão dos alunos
do 1º ano do Ensino Fundamental, sob a ótica da corporeidade e autorizo a participação da
instituição de ensino UFTM denominada como Universidade Federal do Triângulo Mineiro,
da cidade de Uberaba/MG.

Uberaba, ____ de _____ de 2018.

Assinatura da direção

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
 Rua Madre Maria José, 122, 2º andar, bairro Nossa Senhora da Abadia, Uberaba,
 MG. CEP 38025–100
 Telefone: (034) 3318 5776 — e-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo “**Aluno no primeiro ano do ensino fundamental: como o corpo/corporeidade se expressa na sala de aula?**” Os avanços na área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante.

O objetivo deste estudo é analisar a expressividade do corpo/corporeidade dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Não será feito nenhum procedimento que leve a qualquer desconforto ou risco à sua vida, porém caso não se sinta à vontade durante o período da coleta, sua participação no estudo poderá ser interrompida imediatamente. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento.

Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo pois, será identificado com um número.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que será submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro pela participação do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

_____ de _____ de 2018.

 Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

 Documento de Identidade

 Assinatura do pesquisador responsável
 Érika Cristina S. Alves

 Assinatura do pesquisador
 Orientador
 Wagner Wey Moreira

erika17csalves@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ético em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone +55 (34)3318-5854.

ANEXO E - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCEDIMENTOS EDUCACIONAIS EM ESPAÇOS CURRICULARES E EXTRACURRICULARES: AÇÕES E REAÇÕES

Pesquisador: Regina Maria Rovigati Simoes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50087115.6.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.343.986

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

"O processo educativo está relacionado a vários fatores que vão influir tanto nos sujeitos que o ministram, quanto naqueles que o recebem. Em relação aos professores como também os diferentes profissionais, é relevante destacar a experiência, o campo de atuação, as condições de trabalho, a motivação e em especial a formação inicial e continuada. As constantes mudanças ocorridas nos campos de atuação exigem que o processo formativo seja cada vez mais dinâmico, esteja atento aos avanços científicos e tecnológicos, seja aberto a novas metodologias e práticas educativas e, principalmente, reconheça as novas formas de reconstruir, continuamente, a formação no sentido de oferecer maior qualidade e compromisso com a busca da cidadania.

Tardif (2002, p. 190) afirma que o professor deve ser capaz de:

Analisar situações complexas referentes a várias formas de interpretação, de escolher, de maneira rápida e refletida estratégias adaptadas aos objetivos e as exigências éticas, de extrair, de um vasto repertório de saberes, técnicas e ferramentas, que mais são adequados e estruturá-los em forma de dispositivo, de adaptar rapidamente seus projetos por ocasião das interações formativas; enfim de analisar de maneira crítica suas ações e os resultados delas e, por meio dessa avaliação aprender ao longo de toda a sua carreira.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122	CEP: 38.025-100
Bairro: Nossa Sra. Abadia	
UF: MG	Município: LIBERABA
Telefone: (34)3318-5776	Fax: (34)3318-5776
	E-mail: cep@pesqg.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Projeto: 1.343.986

Não é uma tarefa simples mobilizar saberes que possibilitem a melhor formação, mas, as constantes transformações presentes nos documentos que regem as profissões, no processo formativo em geral, no ambiente escolar, entre outras, só serão percebidas se houver, concomitantemente, uma atitude positiva do professor e ou do profissional educador.

Neste processo, os saberes perpassam por várias esferas, como por exemplo, o entendimento de teoria e prática e a solução dos problemas na atuação profissional pelo futuro professor/profissional (BORGES; DESBIENS, 2005). Essas preocupações parecem ser adquiridas por percepções anteriores ao ingresso na universidade e permanecem durante e posteriormente à formação. Borges (2001) afirma que tanto na prática pedagógica, como no processo formativo, são construídos saberes que tem relação com as experiências de vida e da profissão. A mesma entende que estes saberes instituem um saber-fazer ou que (in)formam suas ações e, dessa forma, o professor e ou o profissional educador estabelece relações com o conhecimento sistematizado.

As diferentes áreas de conhecimento, em especial a Educação e Educação Física, perpassam por momentos conturbados quando se trata de formação profissional e, conseqüentemente, de atuação profissional. Neste contexto, é necessário analisar quais os rumos que tem sido tomados neste processo. Projetos políticos pedagógicos, propostas curriculares e planos de ensino foram alterados para se adequarem ao novo contexto imposto pela legislação brasileira.

Ao mesmo tempo, a população que recebe o processo educativo é diversa e hoje, no mundo globalizado e com a internacionalização tomando conta de alguns espaços, nos leva a refletir como estes sujeitos estão absorvendo o processo educativo.

A ideia proposta com esta pesquisa caminha no sentido de desvelar as conjecturas da formação profissional, assim como a atuação profissional, em especial na área da Educação e da Educação Física. Também se preocupa em conhecer as reações daqueles que recebem estes ensinamentos, com vista a ter um diagnóstico destas ações e contribuir para a formação de profissionais aptos a trabalhar em diversos campos de atuação, com capacidade para atender as demandas existentes da área e a população de uma forma geral."

PERGUNTAS DA PESQUISA

"1. As atuais normatizações e documentos oficiais têm possibilitado garantir qualidade no processo educativo de diferentes área de conhecimento? 2. As instituições formadoras estão propiciando uma formação que atenda aos anseios da sociedade em relação à Educação e à Educação Física e Esporte? 3. A formação profissional inicial e continuada tem conseguido de fato

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
UF: MG Município: LIBERABA
Telefone: (34)3316-5776 Fax: (34)3316-5776 E-mail: csp@psicppg.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Projeto: 1.343.988

se materializar no campo da atuação profissional? 4. Como tem acontecido os procedimentos educacionais em várias áreas de conhecimento no que diz respeito tanto à sua aplicação quanto a possíveis reações dos agentes receptores desses procedimentos? 5. Como os alunos percebem o processo educativo efetivado por projetos ou por propostas curriculares para o ensino formal e não formal?"

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

"Para contemplar a pergunta de pesquisa 1, o objetivo é:

1. Conhecer e analisar os documentos que norteiam o conhecimento necessário e as possibilidades de práticas educativas do docente de diferentes níveis de escolarização como planos de ensino, parâmetros curriculares e projetos pedagógicos, dentre outros;

Para atender a pergunta de pesquisa 2, o objetivo é:

2. Desvelar como se dá a formação inicial e continuada em Educação Física e Esporte, bem como em Educação nas Instituições de Ensino Superior Brasileira, atentando para o estabelecimento de matrizes curriculares, projetos de ensino, projetos de pesquisa e projetos de extensão.

A pergunta 3, tem os seguintes objetivos como meta:

3. Identificar a prática pedagógica do professor profissional de Educação Física e Esporte em diferentes espaços de intervenção: instituições de ensino superior, escolas, academias, clubes, espaços para lazer, projetos sociais, hospitais e outros;

4. Verificar a prática pedagógica do professor da área da Educação que ministra aulas em: instituições de ensino superior, escolas públicas e privadas, creches, projetos sociais e outros;

Na pergunta 4, o foco são os seguintes objetivos.

5. Analisar os valores e os princípios presentes em ações de jogo, de brincadeiras, de aulas, de torcidas organizadas entre outros.

6. Compreender a importância do lúdico como pressuposto pedagógico para o ensino e a vivência de experiências educativas nos mais variados espaços e nas mais diferentes situações de ensino e aprendizagem."

Para atender à pergunta 5 são estes os objetivos:

Endereço: Rua Madre Maria José, 122		
Cidade: Nossa Sra. Abadia		CEP: 38.025-100
UF: MG	Município: LIBERABDA	
Telefone: (34)3318-5776	Fax: (34)3318-5776	E-mail: cep@pexopq.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.343.066

7. Identificar qual a concepção de corpo presente nos discursos e práticas educativas de docentes e discentes pertencentes aos espaços formais e informais de ensino e aprendizagem;
8. Identificar os fatores de adesão e permanência da escolha e prática profissional docente.
9. Buscar reconhecer os motivos que propiciam a realização de tarefas acadêmicas e práticas de exercícios físicos sistematizados por alunos na escola formal e em espaços não formais de vivências corporais, assim como os motivos de permanência e evasão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

"No que diz respeito aos benefícios, primeiramente, permitirá compreender como a Formação e a Atuação Profissional em Educação e em Educação Física e Esporte vem se configurando nos diversos campos de atuação deste profissional nos Estados supracitados no decorrer do projeto e conseqüentemente o fortalecimento da relação Universidade e outros setores da sociedade através do Programa de Mestrado em Educação e em Educação Física da UFTM.

Também avalia a comunidade que está recebendo este processo educativo em diferentes setores.

Destacamos ainda que com os resultados coletados, a partir do momento que o coordenador do projeto e os envolvidos tiverem os resultados em mãos, dependerá apenas deles tomar medidas que tragam benefícios para a comunidade dos projetos investigados."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância temática. Trata-se de parecer referente a pendência anterior. Pesquisadores atenderam todas as recomendações do CEP-UFTM.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos de apresentação obrigatória adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, após a aprovação do projeto pelo CEP institucional, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil o início do mesmo, bem como efetivar os relatórios parciais (semestrais) e final.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122

Bairro: Nossa Sra. Abadia

CEP: 38.025-100

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3318-5776

Fax: (34)3318-5776

E-mail: cep@pesq.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.343.988

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado em reunião de Colegiado do CEP-UFTM em 27/11/2015.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_595216.pdf	23/11/2015 00:41:37		Aceito
Outros	CEP_Educa_2015_Resposta_Diligencia.doc	23/11/2015 00:40:50	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Questionario_Educa.doc	14/10/2015 20:09:33	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Escola_Lau.doc	14/10/2015 20:08:49	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Hospital_Ara.doc	14/10/2015 20:08:22	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Escola_J.doc	14/10/2015 20:08:35	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autoriza_Escola_F.doc	14/10/2015 20:03:57	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.doc	14/10/2015 20:01:51	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Educa.doc	04/10/2015 18:12:49	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CEP_Educa_2015_Final.doc	21/09/2015 13:37:57	Regina Maria Rovigati Simoes	Aceito

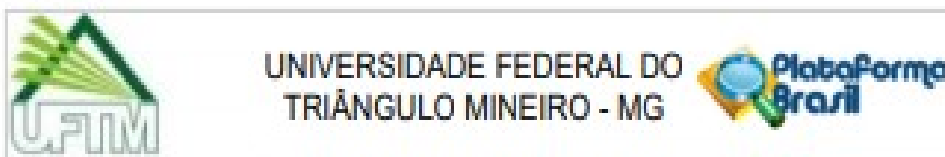
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Madre Maria José, 132
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
UF: MG Município: UBERÁBIA
Telefone: (34)3316-5776 Fax: (34)3316-5776 E-mail: cep@pesqguftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG

Continuação do Processo: 1.343.688

UBERABA, 30 de Novembro de 2015

Assinado por:
Marly Aparecida Spadotto Balarin
(Coordenador)

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3316-5776 **Fax:** (34)3316-5776 **E-mail:** cep@pesqg.ufm.edu.br